

MÓDULO 25

CONCORDÂNCIA VERBAL II

	SINGULAR	PLURAL
SUJEITO COMPOSTO	Se o verbo estiver anteposto ao sujeito, pode concordar com o núcleo mais próximo (facultativo). <i>Morreu estupidamente o pai e o filho.</i>	Se o verbo estiver anteposto ao sujeito (facultativo). <i>Morreram estupidamente o pai e o filho.</i> Se o verbo estiver posposto ao sujeito (obrigatório). <i>O pai e o filho morreram estupidamente.</i>
UM E OUTRO OU NEM UM NEM OUTRO NO SUJEITO	Facultativo. <i>Um e outro perigo era inevitável.</i> <i>Nem um nem outro casaria com a moça.</i> <i>Um ou outro político viria inaugurar a ponte.</i>	Facultativo. <i>Um e outro perigo eram inevitáveis.</i> Obrigatório: quando há ideia de reciprocidade. <i>Uma e outra colega se comunicam mensalmente.</i>
MAIS DE UM + SUBSTANTIVO SINGULAR	Quando <i>mais de um</i> não estiver repetido e não houver ideia de reciprocidade. <i>Mais de um candidato não compareceu.</i>	Quando <i>mais de um</i> aparece repetido. <i>Mais de um parente, mais de um amigo davam gritos de alegria.</i> Quando há ideia de reciprocidade. <i>Mais de um vereador ofenderam-se na câmara.</i>
SUJEITO LIGADO POR OU OU POR NEM	Quando <i>ou</i> ou <i>nem</i> tem valor excludente (um exclui o outro). <i>O seu sucesso ou o seu fracasso depende de seu próprio esforço.</i> <i>Nem o seu time nem o meu time vencerá o campeonato.</i>	Quando o fato expresso pelo verbo puder ser atribuído a todos os núcleos. <i>Bajulação ou privilégio não me corrompem.</i> <i>Nem ele nem sua mulher concordavam com o nosso namoro.</i> Quando há retificação numérica. <i>O policial ou os policiais prenderam o assaltante.</i>
EXPRESSÃO PARTITIVA + PALAVRA NO PLURAL	Facultativo (concordância com a expressão partitiva). <i>Uma parte dos torcedores deixou a arquibancada.</i>	Facultativo (concordância com a palavra no plural). <i>Uma parte dos torcedores deixaram a arquibancada.</i>
PORCENTAGEM	Com numeral <i>um</i> ou sucedido de substantivo no singular. <i>Sabe-se que 1% não apresentou os documentos exigidos.</i> <i>A pesquisa mostrou que 17% dessa população é analfabeta.</i>	Com numeral <i>um</i> sucedido de substantivo no plural. <i>Sabe-se que 1% dos candidatos eram universitários.</i> Com numeral que não seja <i>um</i> seguido de substantivo no plural. <i>A pesquisa mostrou que 17% dos candidatos haviam desistido.</i>
LOCUÇÕES PRONOMINAIS ALGUM DE NÓS, ALGUNS DE NÓS, MUITOS DE VÓS, QUAIS DENTRE ELES ETC.	Quando o pronome da locução estiver no singular. <i>Algum de nós troca o amor pelo ódio?</i> <i>Qual dentre eles toca violão?</i>	Quando o pronome da locução estiver no plural, o verbo concorda com o pronome pessoal reto (<i>nós, vós</i> ou <i>eles</i>) ou vai para a terceira pessoa do plural. <i>Alguns de nós trocamos o amor pelo ódio?</i> <i>Alguns de nós trocam o amor pelo ódio?</i>
COM	Quando o <i>com</i> introduz adjunto adverbial de companhia (entre vírgulas). <i>O presidente, com vários ministros, viajou para a Europa.</i>	Quando o <i>com</i> liga elementos do sujeito composto. <i>O presidente com vários ministros viajaram para a Europa.</i>
NOME PRÓPRIO DE PLURAL APARENTE	Quando não vem determinado por artigo ou com artigo no singular. <i>Campos é uma região petrolífera.</i> <i>O Amazonas nasce nos Andes.</i>	Quando vem determinado por artigo no plural. <i>Os Estados Unidos elegeram novo presidente.</i> <i>Os Lusíadas representam a faceta épica da poesia camoniana.</i>

1. (ESPM) – Dada uma frase, assinale a continuação cuja concordância verbal **transgrida** o que preceitua a norma culta.

Pesquisa Datafolha mostra que perfil conservador do brasileiro continua forte:

- a) 47% do eleitorado diz ter posição política de direita.
- b) 47% dos eleitores dizem ter posição política de direita.
- c) 47% diz ter posição política de direita.
- d) 47% dizem ter posição política de direita.
- e) 1% dos eleitores não souberam responder à pesquisa.

Resposta: C

2. (UFAC) – Assinale a alternativa correta, segundo as regras da norma culta do português, quanto à concordância verbal.

- a) 90% dos entrevistados aprovam a resolução.
- b) 2% do eleitorado não sabem em quem votar.
- c) 1% dos alunos faltou ao exame.
- d) 32% quer a retirada dos barracos já.
- e) 1% conhecem a região profundamente.

Resposta: A

3. (CÁSPER LÍBERO) – Assinale, entre as alternativas abaixo, aquela que **não** apresenta falhas de concordância verbal.

- a) Somente 40% das pessoas surfa de madrugada e 60% dos usuários possuem idade superior a 35 anos.
- b) Muitos de nós já recebemos os carnês atrasados.
- c) Eu, ele e tu fostes aprovados no concurso.
- d) Publicitários, jornalistas, professores, artistas, ninguém contestaram as decisões governamentais.
- e) Os Estados Unidos destacou-se no último festival de música.

Resposta: B

4. (IME) – Observe as orações abaixo.

- I. Nos jogos olímpicos, os competidores brasileiros derrotaram a seleção russa e a japonesa.
- II. Este fato já aconteceu bastantes vezes na história dos jogos olímpicos.
- III. Mesmo com tantos desacertos, ainda haverão possibilidades para a vitória.
- IV. Os atletas são tais qual o técnico.
- V. Mais de um atleta têm conseguido superar os recordes mundiais.

Dentre as orações observadas, as que podem ser consideradas corretas segundo à sua concordância são apenas

- a) II, III e V. b) I e IV. c) III, IV e V. d) I, II e IV. e) III e V.

RESOLUÇÃO:

III. Mesmo com tantos desacertos, ainda *haverá* possibilidades para a vitória.

IV. Está correta: *Tal* concorda com o substantivo anterior e *qual* com o posterior.

V. Mais de um atleta *tem* conseguido superar os recordes mundiais.

Resposta: D

5. (ESPM-2012) – Das frases abaixo, assinale aquela que transgride as regras de concordância verbal:

- a) A maior parte dos brasileiros no topo da pirâmide acredita que faz parte da classe média.
- b) Um terço dos internautas brasileiros já possui smartphones.
- c) Pelo menos dois terços da dívida dos EUA está de posse de países do G20.
- d) Da fatia de 10% mais pobre da população brasileira, 32% da renda é consumida com impostos.
- e) Da fatia de 10% mais pobre da população brasileira, 32% dos rendimentos são consumidos com impostos.

Resposta: C

6. (CÁSPER LÍBERO) – Assinale a alternativa em que se repete a mesma regra da concordância verbal observada em: ... *nenhuma dessas caprichosas me fez esquecer a primeira amada do meu coração?*

- a) Assim chorem por mim todos os olhos de amigos e amigas.
- b) Nem só os olhos, as restantes feições, a cara, o corpo, a pessoa inteira, iam-se apurando com o tempo.
- c) Se não fosse a astronomia, não descobriria eu tão cedo as dez libras de Capitu.
- d) Capitu ia lá coser, às manhãs; alguma vez ficava para jantar.
- e) Qual desses desejos poderia fazê-lo erguer-se da solidão?

RESOLUÇÃO:

Resposta: E

A questão 7 refere-se ao texto abaixo.

Tem coisas que ficam melhores de cabeça para baixo



Novo Rexona Roll-On Muito mais fácil de usar



7. (ESPM) – Assinale a afirmação **incorreta** sobre a propaganda

- a) Na 1.ª frase, a forma verbal *Tem* pode ser corretamente substituída por *Há*.
- b) Na 1.ª frase, a forma verbal *Tem* pode ser corretamente substituída por *Existem*.
- c) A frase, nessa propaganda (como em muitas outras), lança mão de uma linguagem coloquial.
- d) A expressão “de cabeça para baixo” é pejorativa, mas no texto ganha um valor positivo.
- e) A forma verbal *Tem* deveria ser acentuada (*Têm*), por tratar-se de plural.

RESOLUÇÃO:

Resposta: E

8. (UNIFESP) – Considerando os aspectos de concordância e de crase, assinale a alternativa correta.

- Os jovens, da adolescência à vida adulta, muitas vezes se depara com conflitos referente à sua sexualidade.
- O mundo atual oferece muitas informações à seus jovens que, para falar em sexo, encontram bastante dúvidas.
- Dúvidas frequentes e conflito pode fazer com que o jovem não chegue à uma exata dimensão da sua sexualidade.
- Com informações à disposição, ainda existe dúvidas sobre sexo para o jovem moderno.
- Hoje, assiste-se a uma transformação dos valores relativos à sexualidade do jovem.

RESOLUÇÃO: Em: a) *depara* (por *deparam*), *referente* (por *referentes*); b) *à* (por *a*), *bastante* (por *bastantes*); c) *pode* (por *podem*), *à* (por *a*); d) *existe* (por *existem*). Resposta: E

9. (FAVIP) – A concordância verbal é uma das normas prestigiadas no uso formal da língua. Entre as alternativas abaixo, identifique aquela que está de acordo com tais normas.

- Houveram discursos no Brasil que supervalorizou as influências africanas sobre a formação da língua portuguesa.
- No português brasileiro, devem ter havido influências africanas bem menos significativas do que aquelas devidas a Portugal.
- Nenhuma das línguas africanas deixaram mais marcas no português brasileiro que as línguas europeias.
- Mais de uma língua africana deixou marcas profundas de sua influência na formação do português brasileiro.
- Existe, na história, registros de línguas africanas que deixaram mais marcas no português brasileiro que as línguas europeias.

RESOLUÇÃO: Em a, *houve*, *supervalorizaram*; em b, *deve*; em c, *deixou*; em e, *existem*. Resposta: D

MÓDULO 26

CONCORDÂNCIA VERBAL III

VERBO SER	SINGULAR	PLURAL
NA DETERMINAÇÃO DE DATAS, HORAS E DISTÂNCIA	Com predicativo no singular. <i>Hoje é dia treze de maio.</i> <i>É meio-dia. Logo será uma hora.</i> <i>Daqui até lá é um quilômetro.</i>	Com predicativo no plural. <i>Hoje são treze de maio.</i> <i>São sete horas. Logo serão oito horas.</i> <i>Daqui até lá são quinze quilômetros.</i>
NA INDICAÇÃO DE PREÇO, MEDIDA OU QUANTIDADE	Com predicativo no singular. <i>Cem reais é pouco.</i> <i>Três metros é muito.</i> <i>Cinco quilômetros é demasiado.</i>	
SUJEITO NÃO DETERMINADO POR ARTIGO OU PRONOME POSSESSIVO	Com predicativo no singular. <i>Pessoas falsas é veneno.</i> <i>Plumas coloridas é sinal de festa.</i>	
PRONOMES ISTO, ISSO, AQUILO, TUDO OU O (= AQUILO) COMO SUJEITO E PREDICATIVO NO PLURAL	Concorda com sujeito (facultativo). <i>“E tudo é chuvas que orvalham...”</i> (Fernando Pessoa)	Concorda com predicativo (facultativo). <i>“Luís Alves respondeu que eram tudo qualidades excelentes.”</i> (Machado de Assis)

SUJEITO – VERBO SER – PREDICATIVO

1. A palavra que indica pessoa prevalece sobre a que indica coisa . <i>O homem é cinzas.</i> <i>Estas cinzas é meu pai.</i>	3. O plural prevalece sobre o singular , desde que não se contrariem as duas regras anteriores. <i>As alegrias verdadeiras são a recompensa dos justos.</i> <i>O problema eram os móveis.</i>
2. O substantivo próprio prevalece sobre o comum . <i>O Dr. Onofre era suas esperanças de cura.</i> <i>Os cuidados da mãe é Lili.</i>	4. O pronome reto prevalece sobre qualquer palavra . <i>Aqui o chefe sou eu.</i> <i>O traidor foste tu.</i>

Texto para a questão 1.

A Polícia Federal investiga os suspeitos de terem ajudado na fuga para o Paraguai e a Argentina. A polícia desses países não puderam prendê-los porque o governo brasileiro não fez o pedido formal de captura.

(Adaptado de *O Estado de S. Paulo*)

1. (FUVEST)

- a) No 2.º período, há uma infração às normas de concordância. Reescreva-o de maneira correta.

RESOLUÇÃO:

A polícia desses países não pôde prendê-los porque o governo brasileiro não fez o pedido formal de captura.

- b) Indique a causa provável dessa infração.

RESOLUÇÃO:

A causa provável é o fato de o núcleo do sujeito (polícia) estar acompanhado de um determinante, assim, fez-se a concordância com o determinante no plural (desses países), erroneamente, em lugar de a fazer com o núcleo do sujeito, conforme estabelecem, nesse caso, os princípios de concordância verbal.

2. (FUVEST) – Indique a alternativa correta.

- a) Filmes, novelas, boas conversas, nada o tiravam da praia.
b) A pátria não é ninguém: são todos.
c) Se não vier as chuvas, como faremos?
d) É precaríssima as condições do prédio.
e) Vossa Senhoria vos preocupais demasiadamente com vossa imagem.

RESOLUÇÃO:

Resposta: B

3. (UFPE) – Segundo a norma padrão da língua portuguesa, a alternativa em que as regras da concordância nominal e verbal foram respeitadas é:

- a) O resultado das mais recentes pesquisas, em anexo, mostraram índices preocupantes. Faltou soluções mais decisivas.
b) Fiquem alerta: nenhum dos programas apresentados concederam prioridade à produção do texto escrito.
c) Minas Gerais desenvolve pesquisas de ponta na área da alfabetização. Um novo grupo assumiram, eles mesmo, a coordenação dessas pesquisas.
d) Foi passada uma série de informações infundadas, pois a maioria dos alunos lê literatura brasileira. Qual das pesquisas já enfatizou isso?
e) Os pesquisadores, eles mesmo, em quase sua totalidade, está de acordo em relação à urgência do incentivo à leitura.

RESOLUÇÃO:

Em a, mostrou, faltaram; em b, concedeu; em c, assumiu, eles mesmos; em e, eles mesmos, estão.

Resposta: D

4. (PUCC) – Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal e a nominal estão corretas.

- a) Era oito horas e até aquela hora tinha sido evitado, graças à presença de correspondentes estrangeiros, uma série de assuntos sobre política econômica.
b) Avaliou-se com muita calma, no encontro que se deu fazem uns quinze dias, as mais diferentes versões sobre o manifesto a favor da Ecologia, que havia sido publicada pela imprensa.
c) Os estudos para a fusão das duas companhias dura mais de dois meses, mas o concurso para a escolha dos nomes dos novos produtos já tem sido amplamente divulgados.
d) Seja quais forem as críticas que possam ser feitas, a verdade é que eles pretendiam, cada um a seu modo, defenderem seus pontos de vista, mesmo sabendo que nem todos eram igualmente defensável.
e) Novas taxas, em virtude dos últimos aumentos, parecem inevitáveis; indicam-se os motivos do reajuste em documentos que encaminho anexos a este.

RESOLUÇÃO:

Em a, eram e evitada; em b, avaliaram-se, faz, publicado; em c, duram, divulgado; em d, sejam, defender, defensáveis.

Resposta: E

5. (FGV-ADM.) – Assinale a alternativa em que o uso dos verbos *fazer*, *haver* e *ser* está de acordo com a norma culta.

- a) Ele não se olhava no espelho *haviam* três dias. A esposa se queixava muito daquela situação.
b) *Faziam* dias alegres naquele verão. Muito calor e muita mulher bonita.
c) Não *houveram* mais casos de dengue nas redondezas, desde a intervenção do médico.
d) Meu maior incômodo *são* as aves noturnas que vêm *fazer* ninho no forro da casa.
e) Agora *são* meio-dia. As pessoas que *fazem* a sesta se dirigem a casa.

RESOLUÇÃO:

O plural prevalece sobre o singular quando o verbo *ser* for pessoal. Portanto, a concordância ocorre com o predicativo no plural (*as aves noturnas*) e não com o sujeito no singular (*Meu maior incômodo*). Na locução verbal *vêm fazer*, o verbo principal *fazer* fica invariável. Em a, b e c, os verbos são impessoais (*haver* e *fazer*) e devem permanecer na terceira pessoa do singular (respectivamente *havia*, *fazia* e *houve*); em e, o verbo *ser* é também impessoal, mas concorda com o termo a que se refere (*meio-dia*), sendo a concordância correta: *Agora é meio-dia*.

Resposta: D

6. (ESPM) – Assinale a opção em que a concordância do verbo **não é aceita** pela norma culta ou padrão:

- a) Barganhas e favorecimentos é sinal de corrupção.
b) Já são meia-noite e a Câmara dos Deputados ainda não votou o projeto.
c) Suas noites de insônia era Marina Silva.
d) Dois bilhões de reais para a área da Saúde é pouco.
e) Hoje são 15 de novembro. Amanhã serão 16.

RESOLUÇÃO: já é meia-noite.

Resposta: B

7. (UNIPAR) – Aponte a alternativa que contém a concordância **menos aceitável**.

- a) Isto são sintomas menos sérios.
- b) Aquilo são lembranças de um triste passado.
- c) Suélen foi os sonhos de sua mãe.
- d) Aquela jovem tinha duas personalidades.
- e) Flávia eram as preocupações da família.

RESOLUÇÃO:

Em *a*, pode ser *é* ou *são*; em *b*, *idem*; em *c*, concorda com a pessoa *Suélen* e, em *d*, concorda com o sujeito *aquela jovem*.

Resposta: E (*era*)

8. (FGV-Econ.)



- I. Em discurso direto, quanto à concordância, a primeira fala da charge estaria corretamente redigida da seguinte forma: *Depois dizem: “Os brasileiros não têm incentivo ao esporte.”*
- II. Na primeira fala, a expressão *ao esporte* poderia ser substituída por *às práticas esportivas*.
- III. Na segunda fala, a forma verbal está no plural concordando com o sujeito *200 toneladas*.

Está correto o que se afirma em

- a) I apenas.
- b) III apenas.
- c) I e II apenas.
- d) II e III apenas.
- e) I, II e III.

RESOLUÇÃO:

Em II, a expressão *ao esporte* não pode ser substituída por *às práticas esportivas*, porque o *a* que antecede o substantivo é preposição. Ocorreria crase se houvesse a contração da preposição *a* com o artigo definido *às*. Em III, a forma verbal *conseguem* concorda com o sujeito *vocês* e não com o objeto direto *200 toneladas*.

Resposta: A

9. (FEI-SP) – Observe as frases abaixo.

- 1) Quais de vós dirias a verdade?
- 2) Tudo eram alegrias naquela casa.
- 3) Como é bom cerveja gelada no verão!
- 4) Bateu dez horas agora mesmo na Catedral.

Assinale a alternativa correta quanto à concordância.

- a) Apenas 2 e 4 estão corretas.
- b) Apenas 2 e 3 estão corretas.
- c) Todas estão corretas.
- d) Apenas 1 e 3 estão corretas.
- e) N.d.a.

RESOLUÇÃO:

• Quando o sujeito for a locução pronominal *Quais de vós*, o verbo *poderá* concordar com o pronome pessoal *vós* ou com o pronome interrogativo *quais*.

• O verbo *bater* concorda com o sujeito *dez horas* e fica no plural.

Em 1, *dirieis* ou *diriam* e em 4, *bateram*.

Resposta: B



10. (UFABC) – Assinale a alternativa em que a concordância verbal da frase do texto da ilustração, em sua nova versão, está de acordo com a norma padrão.

- a) Quase metade da população aidética do mundo compõem-se de mulheres.
- b) Não é esse tipo de igualdade de direitos que a população feminina esperam.
- c) As mulheres já são quase metade das pessoas que se contaminaram pelo vírus da aids.
- d) A mulher representa cerca de metade da população mundial que têm aids.
- e) Na população de todo o mundo, podem haver pelo menos 50% de mulheres com aids.

RESOLUÇÃO:

O verbo *ser* está na terceira pessoa do plural, concordando com o sujeito “as mulheres”; o verbo *contaminar*, na terceira pessoa do plural, concorda com o sujeito *que*, o qual retoma o antecedente *pessoas*. Em *a*, o verbo deveria estar no singular concordando com o sujeito “quase metade da população”; nas demais alternativas, os verbos deveriam estar conjugados no singular, pois seus sujeitos estão todos no singular.

Resposta: C

A **sintaxe de regência** cuida especialmente das relações de dependência em que se encontram os termos da oração ou as orações entre si no período composto.

Os termos, quando exigem a presença de outro, chamam-se **regentes** ou **subordinantes**; os que completam a significação dos anteriores chamam-se **regidos** ou **subordinados**.

Quando o termo regente é um **nome** (substantivo, adjetivo ou advérbio), ocorre a **regência nominal**. Quando o termo regente é um **verbo**, ocorre a **regência verbal**.

Na regência verbal, o termo regido pode ser ou não preposicionado. Na regência nominal, ele é obrigatoriamente preposicionado.

ATENÇÃO:

É importante que você adquira o hábito de consultar uma gramática ou um dicionário de regência, pois quem escreve, por mais familiarizado que esteja com a língua, frequentemente tem dúvidas a respeito do assunto. Nestas aulas, você apenas irá familiarizar-se um pouco com o assunto, estudando a regência de verbos e nomes frequentemente utilizados.

1. REGÊNCIA NOMINAL

Certos substantivos e adjetivos admitem mais de uma regência. A escolha desta ou daquela preposição deve, no entanto, subordinar-se aos ditames da clareza e da eufonia e adequar-se aos diferentes matizes do pensamento.

Exemplos

Amor

“Tenha amor **a** seus livros.”

“Os pais incutiram-lhe o amor **do** estudo.”

“Com efeito, o amor **do** próximo era um obstáculo grave à nova instituição.” (M.A.)

“Mas amor **pelos** moços divinizava outrora a mocidade.” (R.B.)

“Marcela morria de amores **pelo** Xavier.” (M.A.)

• Modernamente preferem-se as preposições **a** e **por**: amor **ao** trabalho, amor **à** pátria, amor **pelas** coisas da natureza etc.

Ansioso

“Olhos ansiosos **de** novas paisagens.” (Luís Jardim)

“Ansioso **de** emoções desusadas.” (C.C.B.)

“Estava ansioso **por** vê-la.” (C.C.B.)

“Estou particularmente ansioso **para** ler qualquer história...” (Érico Veríssimo)

Bom

“Este ar não é bom **aos** doentes.”

“Ele é muito bom **para** mim.”

“Esta água é boa **de** beber?”

“Ele foi sempre bom **para com** todos.”

“Roberto era um aluno bom **em** todas as matérias.”

Gosto

“Dagoberto tomava gosto **aos** riscos do pastoreio.” (Apud F.F.)

“O gosto **de** vê-la feliz compensava os sacrifícios.”

“Se o réu pudesse ter gosto **em** pensar na corda.” (R.B.)

“Tem muito gosto **para** o desenho.” (Aulete)

“Cedo despertaram-lhe os pais o gosto **pela** arte.”

2. REGÊNCIA DE ALGUNS SUBSTANTIVOS E ADJETIVOS

afável com, para com

alheio a

amor a, por

amoroso com, para com

análogo a

ansioso de, por, para

anterior a

aparentado com

apto para, a

atentado a, contra

avaro de

aversão a, para, por

avesso a, de, em

ávido de

bacharel em

benefício a

bom a, para, de, em

capaz de, para

cego a

certo de

cheiro a, de

cobiçoso de

comum a, de

conforme a, com

constante em

contente com, de, em, por

contemporâneo de, a

contíguo a, com, entre

contrário a

cruel com, para com

cuidadoso com

cúmplice em, de

curioso de, por

desatento a

descontente com

desejoso de

desfavorável a

desleal a

devoto a, de

devoção a, para com, por

diferente de

difícil de

digno de

diligente em, para

dissemelhante de

ditoso com

diverso de

doce a

dócil a

dotado de

doutor em

duro de

dúvida acerca de, em, sobre

empenho de, em, por

entendido em

erudito em

escasso de

essencial para

estranho a

exato em

fácil a, de, para

favorável a

falho de, em

feliz com, de, em, por

fértil de, em

fiel a

firme em

forte de, em

fraco para, com, de, em

furioso com, de

grato a

hábil em

habituação em

horror a

hostil a, para com

ida a

idêntico a

imediatamente a

impaciência com

imune a, de

importante contra, para	liberal com
impróprio para	maior de
inábil para	mau com, para com
inacessível para, a	menor de
incapaz de, para	morada em
incompatível com	natural de
incompreensível para	necessário a
inconstante em	negligente em
incrível a, para	nobre de, em, por
inédito a	nocivo a
indeciso em	obediente a
indiferente a	obsequioso com
indigno de	orgulhoso com, para com
indulgente para, para com	parco em, de
inerente a	parecido a, com
insensível a	passível de
intolerante com, para com	peculiar a
leal a	perito em
lento em	pernicioso a

pertinaz em
 piedade a
 pobre de
 poderoso para, com
 possível de
 posterior a
 proeminência sobre
 prestes a, para
 prodígio de, em
 pronto para, em
 propício a
 propínquo de
 próprio para, de
 proveitoso a
 próximo a, de
 querido de, por
 respeito a, com
 rico de, em
 sábio em, para

sensível a
 sito em (e não “a”)
 situado a, em, entre
 soberbo com
 solícito com
 sujo de
 temível a
 transido de
 suspeito a, de
 temeroso a
 triste de, com
 último em, de, a
 união a, com, entre
 único em, a, entre
 útil a, para
 vazio de
 visível a

3. REGÊNCIA VERBAL

Abdicar

Pode ser:

- intransitivo:
“D. Pedro I abdicou em 1831.”
- transitivo direto:
“Os reis abdicaram o império.”
- transitivo indireto:
“Não abdicarei de meus direitos.”

Abraçar

- No sentido de cingir com os braços, é transitivo direto:
“A mãe abraçou-a com ternura.”
- No mesmo sentido, se pronominal, é transitivo indireto.
“A filha abraçou-se à mãe.”
- No sentido de seguir, adotar, é transitivo direto.
“Os povos bárbaros abraçaram o cristianismo.”

Agradar

- No sentido de satisfazer, contentar, é transitivo indireto.
“Suas palavras agradaram ao público que o ouvia.”
- No sentido de acariciar, acarinhar, é transitivo direto.
“Com as mãos calosas, agradava o filho choroso.”

Nota

Escritores modernos usam-no, também, na acepção de *ser agradável a, satisfazer*, com objeto direto:
 “Procura-se agradá-lo de toda forma.”

(Ciro dos Anjos)

Ajudar

- Seguido de um infinitivo transitivo precedido da preposição **a**, rege indiferentemente objeto direto ou indireto.
“Ajudou o amigo a fazer os exercícios.”
“Ajudou ao amigo a fazer os exercícios.”
- Se o infinitivo preposicionado for intransitivo, rege apenas objeto direto:
“Ajudaram o ladrão a fugir.”

- Não seguido de infinitivo, geralmente rege objeto direto:
“Ajudei-o muito.”

Ansiar

- No sentido de causar ânsia, angustiar, é transitivo direto.
“O cansaço ansiava-o.” (C.C.B.)
- No sentido de desejar, almejar, pode ser empregado como verbo transitivo direto ou indireto regendo a preposição **por**.
“O seu coração anseia um confidente.” (transitivo direto)
“Ansiava pelo novo dia que vinha nascendo.” (transitivo indireto)

Nota

O verbo *ansiar*, quando transitivo indireto, não admite o pronome átono *lhe(s)*.

Aspirar

- No sentido de respirar, sorver, é transitivo direto.
“Egas aspirava o perfume de seus cabelos.” (A. Herculano)
- No sentido de desejar, pretender, é transitivo indireto e rege a preposição **a**.
“Os jovens aspiram a um futuro brilhante.”

Nota

O verbo *aspirar* no sentido de desejar não admite pronome átono *lhe(s)*.

Assistir

- No sentido de ver, presenciar, é transitivo indireto e rege a preposição **a**.
“Algumas famílias, de longe, na calçada, assistiam ao espetáculo.” (A.M.)

Nota

O verbo *assistir*, nesse sentido, não admite pronome átono *lhe(s)*.

- No sentido de prestar assistência, ajudar, é transitivo direto e também indireto.

“O médico assiste os doentes.”

“O médico assiste aos doentes.”

- No sentido de caber, pertencer, é transitivo indireto.
“Não lhe assiste o direito de oprimir os fracos.”
- No sentido de morar, é intransitivo e rege a preposição **em**.
“Felizmente um ano depois volta ele ao sul e até 72 assiste em Avignon.” (Manuel Bandeira)

Casar

- intransitivo:
“Quando ela casara, estava na Europa.” (M.A.)
- transitivo indireto:
“Então o Muniz é uma pessoa digna de casar com a mana?”
- transitivo direto:
“Titia não a quer casar antes dos vinte anos.” (M.A.)
- transitivo direto e indireto:
“Quatro velas de cera alumiam-no lugubrememente, casando os seus clarões aos últimos clarões do dia.”
(Júlio Ribeiro)

Nota

O verbo *casar* pode aparecer acompanhado de pronome oblíquo.

“José casou-se com uma prima.”

Chamar

Pode ser:

- transitivo direto:
“Marcela chamou um moleque... e mandou-o a uma loja na vizinhança.” (M.A.)
- transitivo indireto:
“Gurgel tornou à sala e disse a Capitu que a filha chamava por ela.” (M.A.)
- transitivo seguido de predicativo do objeto, admitindo quatro regências diferentes:
“Chamei-o covarde.”
“Chamei-o de covarde.”
“Chamei-lhe covarde.”
“Chamei-lhe de covarde.”

Chegar, ir, dirigir-se

- São verbos, normalmente, intransitivos regendo a preposição **a** quando indicam lugar.
“Cheguei a casa cedo.”
“Dirigi-me ao banco.”
“Fui ao colégio.”

Custar

- No sentido de ser custoso, difícil, tem como sujeito o que é difícil, e como objeto indireto a quem custa. Sendo o sujeito uma oração reduzida de infinitivo, pode vir com a preposição **a**.
“Custa-me crer na sua honestidade.”
“Custa-me a crer na sua honestidade.”

Nota

É errado dar-se a pessoa como sujeito do verbo *custar*, nesse sentido. Assim: “O rapaz custou a entender a explicação.”
Corrija-se: “Custou ao rapaz entender a explicação.”

- No sentido de acarretar, é transitivo direto e indireto.
“A imprudência custou-lhe lágrimas amargas.”

Entreter-se

- transitivo indireto, regido pelas preposições **a**, **com**, **em**:
“De noite entretinha-se a ouvir música.”
“As crianças entretiveram-se com seus brinquedos.”
“Às vezes nos entretínhamos em recordar o passado.”

Esquecer

Pode ser:

- transitivo direto:
“Esqueci o nome dela.”
- transitivo indireto:
“Esqueci-me do nome dela.”
- transitivo indireto na 3.^a pessoa, do singular ou plural, concordando com o sujeito.
“Esqueceu-me o nome dela.”

Nota

O que nas duas primeiras construções é objeto (direto ou indireto) passa a sujeito na terceira:

“O nome dela esqueceu-me”, isto é, “apagou-se da minha memória”.

Lembrar

Segue a mesma regência do verbo *esquecer*.

- “Lembrei o nome dela.”
- “Lembrei-me do nome dela.”
- “Lembrou-me o nome dela.”

Informar, avisar e certificar

São transitivos diretos e indiretos, admitindo duas construções:

- O referente, a pessoa, funciona como objeto direto, e o referente, a coisa, funciona como objeto indireto (rege as preposições **de**, **sobre**):
“Informaram o aluno da (sobre) sua aprovação.”
- O referente, a coisa, funciona como objeto direto, e o referente, a pessoa, funciona como objeto indireto (rege a preposição **a**):
“Informaram a aprovação ao aluno.”

Implicar

- No sentido de acarretar, envolver, é transitivo direto.
“A resolução do problema implica nova teoria.”
- No sentido de ter implicância, é transitivo indireto.
“Ele implicava com os empregados”.
- No sentido de comprometer-se, envolver-se, é transitivo direto e indireto.
“Implicou-se em negociações árduas, em empresas difíceis.”

Namorar

É transitivo direto e não rege preposição **com**:

“— João namorou sua vizinha muito tempo?”

“— Sim, ele a namorou durante quatro anos?”

Obedecer

É transitivo indireto, regendo a preposição **a**:

“Desculpa, Tomásia, que eu devo obedecer ao meu amigo.”

Desobedecer

Antônimo de *obedecer*, também é transitivo indireto:

“... ele não podia mais desobedecer às vontades de Deus.”

Nota

Nos casos dos verbos *obedecer* e *desobedecer*, admitiu-se tanto o objeto indireto (geralmente recomendado nas gramáticas normativas) quanto o objeto direto (usado por diversos escritores importantes, pelo menos desde Antônio Vieira — v. verbete *obedecer*, em Luft). O uso desses verbos como transitivos diretos é que justifica o fato de eles admitirem a construção passiva. Além disso, é quase sempre como transitivos diretos que tais verbos são empregados hoje, no Brasil, tanto na língua falada quanto na escrita (inclusive literária).

Pagar, perdoar, agradecer

Podem ser:

- transitivos diretos (quando o objeto for coisa):
“Já paguei as contas.”
- transitivos indiretos (quando o objeto for pessoa):
“Já paguei aos meus credores.”
- transitivos diretos e indiretos (quando se referem a coisas e pessoas ao mesmo tempo):
“Já paguei as contas aos meus credores.”

Preferir

É transitivo direto e indireto.

“Prefere ser escravo a combater.”

Nota

O verbo *preferir* não admite nenhuma expressão que indique intensidade (mais, menos, muito, mil vezes), bem como a posição **de que** ou **do que**.

Prevenir

- No sentido de evitar (dano, mal), é transitivo direto. “A prudência previne as desgraças.”
- No sentido de avisar com antecedência, é transitivo direto e indireto.

“Vou prevenir minha irmã de que Teresa de Jesus irá para casa.” (Camilo)

Nota

Com a preposição **para**, o verbo *prevenir* passa a significar: preparar-se, aparelhar-se.

“... puderam inteirar-se de tudo e prevenir-se para a luta...” (A.H.)

Proceder

- No sentido de ter fundamento, portar-se, conduzir-se, é intransitivo.

“Esse comportamento não procede.” (= não tem fundamento)

“Procedia honestamente a filha do alcaide!” (= portar-se)

- No sentido de originar-se, é transitivo indireto.
“A língua portuguesa procede do latim.”
- No sentido de realizar, dar início a, é transitivo indireto.
“Mandou proceder ao recolhimento dos títulos.” (R.B.)

Querer

- No sentido de querer bem, gostar, é transitivo indireto.
“Quero aos meus amigos muito bem.”
- No sentido de desejar, pretender, é transitivo direto.
“Sempre quis um bom trabalho.”

Renunciar

- No sentido de abrir mão de, pode dizer-se facultativamente:
“Renunciou o trono.”
“Renunciou ao trono.”

Responder

- No sentido de dar resposta, é transitivo indireto.
“Respondi às questões da prova de Português.”
- No sentido de responder algo a alguém, é transitivo direto e indireto.
“Nunca lhe respondi uma só carta.”
- No sentido de proferir como resposta, é transitivo direto.
“Ele não respondeu nada.”

Nota

No português brasileiro está consagrado o uso de *responder* como transitivo direto no sentido de dar resposta, embora tal emprego seja condenado por gramáticos e puristas.

“Respondi as questões da prova de Português.”

“Respondi a carta.”

Simpatizar

- É verbo transitivo indireto regendo a preposição **com**:
“Simpatizo muito com suas ideias.”

Nota

O verbo *simpatizar* não é pronominal. É incorreto, portanto, dizer:

“Simpatizo-me com você.” “Simpatizo com você” é o correto.

Antipatizar

- Segue a regência de *simpatizar*.
“Quando fomos apresentados, não antipatizei com ele.” (O.B.)

Suceder

- No sentido de ocorrer, acontecer, é intransitivo.
“Sucedeu que a minha ausência foi logo temperada.” (M.A.)
- No sentido de vir depois, seguir-se, é transitivo indireto.
“É erro que sucede ao erro.”

Visar

- No sentido de dirigir a pontaria, apontar arma de fogo, é transitivo direto.
“Visei o alvo.”
- No sentido de visar, é transitivo direto.
“As autoridades visaram o passaporte.”
- No sentido de pretender, objetivar, é transitivo indireto, regendo preposição **a**.
“Nela visei, acima de tudo, ao bem da comunidade.”

1. Complete as frases abaixo com a preposição ou expressão adequada.

- a) É preferível ficar em casa **a** ir ao estádio.
- b) Machado de Assis é contemporâneo **a / de** Eça de Queirós.
- c) Esse resultado foi contrário **a / aos** projetos brasileiros.
- d) Estamos felizes **por** ele ter vindo.
- e) Estamos felizes **com** essa notícia.
- f) Estava em dúvida **sobre a / quanto à** escolha da profissão.
- g) Pedro é querido **de / por** todos.
- h) A economia brasileira é muito sensível **a / às** crises mundiais.

2. (FGV) – Leia a charge e a tirinha.



(www.chargeonline.com.br)



(Angeli, Folha de S.Paulo, 25/6/04)

Observação

- Onde e Aonde:** o emprego da preposição **a** depende do termo regente. Normalmente, com verbos que indicam movimento (chegar, ir, dirigir-se, voltar etc.) emprega-se esta preposição, mas com os indicativos de estaticidade ela não aparece.

“Aonde você vai.”

“Onde você esteve.”

Porém, não é errada a construção "aonde trabalhar", apesar de diversos gramáticos de pendor legiferante e moralista quererem distinguir *onde* de *aonde*, o que não encontra nenhum respaldo na grande tradição da língua (Vieira, Antero de Quental e Machado de Assis, por exemplo, usam indiferentemente os dois pronomes).

a) Na charge, há um erro de regência. Reescreva a frase, corrigindo-a.

RESOLUÇÃO:

O correto é *tem certeza de que o papa...*, porque o substantivo *certeza* rege preposição *de*.

b) Na tirinha, a palavra C-A-R-I-N-H-O tem uma relação equivalente entre o número de letras e fonemas? Justifique a sua resposta.

RESOLUÇÃO:

A palavra *carinho* tem sete letras e seis fonemas porque o dígrafo *nh* equivale a um único fonema.

3. (MACKENZIE) – Apontar, entre as alternativas abaixo, a que relaciona os elementos que preenchem corretamente as lacunas do seguinte texto.

“A ida dos meninos ... casa da fazenda fez ... que o velho, sempre intolerante ... crianças e fiel... seu costume de assustá-las, persistisse ... busca ... plano para pô-las ... fuga.”

- a) à – com – com – a – na – de – em.
- b) para – a – às – em – na – a – na.
- c) na – em – das – do – com – por – de.
- d) a – em – de – de – com a – para – com.
- e) à – com – nas – à – com – por – em.

Resposta: A

Texto para a questão 4.

No retrato que me faço
– traço a traço –
Às vezes me pinto nuvem,
Às vezes me pinto árvore...

Às vezes me pinto coisas
_____ nem há mais lembrança...
Ou coisas que não existem
Mas que um dia existirão...

(Manuel Bandeira)

4. (FMTM) – Na segunda estrofe, a lacuna deve ser preenchida com
a) de que b) às quais c) cujas d) que e) nas quais

Resposta: A

5. (FGV) – Atente para o trecho:

Depois, e só depois, poderei voltar para minha edícula e tentar
escrever algo que preste. Algo que, um dia, espero, chegue aos pés
do último verso do poema de Drummond: “Mundo, mundo, vasto
mundo, mais vasto é meu coração.”

Identifique a ideia expressa pelas preposições *para* em – ... voltar
para minha edícula... – e *de* em – ... poema de Drummond.

RESOLUÇÃO:

Em *voltar para a minha edícula*, a preposição *para* equivale à preposição *a* e indica lugar de destino (lugar aonde ou para onde). Em *poema de Drummond*, a preposição *de* indica posse, pertinência – uma descrição mais adequada da relação entre autor e obra.

Texto para a questão 6.

Não tenho dúvidas de que a reportagem esteja à procura da
verdade, mas é preciso ressaltar de que a história não pode ser
escrita com base exclusivamente em documentos da polícia política.
(O Estado de S. Paulo)

6. (FUVEST) – Das duas ocorrências de *de que*, no excerto
transcrito, uma está correta e outra não.

a) Justifique a correta.

RESOLUÇÃO:

A primeira ocorrência é a correta. Em “Não tenho dúvidas *de que* a reportagem...”, o uso da preposição *de* diante da conjunção subordinativa integrante *que* é obrigatório, já que a aludida preposição é regida pelo substantivo *dúvidas*.

b) Corrija a incorreta, dizendo por quê.

RESOLUÇÃO:

“... mas é preciso ressaltar que a história não pode ser escrita...” Está incorreta porque não há termo regente de preposição *de*. O verbo *ressaltar* é transitivo direto, não exigindo, pois, preposição em seu complemento.

7. (FUVEST) – Gostaria de dizer- _____ que, para
_____ poder aceitar seu irmão como sócio, não deve haver
ressentimentos entre _____ .

Os espaços desta frase serão corretamente preenchidos por:

- a) lhe – eu – mim e ele. b) vos – mim – eu e ele.
c) te – mim – ele e mim. d) vos – eu – ele e mim.
e) lhe – mim – ele e eu.

Resposta: A

8. (UFES) – A opção em que o pronome oblíquo **não** está empregado de acordo com a norma culta é:

- a) Entre eu e ela há um bom relacionamento, porque temos um nível mental idêntico.
b) É difícil para mim falar a língua portuguesa.
c) Para medir nosso nível mental, eles fizeram uma experiência com nós que estudávamos Psicologia.
d) Não queremos conhecer nosso nível mental, portanto, não queira fazer experiências conosco.
e) Não te ofendas se te perguntarem sobre o teu nível mental.

Resposta: A

9. Observe as frases:

- I. A língua portuguesa foi a que chegou até _____ através de gerações.
II. Não basta _____ querer que a grafia coincida com a pronúncia; é preciso a reforma.
III. Torna-se muito complicado para _____ acompanhar essa mudança.
IV. Para _____, unificar a grafia é impossível.
V. Deixaram alguns pontos para _____ estudar.

A opção que completa corretamente as frases é:

- a) eu – eu – eu – mim – mim. b) eu – eu – mim – eu – mim.
c) mim – eu – eu – mim – eu. d) mim – eu – mim – mim – eu.
e) mim – a mim – mim – eu – mim.

Resposta: D

10. (CÁSPER LÍBERO) – Assinale a frase gramaticalmente correta segundo a norma culta.

- a) É um prazer para mim estar aqui neste programa de televisão.
b) A partir de hoje, não há mais nada entre eu e você.
c) Fiquei tão nervosa que eu cheguei a ficar fora de si.
d) Professor, deixa eu sair?
e) Minha querida, gostaria de falar consigo.

RESOLUÇÃO: Em *b*, entre mim e você; em *c*, fora de mim; em *d*, deixe-me sair; em *e*, com você. Observar que em *a*, a oração “...estar aqui neste programa de televisão.” é subjetiva reduzida de infinitivo, por isso não admite vírgula: “Estar aqui neste programa de televisão é um prazer para mim”. Resposta: A

Os exercícios de 1 a 10 são de regência verbal. Leia as frases com atenção e assinale aquela que apresenta **erro**.

1. Assistir

- a) A antiga professora primária assistia na rua dos Italianos.
- b) Os médicos assistiram os feridos do conflito.
- c) Os bombeiros assistiram ao motoqueiro acidentado.
- d) Assiste aos cidadãos o direito de escolher seus governantes.
- e) Assistimos pela TV uma bela partida de vôlei.

RESOLUÇÃO:

Resposta: E

2. Assistir

- a) Assistiu a todos os filmes indicados para o Oscar.
- b) O direito de protestar não lhe assiste.
- c) Médicos e enfermeiros estão assistindo os feridos daquele acidente de carro.
- d) Não assisti ao concerto, embora desejasse muito assistir-lhe.
- e) A esses filmes de arte, meu pai gosta de assistir a eles.

RESOLUÇÃO:

Resposta: D (a ele)

3. Aspirar

- a) Sempre aspiraste a uma vida melhor!
- b) Aspiramos o ar puro da montanha.
- c) Muitos aspiram ao cargo de diretor de escola.
- d) Nas grandes metrópoles, o cidadão é condenado a aspirar a um ar poluído e contaminado.
- e) O homem aspira sempre a uma maior realização de suas expectativas.

RESOLUÇÃO:

Resposta: D

4. Chegar, Ir e Dirigir-se

- a) Chegou em casa exausto depois de um dia estressante.
- b) Fui a Maceió provar um sururu.
- c) Chegaram ao povoado à tarde.
- d) Iremos ao seu encontro no domingo.
- e) Dirigi-me à delegacia para registrar a queixa.

RESOLUÇÃO:

Resposta: A (Chegou a...)

5. Lembrar/Esquecer e Lembrar-se/Esquecer-se

- a) Você lembra da explicação dada pelo professor?
- b) Lembrei-me do acontecimento e chorei.
- c) Lembrei o nome do filme.
- d) Nunca me esqueci das palavras dele.
- e) Esqueceram-se dos documentos na recepção do hotel.

RESOLUÇÃO:

Resposta: A

6. Informar, Avisar e Prevenir

- a) Avisei-lhe que trarei as fotos assim que puder.
- b) Avisei-o da mudança dos horários.
- c) Informe-me de que amanhã não haverá expediente.
- d) Informaram a todos nós de que houve violação dos direitos humanos.
- e) Previna os motoristas do fechamento dos postos.

RESOLUÇÃO:

Resposta: D (...a todos nós que ...)

7. Perdoar, Pagar e Agradecer

- a) Vocês lhe agradeceram o presente de aniversário?
- b) Paguei a consulta a dentista.
- c) Aos homens ignóbeis, só Deus lhes perdoa.
- d) O governo perdoou as dívidas dos agricultores.
- e) As multas, paguei-as ontem no banco.

RESOLUÇÃO:

Resposta: B (à dentista)

8. Preferir e Proceder

- a) Prefiro sofrer injustiças a praticá-las.
- b) Prefiro isso àquilo.
- c) Prefiro café do que leite.
- d) O governo procederá ao cadastramento dos eleitores.
- e) Procedeu-se à leitura do nome dos inscritos.

RESOLUÇÃO:

Resposta: C

9. Simpatizar e Antipatizar

- a) Nunca me simpatizei com aquele escritor francês.
- b) A jovem com quem não simpatizamos também antipatiza conosco.
- c) Todos simpatizam com a nova funcionária.
- d) O rapaz com que antipatizava foi demitido.
- e) Afinal, com quem você simpatiza?

RESOLUÇÃO:

Resposta: A

10. Visar

- a) Sempre visei uma vida melhor.
- b) Temos que visar o cheque.
- c) Visei o mesmo alvo durante um bom tempo.
- d) O velho senhor não conseguiu visar o passaporte.
- e) Os mestres visam ao aprendizado dos alunos.

RESOLUÇÃO:

Resposta: A

11. Reescreva as orações substituindo o objeto indireto por um pronome pessoal acompanhado de preposição.

a) Assistimos **às partidas de futebol** pela televisão.

RESOLUÇÃO:

Assistimos a elas pela televisão.

b) O diretor aspira **ao cargo de supervisor**.

RESOLUÇÃO:

O diretor aspira a ele.

c) Acredito **em almas desse mundo**.

RESOLUÇÃO:

Acredito nelas.

d) Pensou **nos acontecimentos** com tristeza.

RESOLUÇÃO:

Pensou neles com tristeza.

e) Anseio por **um carro novo**.

RESOLUÇÃO:

Anseio por ele.

12. (ESPM) – A regência verbal ou nominal **não** está de acordo com o proposto pela norma culta da língua em:

a) O governo assistiu as famílias atingidas pela catástrofe, oferecendo-lhes abrigo e alimentos.

b) Apesar de todos os esforços dos amigos, ninguém conseguiu tirá-lo daquela vida miserável que vinha levando.

c) Os donativos prestavam-se para melhorar, naquele momento, a situação das vítimas, porém não satisfaziam a todas as suas necessidades.

d) Nem sempre é possível prevenir-se contra imprevistos e os que mais sofrem com eles são os desprotegidos da sorte.

e) As pesquisas demonstraram de que somente com a estabilidade dos preços tornou-se melhor a vida de alguns segmentos da população.

RESOLUÇÃO:

Resposta: E (“As pesquisas demonstraram que...”)

13. (UFV) – Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas abaixo:

A enfermeira procede _____ exame do paciente.

O gerente visa _____ cheque do cliente.

A equipe visa _____ primeiro lugar no campeonato.

O conferencista aludiu _____ fato.

Não podendo lutar, preferiu morrer _____ viver.

a) ao, o, ao, ao, a. b) ao, ao, o, a, do que. c) ao, a, o, o, que.

d) o, a, ao, ao, à. e) a, ao, o, ao, que.

RESOLUÇÃO:

Resposta: A

14. (INATEL) – Levando-se em consideração as regras de **regência**, assinale a única alternativa **incorreta**:

a) Cheguei em Curitiba atrasado para a reunião.

b) Assisti ao filme várias vezes.

c) Prefiro viagens aéreas a marítimas.

d) Não simpatizo com pessoas preconceituosas.

e) Meu amigo só namora moças mais velhas.

RESOLUÇÃO:

O verbo chegar pede preposição a, pois indica “movimento”. Daí, o correto seria: “Cheguei a Curitiba ...”

Resposta: A

É frequente, embora incorreta, a construção de períodos com verbos transitivos diretos e transitivos indiretos e um só complemento, direto ou indireto, em função do verbo mais próximo. Também incorretamente constroem-se períodos com verbos transitivos indiretos que regem diferentes preposições e emprega-se somente a preposição exigida pelo verbo mais próximo do complemento.

Exemplos

Eles não concordam, mas admitem seu ponto de vista.

O verbo *concordar*, transitivo indireto, rege a preposição *com*. O verbo *admitir* é transitivo direto. Nesse caso, o período deveria ser reescrito. Sugestão: *Eles não concordam com o seu ponto de vista, mas o admitem.*

Eu me lembrei e respondi à sua carta.

Lembrar-se rege a preposição *de* e *responder* rege a preposição *a*. O período deve, portanto, ser reformulado. Sugestão: *Eu me lembrei da sua carta e respondi a ela.*

1. (FUVEST) – A chamada jornalística que apresenta um par de verbos com regências incompatíveis é:

a) Exposição mostra como a moda interfere e molda a figura da mulher.

b) O MST foi criado e mantido num tempo de impunidade.

c) Israel ataca e invade o QG de Arafat.

d) Estudo comprova que TV incita e amplifica atos de violência.

e) Tecnologia digital faz *ET* voltar e encantar com imagens inéditas.

RESOLUÇÃO:

Os verbos *interferir* e *moldar* apresentam regências incompatíveis: o verbo *interferir* é transitivo indireto (= *interferir em*) e *moldar* é transitivo direto. A frase correta seria: “Exposição mostra como a moda interfere na figura da mulher e molda-a.”

Resposta: A

2. (ESPM) – Embora de ocorrência frequente no cotidiano, a gramática normativa não aceita o uso do mesmo complemento para verbos com **regências diferentes**. Esse tipo de transgressão só **não** ocorre na frase:

a) *Pode-se concordar ou discordar, até radicalmente, de toda a política externa brasileira.* (Clóvis Rossi)

b) *Educador é todo aquele que confere e convive com esses conhecimentos.* (J. Carlos de Sousa)

c) *Vi e gostei muito do filme *O Jardineiro Fiel*, cujo diretor é um brasileiro.*

d) *A sociedade brasileira quer a paz, anseia por ela e a ela aspira.*

e) *Interessei-me e desinteressei-me pelo assunto quase que simultaneamente.*

RESOLUÇÃO:

Resposta: D

Texto para a questão 3.

E é na adolescência, como vimos, que a linguagem adquire essa qualidade de instrumento para compreender e agir sobre o mundo real.

(Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Língua Portuguesa / Coord. Maria Inês Fini. São Paulo: SEE, 2008. p. 16. Adaptado.)

3. (UNESP) – Neste período do texto, considerando que o verbo *compreender* não pede a preposição *sobre*, como ocorre com *agir*, a construção ficaria sintaticamente mais adequada com a substituição da sequência “para compreender e agir sobre o mundo real” por:

- a) para compreender o mundo real e agir sobre este.
- b) para compreender e agir o mundo real.
- c) para compreender sobre o mundo real e agir.
- d) para compreender o mundo real e agi-lo.
- e) para compreender o mundo real e agir-lhe.

RESOLUÇÃO: Outra possibilidade, talvez mais elegante, de “normalizar” a construção com os dois verbos de regências diferentes seria: “compreender o mundo real e agir sobre ele”.

Resposta: A

4. (ESPM-2012) – Das frases abaixo, apenas uma está de acordo com a norma gramatical no que se refere à regência:

- a) A aversão a Obama não tem cor política, há muitos que querem suceder ao presidente na própria cédula dos democratas.
- b) Relacionamento: o que evitar para não afastar a pessoa que você está interessada.
- c) Além de salário, os vereadores têm direito a verbas extras para pagar seus assessores.
- d) O presidente equatoriano Rafael Correa anunciou publicamente que perdoará os acusados no caso de injúria vencido por ele na Suprema Corte.
- e) Os policiais de NY usam distintivos falsos, porque a perda de um verdadeiro pode implicar em muita burocracia e em multa pesada.

RESOLUÇÃO: Em b, em que você; em c, pagar a seus assessores; em d, perdoará aos acusados; em e, implicar muita burocracia e multa pesada.

Resposta: A

5. (INSPER) – A campanha publicitária “Heróis pela Democracia” lançada pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral) provocou uma “polêmica linguística”. Para conscientizar os jovens sobre a importância do voto, foi produzida uma série de filmes que apresentava o seguinte texto:

Heróis existem. Não desperdice o direito que eles tanto lutaram e conquistaram para você.

Professores apontaram erro de português na propaganda. Para a W/Brasil (agência responsável pela criação dos filmes), o texto não apresenta erro algum.

Analisar atentamente a frase da propaganda e assinalar a alternativa que contém a afirmação correta.

- a) Na frase da propaganda, há um erro no emprego da preposição *para*, que deveria ser substituída pela preposição *por*.
- b) Admitindo que a frase esteja incorreta, seria possível propor a seguinte correção: *Heróis existem. Não desperdice o direito por que eles tanto lutaram e que conquistaram para você.*
- c) Não há propriamente um erro gramatical, pois pode-se entender que a palavra *direito* não tem relação sintática com o verbo *lutar*, mas sim com o infinitivo *conquistaram*, do qual é objeto direto.

d) Na frase da propaganda, há um erro porque *lutar* e *conquistar* apresentam regências diferentes, mas foram empregados com o mesmo complemento: o objeto indireto *para você*.

e) Para evitar a ambiguidade, bastaria acrescentar uma preposição antes do pronome relativo *que*.

RESOLUÇÃO:

Resposta: B

6. (FATEC) – Observe as frases abaixo:

- I. Quando dois amigos do mesmo sexo são inseparáveis, logo vem a insinuação _____ “algo poderia estar rolando”.
- II. O jeito brasileiro, a malandragem, a certeza _____ Deus nasceu neste país estão muito bem registrados em um gênero teatral: o teatro de revista.
- III. No dia tinha pressentimento _____ ia vencer a corrida, nunca imaginava que poderia sofrer um acidente desse tipo.
- IV. O senador lembra-se de Fontoura pedir-lhe _____ devolvesse à embaixada seu passaporte.

As lacunas devem ser preenchidas por

- a) I – que; II – de que; III – que; IV – para que.
- b) I – de que; II – que; III – de que; IV – que.
- c) I – de que; II – de que; III – de que; IV – que.
- d) I – que; II – que; III – de que; IV – que.
- e) I – de que; II – de que; III – de que; IV – para que.

RESOLUÇÃO:

Nas frases I, II e III, a preposição *de* antes da conjunção integrante *que* é obrigatória porque os substantivos *insinuação*, *certeza* e *pressentimento* exigem-na. Em IV, o verbo *pedir* é transitivo direto e indireto: o *lhe* é objeto indireto e a oração, introduzida pela conjunção integrante *que*, exerce função sintática de objeto direto.

Resposta: C

7. (FUVEST) – Há inadequação de **regência verbal** em:

- a) O instinto das mães para salvar os filhos pode levá-las a atos extraordinários.
- b) Uma tragédia como essa se transformou num ato extremo de amor à vida.
- c) O diretor da empresa dispôs-se em conversar com os funcionários.
- d) O que o jogador santista precisa é mostrar trabalho nas partidas decisivas.
- e) Em Roraima, índios falam em ocupar terras exploradas por garimpeiros.

RESOLUÇÃO:

... *dispôs-se a conversar...*

Resposta: C

8. (ESPM) – Assinalar a única frase cuja **regência verbal** esteja correta segundo a norma culta:

- a) *Não somos candidatos mas sabemos como agradar nosso eleitorado. Sky, TV sem limites.*
- b) A perda do cartão de consumo implica numa multa de R\$ 500,00.
- c) A diretoria custou a perceber os verdadeiros problemas da equipe.
- d) Novo Mercedes-Benz Classe C. A sinalização vai obedecer você.
- e) Segundo pesquisas, as brasileiras preferem os morenos aos loiros.

RESOLUÇÃO:

Em a, *agradar a nosso eleitorado*; em b, *implica uma multa*; em c, *custou à diretoria perceber*; em d, *obedecer a você*.

Resposta: E

Texto para a questão 9.

Há duas semanas, foram divulgados novos dados sobre o desempenho dos nossos estudantes. Os resultados foram comentados à exaustão nos jornais, sites etc. Solidários, diversos meios de comunicação se aliaram aos alunos, ou seja, demonstraram que também tropeçam no trato com a língua.

Começemos por um título (de um site), que terminava assim: "... preferem português à matemática". (...). No título, usou-se a construção formal, mas...

(Pasquale Cipro Neto, Folha de S.Paulo, 8/9/2011.)

9. (INSPER) – Considere estas afirmações:

- I. O adjetivo *solidários*, no contexto em que decorre, deve ser compreendido conotativamente, já que se trata de uma ironia.
- II. Do ponto de vista da gramática normativa, há um erro de regência no título do site, uma vez que o verbo *preferir* rejeita o uso da preposição *a*.
- III. No último período, ao empregar a conjunção adversativa *mas*, o autor sugere a ocorrência de *tropeço* gramatical no título do site.

Está(ão) correta(s)

- a) I, II e III. b) Apenas I e II. c) Apenas I e III.
d) Apenas II e III. e) Apenas I.



Aplicações

1. (CÁSPER LÍBERO) – Observe o uso da regência verbal nas frases abaixo.

- I. As empresas consentirão na troca do produto à medida que as reclamações ocorrerem.
- II. Caso os consumidores não simpatizem com os modelos disponíveis, poderão consultar o catálogo de que certamente gostarão.
- III. Perdoei-lhe os pequenos deslizes, mas ele reluta em procurar-me.
- IV. Por mais que eu obedeça às leis, sinto-me prejudicado em meus direitos de cidadão.
- V. Assisti à apresentação da orquestra, mas não ao show de encerramento.

Estão corretas

- a) apenas I, II e IV. b) apenas III e V. c) apenas I e III.
d) apenas II, IV e V. e) todas as alternativas.

Resposta: E

Texto para a questão de número 2.

O Datafolha demonstrou com números a tese de que, de fato, a propaganda sozinha muda muito pouco a intenção de voto do eleitor: só 6% dos eleitores disseram ter mudado de candidato por causa dela. E a maioria absoluta dos eleitores nem mesmo a assistiu.

(Folha de S.Paulo, 2/8/2006)

2. (FGV) – No texto acima, na última frase, a concordância verbal está feita de acordo com a norma culta, mas a regência verbal, não.

- a) Encontre outra alternativa para a concordância verbal, dentro da norma culta, explicando o que a torna possível.
- b) Redija novamente a última frase do texto (com qualquer uma das concordâncias possíveis), corrigindo a regência do verbo.

RESOLUÇÃO:

- a) "E a maioria absoluta dos eleitores nem mesmo assistiram a ela." Em expressões desse tipo, a concordância pode dar-se com o núcleo da expressão (*maioria*) ou com o núcleo do adjunto que a especifica (*eleitores*).
- b) "E a maioria absoluta dos eleitores nem mesmo assistiram a ela."

RESOLUÇÃO:

Em II, o verbo *preferir* rege a preposição *a*. O erro decorre do fato de que *matemática* não admite artigo e, portanto, o acento grave foi mal-empregado.

Resposta: C

10. (UFABC) – A frase que apresenta regência verbal de acordo com a norma padrão é:

- a) O Projeto dessa Universidade trata da evolução do conhecimento, destacando as consequências em que essa evolução implica.
- b) A formação superior responsabiliza-se por fazer evoluir o conhecimento e suas aplicações.
- c) A UFABC ambiciona a criar ambiente acadêmico favorável ao desenvolvimento social.
- d) Há uma demanda potencial para implantar-se a uma universidade pública e gratuita com características próprias.
- e) A UFABC tem como ambição a criação de ambiente acadêmico que favoreça no desenvolvimento social.

RESOLUÇÃO:

O verbo pronominal *responsabilizar-se* é transitivo indireto e rege preposição *por*. Em *a*, o erro está no emprego da preposição *em*, pois o verbo *implicar* é transitivo direto, como os verbos das demais alternativas, que não regem as preposições que os acompanham.

Resposta: B

3. (FGV) – Assinale a alternativa em que os textos publicitários estão corretos quanto à regência verbal, de acordo com a norma culta.

- a) Mitsubishi Pajero Sport
Lembre-se de que é muito espaçoso.
Não se esqueça que é um Pajero.
Tudo o de que você precisa é minimizar riscos na sua carteira de ações.
RiscoOnline Theca
- b) Mitsubishi Pajero Sport
Lembre de que é muito espaçoso.
Não esqueça de que é um Pajero.
Tudo o de que você precisa é minimizar riscos na sua carteira de ações.
RiscoOnline Theca
- c) Mitsubishi Pajero Sport
Lembre de que é muito espaçoso.
Não se esqueça que é um Pajero.
Tudo o que você precisa é minimizar riscos na sua carteira de ações.
RiscoOnline Theca
- d) Mitsubishi Pajero Sport
Lembre-se que é muito espaçoso.
Não esqueça de que é um Pajero.
Tudo o que você precisa é minimizar riscos na sua carteira de ações.
RiscoOnline Theca
- e) Mitsubishi Pajero Sport
Lembre-se de que é muito espaçoso.
Não se esqueça de que é um Pajero.
Tudo o de que você precisa é minimizar riscos na sua carteira de ações.
RiscoOnline Theca

RESOLUÇÃO:

Os verbos pronominais *lembrar-se* e *esquecer-se* são transitivos indiretos e regem preposição *de*. O verbo *precisar* é transitivo indireto e rege preposição *de*, que deve anteceder o pronome relativo *que*.

Resposta: E

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

A colocação do pronome átono está relacionada à harmonia da frase. A tendência do português falado no Brasil é o uso do pronome antes do verbo – *próclise*. No entanto, há casos em que a norma culta prescreve o emprego do pronome no meio – *mesóclise* – ou após o verbo – *ênclise*.

De acordo com a norma culta, no português escrito **não se inicia um período com pronome oblíquo átono**. Assim, se na linguagem falada diz-se *Me encontrei com ele*, na linguagem escrita, formal, usa-se *Encontrei-me com ele*.

Sendo a próclise a tendência, é aconselhável que se fixem bem as poucas regras de mesóclise e ênclise. Assim, sempre que estas não forem obrigatórias, deve-se usar a próclise, a menos que prejudique a eufonia da frase.

CASOS DE PRÓCLISE

Palavra de sentido negativo

Não me falou a verdade.

Advérbios sem pausa em relação ao verbo

Aqui te espero pacientemente.

Havendo pausa indicada por vírgula, recomenda-se a ênclise.
Ontem, encontrei-o no ponto do ônibus.

Pronomes indefinidos

Ninguém o chamou aqui.

Pronomes demonstrativos

Aquilo lhe desagrada.

Orações interrogativas

Quem lhe disse tal coisa?

Orações optativas (que exprimem desejo), com sujeito anteposto ao verbo

Deus lhe pague, Senhor!

Orações exclamativas

Quanta honra nos dá sua visita!

Orações substantivas, adjetivas e adverbiais, desde que não sejam reduzidas.

Percebia que o observavam.

Este é o homem que te procura.

Caso me ausente, cuide dos nossos negócios.

Verbo no gerúndio, regido de preposição em.

Em se plantando, tudo dá.

Verbo no infinitivo pessoal precedido de preposição.

Seus intentos são para nos prejudicarem.

CASOS DE ÊNCLISE

Verbo no início da oração, desde que não esteja no futuro do indicativo.

Trago-te flores.

Verbo no imperativo afirmativo

Amigos, digam-me a verdade!

Verbo no gerúndio, desde que não esteja precedido pela preposição em.

Sai, deixando-a aflita.

Verbo no infinitivo impessoal regido da preposição a. Com outras preposições é facultativo o emprego de ênclise ou próclise.

Apressei-me a convidá-los.

Estava para dizer-lhe a verdade. /

Estava para lhe dizer a verdade.

CASOS DE MESÓCLISE

É obrigatória somente com verbos no futuro do presente ou no futuro do pretérito que iniciam a oração.

Dir-lhe-ei toda a verdade.

Far-me-ias um favor?

Se o verbo no futuro vier precedido de pronome reto ou de qualquer outro fator de atração, ocorrerá a próclise.

Eu lhe direi toda a verdade.

Tu me farias um favor?

COLOCAÇÃO DO PRONOME ÁTONO NAS LOCUÇÕES VERBAIS

Verbo principal no infinitivo ou gerúndio

Se a locução verbal não vier precedida de um fator de próclise, o pronome átono deverá ficar **depois do auxiliar ou depois do verbo principal**.

Devo-lhe dizer a verdade.

Devo dizer-lhe a verdade.

Havendo **fator de próclise**, o pronome átono deverá ficar **antes do auxiliar ou depois do principal**.

Não lhe devo dizer a verdade.

Não devo dizer-lhe a verdade.

Verbo principal no particípio

Se não houver fator de próclise, o pronome átono ficará **depois do auxiliar**.

Havia-lhe dito a verdade.

Se houver **fator de próclise**, o pronome átono ficará **antes do auxiliar**.

Não lhe havia dito a verdade.

Haver de e ter de + infinitivo

Pronome átono deve ficar **depois do infinitivo**.

Hei de dizer-lhe a verdade.

Tenho de dizer-lhe a verdade.

Observação

Não se deve omitir o hífen nas seguintes construções:

Devo-lhe dizer tudo.

Estava-lhe dizendo tudo.

Havia-lhe dito tudo.

Texto para a questão 1.

– Ah, não sabe? Não o sabes? Sabes-lo não?
– Esquece.
– Não. Como “esquece”? Você prefere falar errado? E o certo é “esquece” ou “esqueça”? Ilumine-me. Me diga. Ensine-me, vamos.
– Depende.
– Depende. Perfeito. Não o sabes. Ensinar-me-lo-ias se o souberes, mas não sabes-o.
– Está bem, está bem. Desculpe. Fale como quiser.
(L. F. Verissimo, *Jornal do Brasil*, 30/12/1994.)

1. (FUVEST) – O texto tem por finalidade

- satirizar a preocupação com o uso e a colocação das formas pronominais átonas.
- ilustrar ludicamente várias possibilidades de combinação de formas pronominais.
- esclarecer pelo exemplo certos fatos da concordância de pessoa gramatical.
- exemplificar a diversidade de tratamentos que é comum na fala corrente.
- valorizar a criatividade na aplicação das regras de uso das formas pronominais.

RESOLUÇÃO: A colocação dos pronomes oblíquos átonos é um dos pontos em que o português do Brasil se distingue profundamente do de Portugal. A questão foi bastante debatida durante a polêmica que marcou o início do Modernismo brasileiro, pois os modernistas tendiam a colocar os pronomes átonos segundo os usos da língua falada no Brasil e, portanto, sem observar as normas tradicionais. A partir do Modernismo, a colocação dos pronomes átonos em estrita obediência aos preceitos da gramática normativa passou a ser destoante e, por isso, a prestar-se a finalidades de sátira e zombaria. Disso tirou partido o autor do texto, exagerando, de maneira brincalhona, as aberrações motivadas por ênclises e mesóclises. **Resposta: A**

2. (UNISAL) – A gramática normativa determina que os pronomes oblíquos átonos (me, te, se, o, a, lhe, se, nos, vos) apareçam antes do verbo quando houver palavras negativas, advérbios, conjunções subordinativas, pronomes relativos, indefinidos ou demonstrativos antes dele. Verifique a aplicação dessa regra nas frases seguintes:

- Luís jamais me olhou de novo.
- Nós esperávamos que nos dissessem toda a verdade.
- Agora escute-me, por favor.
- Avisaram-me sobre o acidente.

Estão corretas, segundo a gramática normativa, as frases:

- I e IV.
- I, II, III e IV.
- I, II e IV.
- I, II e III.
- III e IV.

RESOLUÇÃO: No item III, o correto é: *Agora me escute...*

Resposta: C

3. (FGV-2012) – Assinale a alternativa em que a posição dos pronomes átonos, na frase, está de acordo com a norma-padrão do português escrito.

- A respeitosa atitude de todos e a deferência universal que cercavam-no...
- As obscuras determinações das coisas acertadamente o haviam erguido até ali.
- Ele julgava-se e só o que parecia-lhe grande entrava nesse julgamento.
- ... uma chusma de sentimentos atinentes a si mesmo que quase falavam-lhe.
- As obscuras determinações das coisas, acertadamente, mais alto levariam-no.

RESOLUÇÃO:

Nas demais alternativas há ênclises indevidas: em *a* e *c* porque os verbos são anteceditos por pronomes relativos; em *d* porque antes vem um advérbio; em *e* porque se trata de futuro do pretérito.

Resposta: B

4. (UFPB) – Quanto à colocação de pronomes átonos, está conforme a norma da língua escrita o período:

- ... ninguém me venha dizer que a imaginação não é outra realidade. (A. Nery)
- Foi o Araguaia que facilitou-lhe a viagem. (Mário de Andrade)
- Não ter-se-á o leitor esquecido de que AG ficará às voltas com os tamoios. (Araípe Jr.)
- Me vejo dividida em duas... (Lygia Fagundes Teles)
- Conheci que não amava-me, como eu desejava. (José de Alencar)

RESOLUÇÃO:

b) ...que lhe facilitou...

c) Não se terá...

d) Vejo-me...

e) Conheci que não me amava...

Resposta: A

5. (ESPM) – A colocação pronominal foge ao que se recomenda para o padrão culto em:

- Não se sabia ao certo, sem os resultados da pesquisa, quantos beneficiariam-se com a distribuição de alimentos.
- Tratava-se de um procedimento normal, informou a secretária, pois a dispensa de funcionários decorria da queda de arrecadação.
- Quem se dispuser a trabalhar em benefício das pessoas carentes da comunidade deve apresentar-se ao coordenador, amanhã cedo, no Centro de Solidariedade.
- Não houve quebraadeira de empresas e de bancos, porque já se sabia dos riscos de uma desvalorização e as companhias se protegeram, comprando dólares.
- Presumo que o erro foi causado pelo fato de muitos economistas terem deduzido que a história se repete, e não foi o que se observou, nesse caso.

RESOLUÇÃO:

Na passagem ...quantos beneficiariam-se... existe um erro de colocação pronominal, porque o pronome interrogativo *quantos* atrai o pronome *se* para antes do verbo, havendo assim próclise: “...quantos se beneficiariam com...”

Resposta: A

6. (CÁSPER LÍBERO) – Assinale a opção que apresenta uma construção morfossintático-semântica **inadequada**:

- Quando parei para almoçar, me deparei com uma cena absurda: uma fila de 30 minutos, com pessoas furando sem que ninguém fizesse nada.
- Agradecemos ao visitante por suas observações, que certamente contribuirão de forma positiva para o aperfeiçoamento de nossos serviços.
- Esta seção não se destina apenas a reclamações, mas a todo tipo de manifestação do leitor sobre os serviços oferecidos na cidade.
- Expliquei a minha situação e ele disse que era problema meu, que não iria passar uma gestante na frente da fila de espera.
- Resolvi pegar a fila da roda-gigante, onde aguardei por quatro horas, antes de um funcionário avisar que o brinquedo tinha quebrado.

RESOLUÇÃO:

Resposta: A

7. (TOLEDO) – Para as questões seguintes, assinale:

- A) quando somente a I estiver correta;
B) quando I e II estiverem corretas.

- a) I. O gado ia finar-se, até os espinhos secariam.
II. O gado ia-se finar, até os espinhos secariam.
b) I. Compadre, eu não lhe quero dizer coisa alguma.
II. Compadre, eu não quero dizer-lhe coisa alguma.
c) I. Preciso contar, senhor delegado, como se foi formando entre nós esse espírito de briga.
II. Preciso contar, senhor delegado, como foi formando-se entre nós esse espírito de briga.
d) I. As visões da caatinga tinham-se dissipado.
II. As visões da caatinga tinham dissipado-se.

(Graciliano Ramos. *Vidas secas*. Ed. Martins, pp. 30, 36.)

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta.

- a) B / B / A / A b) A / B / A / B c) B / B / B / A
d) A / A / A / B e) B / A / A / A

RESOLUÇÃO: A frase *As visões da caatinga tinham dissipado-se* está errada porque não se prende pronome oblíquo átono ao particípio.

Resposta: C

8. (FGV) – O emprego e a colocação do pronome estão de acordo com a norma culta na alternativa:

- a) Trata-se, evidentemente, de material muito simples, mas muitos dos que são alfabetizados não conseguem lê-lo, nem compreendê-lo.
b) Pensemos na desobediência, na heresia e nas seitas e em como o conhecimento lhes introduziu no mundo.
c) Lembre-se das rodas dentadas da pobreza, da ignorância, da falta de esperança e da baixa autoestima e de como usam-as para criar um tipo de máquina do fracasso perpétuo.
d) Temos dilemas que nos perseguem e inteligências brilhantes, que poderiam ajudar a solucionar eles rapidamente.
e) Existe a ideia de que a capacidade de ler, o conhecimento, os livros e os jornais são potencialmente perigosos; os tiranos e os autocratas sempre compreenderam-na.

RESOLUÇÃO: Em *lê-lo*, *compreendê-lo*, houve fusão do pronome oblíquo *o*, na função de objeto direto, com a terminação verbal (*ler + o = lê-lo*; *compreender + o = compreendê-lo*); em *b*, a forma pronominal *lhes* deve ser trocada por *as* (*introduziu-as*); em *c* e *e*, deve haver próclise (*como as usam*), (*sempre a compreenderam*); em *d*, *solucionar eles* é variante popular; deveria ser registrada a forma *solucioná-los*. **Resposta: A**

9. (CEFET-MG) – A alteração na ordem da palavra em destaque promoveu um desvio da norma-padrão, **exceto** em:

- a) *Já não se encolhe...*
Já não encolhe-se...
b) *...as pessoas nunca se comunicaram tanto quanto na internet...*
...as pessoas nunca comunicaram-se tanto quanto na internet...
c) *...que se abre de par em par, passando para o outro lado, e se entregando...*
...que se abre de par em par, passando para o outro lado, e entregando-se...
d) *...a não ser por medo de sair à noite, pela insegurança que se alastra...*
...a não ser por medo de sair à noite, pela insegurança que alastra-se...
e) *Encontram-se, em bibliotecas monumentais como a do Congresso americano...*
Se encontram, em bibliotecas monumentais como a do Congresso americano...

RESOLUÇÃO:

Resposta: C



Aplicações

1. (FGV) – Assinale a alternativa em que a colocação dos pronomes oblíquos átonos atende à norma culta.

- a) Era claro que Nestor estava preocupado, mas otimista.
“Erguerei-me depressa, enfrentando-lhe todos os arroubos.”
b) Não disse-lhe palavra. Partiu a galope, sem olhar para trás.
c) Ao ver-se cercado pelas emas, concluiu: os animais poder-se-iam perder, se o ajudante não os controlasse.
d) Farei-o melhor do que você, embora não tenha tanta prática.
e) Tendo encontrado-a sozinha na sala, deu-lhe um beijo maroto na face.

RESOLUÇÃO:

Com infinitivo preposicionado, a norma culta recomenda a ênclise do pronome oblíquo átono, como em *c*, embora a próclise também seja corrente e admissível no Brasil. Na mesma alternativa, a próclise antes de palavra negativa e a mesóclise com o futuro do pretérito são de regra, embora neste último caso também se admitisse a próclise. Erros: em *a* e *d*, o verbo no futuro não admite ênclise; em *b*, diante de palavra negativa não se admite ênclise, a não ser com verbo no infinitivo; em *e*, particípio não admite ênclise.

Resposta: C

2. (ANHEMBI-MORUMBI) – Em *Você nunca me viu sozinho / e você nunca me ouviu chorar*, os pronomes assinalados estão empregados corretamente de acordo com as regras de colocação pronominal. Assinale a alternativa que esteja de acordo com a norma culta da língua:

- a) **Nos** explicaram que nem tudo era mentira.
b) Explicariam-**nos** que nem tudo era mentira?
c) Essa é a pessoa que explicou-**me** toda a verdade.
d) Não explicarei-**lhe** mais nada sobre o assunto.
e) Explicar-**nos**-ia o que aconteceu naquela noite?

RESOLUÇÃO:

Em *a*, o pronome átono deveria estar depois do verbo (Explicaram-nos); em *b*, com o verbo no futuro do pretérito, deveria ocorrer mesóclise (explicar-nos-iam); em *c*, o pronome relativo *que* atrai o pronome átono *me* para antes do verbo (que me explicou); em *d*, o advérbio de negação *não* atrai o pronome átono *lhe* para antes do verbo (não lhe explicarei).

Resposta: E

3. (UNAMA) – A frase em que é admissível alteração na colocação do pronome átono é:

- a) Quando lhe escrever, diga a ela de minha admiração por sua coragem.
b) Haviam-no procurado por toda a cidade.
c) Não se intrometa em maus negócios.
d) Garantir-se-á sigilo absoluto.
e) Hei de acostumar-me à nova situação.

RESOLUÇÃO:

Na construção apresentada, com a locução *haver de + verbo*, é igualmente aceitável a colocação do pronome átono antes ou depois do verbo principal.

Resposta: E

MÓDULO 49

JORGE DE LIMA, MURILO MENDES
E CECÍLIA MEIRELES

LEITURA

Texto 1

INVENÇÃO DE ORFEU
(fragmentos)
CANTO SEGUNDO
SUBSOLO E SUPERSOLO
XIX

*Estavas linda Inês posta em repouso
mas aparentemente bela Inês;
pois de teus olhos lindos já não ousou
fitar o torvelinho que não vê,
o suceder dos rostos cobiçosos
passando sem descanso sob a tez;
que eram tudo memórias fugidias,
máscaras sotopostas que não vias.*

(...)

(Jorge de Lima)

Texto 2

BANGUÊ¹

*Cadê você meu país do Nordeste
que eu não vi nessa Usina Central Leão de minha terra?
Ah! Usina, você engoliu os banguêzinhos do país das Alagoas!
Você é grande, Usina Leão!
Você é forte, Usina Leão!
As suas turbinas têm o diabo no corpo!*

(...)

(Jorge de Lima)

1 – Banguê: engenho.

Texto 3

ESSA NEGRA FULÔ

*Ora, se deu que chegou
(isso já faz muito tempo)
no banguê dum meu avô
uma negra bonitinha
chamada negra Fulô.*

*Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!*

*Ó Fulô! Ó Fulô!
(Era a fala da Sinhá)*

*– Vai forrar a minha cama,
pentear os meus cabelos,
vem ajudar a tirar
a minha roupa, Fulô!*

Essa negra Fulô!

*Essa negrinha Fulô
ficou logo pra mucama,
para vigiar a Sinhá
pra engomar pro Sinhô!*

(...)

(Jorge de Lima)

Texto 4

POEMA DO CRISTÃO

*Porque o sangue de Cristo
jorrou sobre os meus olhos,
a minha visão é universal
e tem dimensões que ninguém sabe.
Os milênios passados e os futuros
não me aturdem, porque nasço e nascerei,
porque sou uno com todas as criaturas,
com todos os seres, com todas as coisas
que eu decompou e absorvo com os sentidos
e compreendo com a inteligência
transfigurada em Cristo.*

(...)

(Jorge de Lima)

Texto 5

A DIVISÃO DE CRISTO

*Dividamos o Mundo em duas partes iguais:
uma para portugueses, outra para espanhóis.
Vêm quinhentos mil escravos no bojo das naus:
a metade morreu na viagem do oceano.
Dividamos o Mundo entre as pátrias.
Vêm quinhentos mil escravos no bojo das guerras:
a metade morreu nos campos de batalha.
Dividamos o mundo entre as máquinas:
Vêm quinhentos mil escravos no bojo das fábricas,
a metade morreu na escuridão, sem ar.
Não dividamos o mundo.
Dividamos Cristo:
todos ressuscitarão iguais.*

(Jorge de Lima)

Texto 6

CANÇÃO DO EXÍLIO

*Minha terra tem macieiras da Califórnia
onde cantam gaturamos¹ de Venezuela.
Os poetas da minha terra
são pretos que vivem em torres de ametista,*

os sargentos do exército são monistas², cubistas,
os filósofos são polacos vendendo a prestações.
A gente não pode dormir
com os oradores e os pernalongos.
(...)

(Murilo Mendes)

1 – *Gaturamo*: designação comum a várias espécies de aves.

2 – *Monista*: que crê na doutrina monista, segundo a qual tudo pode ser reduzido à unidade.

Texto 7

O PASTOR PIANISTA

Soltaram os pianos na planície deserta
Onde as sombras dos pássaros vêm beber.
Eu sou o pastor pianista,
Vejo ao longe com alegria meus pianos
Recortarem os vultos monumentais
Contra a lua.
Acompanhado pelas rosas migradoras
Apascento¹ os pianos que gritam
E transmitem o antigo clamor do homem
Que reclamando a contemplação
Sonha e provoca a harmonia,
Trabalha mesmo à força,
E pelo vento nas folhagens,
Pelos planetas, pelo andar das mulheres,
Pelo amor e seus contrastes,
Comunica-se com os deuses.

(Murilo Mendes)

1 – *Apascentar*: pastorear.

Texto 8

PARA ADELAIDE

Lua, luar,
Não confundamos:
Estou mandando
A Lua luar.
Luar é verbo,
Quase não é
Substantivo.
(...)

E tu és cíclica,
Única, onírica,
Envolverônica,
Musa lunar.

(...)

Lua humanada,
Violantelua,
Lua mafalda
Lua adelaide
Lua exilanda
(...)

(Murilo Mendes)

Texto 9

METADE PÁSSARO

A mulher do fim do mundo
Dá de comer às roseiras,
Dá de beber às estátuas,
Dá de sonhar aos poetas.

A mulher do fim do mundo
Chama a luz com um assobio,
Faz a virgem virar pedra,
Cura a tempestade,
Desvia o curso dos sonhos,
Escreve cartas ao rio,
Me puxa do sono eterno
Para os seus braços que cantam.

(Murilo Mendes)

Texto 10

A MARCHA DA HISTÓRIA

Eu me encontrei no marco do horizonte
Onde as nuvens falam,
Onde os sonhos têm mãos e pés
E o mar é seduzido pelas sereias.

Eu me encontrei onde o real é fábula,
Onde o sol recebe a luz da lua,
Onde a música é pão de todo dia
E a criança aconselha-se com as flores,

Onde o homem e a mulher são um,
Onde espadas e granadas
Transformaram-se em charruas¹,
E onde se fundem verbo e ação.

(Murilo Mendes)

1 – *Charrua*: instrumento usado no cultivo do solo.

Texto 11

O PROFETA

A Virgem deverá gerar o Filho
Que é seu Pai desde toda a eternidade.
A sombra de Deus se alastrará pelas eras futuras.
O homem caminhará guiado por uma estrela de fogo.
Haverá música para o pobre e açoites para o rico.
Os poetas celebrarão suas relações com o Eterno.
Muitos mecânicos sentirão nostalgia do Egito.
A serpente de asas será desterrada na lua.
A última mulher será igual a Eva.
E o Julgador, arrastando na sua marcha as constelações,
Reverterá todas as coisas ao seu princípio.

(Murilo Mendes)

Texto 12

MOTIVO

*Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.*

Irmão das coisas fugidias, que fogem
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.

*Se desmorono ou se edifício,
se permaneço ou me desfaço,
— não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.*

*Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
— mais nada.* (Cecília Meireles)

Texto 13

RETRATO

*Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.*

*Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra.*

*Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
— Em que espelho ficou perdida
a minha face?* (Cecília Meireles)

Texto 14

1.º MOTIVO DA ROSA

Vejo-te em seda e nácar, tom rosado ou
e tão de orvalho trêmula, [carmim (vermelho)]
que penso ver, efêmera,
toda a Beleza em lágrimas
por ser bela e ser frágil.

*Meus olhos te ofereço:
espelho para a face
que terás, no meu verso,
quando, depois que passes,
jamais ninguém te esqueça.*

*Então, da seda e nácar,
toda de orvalho trêmula,
serás eterna. E efêmero
o rosto meu, nas lágrimas
do teu orvalho... E frágil.*

(Cecília Meireles)

Texto 15

O ÚLTIMO ANDAR

*No último andar é mais bonito:
do último andar se vê o mar.
É lá que eu quero morar.*

*O último andar é muito longe:
custa-se muito a chegar.
Mas é lá que eu quero morar:*

(...)

*De lá se avista o mundo inteiro:
tudo parece perto, no ar.
É lá que eu quero morar:*

no último andar. (Cecília Meireles)

Texto 16

ROMANCEIRO DA INCONFIDÊNCIA FALA INICIAL

*Não posso mover meus passos
por esse atroz labirinto* cruel
*de esquecimento e cegueira
em que amores e ódios vão:
— pois sinto bater os sinos,
percebo o roçar das rezas,
vejo o arrepio da morte,
à voz da condenação;
— avisto a negra masmorra* cela de cadeia
*e a sombra do carcereiro
que transita sobre angústias,
com chaves no coração;
— descubro as altas madeiras* forca
*do excessivo cadafalso
e, por muros e janelas,
o pasmo da multidão.*

*Batem patas de cavalo.
Suam soldados imóveis.
Na frente dos oratórios,
que vale mais a oração?
Vale a voz do Brigadeiro
sobre o povo e sobre a tropa,
louvando a augusta Rainha,
— já louca e fora do trono —
na sua proclamação.*

Texto para a questão 1.

O GRANDE DESASTRE AÉREO DE ONTEM

Vejo sangue no ar, vejo o piloto que levava uma flor para a noiva, abraçado com a hélice. E o violinista, em que a morte acentuou a palidez, despenhar-se com sua cabeleira negra e seu estradivárius. Há mãos e pernas de dançarinas arremessadas na explosão. Corpos irreconhecíveis identificados pelo Grande Reconhecedor. Vejo sangue no ar, vejo chuva de sangue caindo nas nuvens batizadas pelo sangue dos poetas mártires. Vejo a nadadora belíssima, no seu último salto de banhista, mais rápida porque vem sem vida. Vejo três meninas caindo rápidas, enfunadas, como se dançassem ainda. E vejo a louca abraçada ao ramalhete de rosas que ela pensou ser o paraquedas e a prima-dona com a longa cauda de lantejoulas riscando o céu como um cometa. E o sino que ia para uma capela do oeste, vir dobrando finados pelos pobres mortos. Presumo que a moça adormecida na cabina ainda vem dormindo, tão tranquila e cega! Ô amigos, o paralítico vem com extrema rapidez, vem como uma estrela cadente, vem com as pernas do vento. Chove sangue sobre as nuvens de Deus. E há poetas míopes que pensam que é o arrebol.

(Jorge de Lima)

1. No texto anterior, a presença de imagens absurdas e desconexas remete a uma determinada corrente estética que influenciou muito o poeta Jorge de Lima. De que corrente se trata? Justifique sua resposta com elementos do texto.

RESOLUÇÃO:

Trata-se do Surrealismo. O desastre aéreo é descrito como uma coreografia de corpos no ar, por meio de imagens de forte impacto visual, trazidas do mundo do sonho e do inconsciente. Nesse sentido, quase todas as frases do texto podem ser citadas: “o piloto que levava uma flor... abraçado com a hélice”; “o violinista... despenhar-se com sua cabeleira e seu estradivárius”; “três meninas caindo rápidas, ... como se dançassem ainda”; “a prima-dona com a longa cauda de lantejoulas riscando o céu como um cometa”; “o paralítico vem como uma estrela cadente, vem com as pernas do vento” etc.

Ó meio-dia confuso,
ó vinte-e-um de abril sinistro,
que intrigas de ouro e de sonho
houve em tua formação?
Quem ordena, julga e pune?
Quem é culpado e inocente?
Na mesma cova do tempo
Cai o castigo e o perdão.
Morre a tinta das sentenças
e o sangue dos enforcados...
— liras, espadas e cruzes
pura cinza agora são.
Na mesma cova, as palavras,
o secreto pensamento,
as coroas e os machados,
mentira e verdade estão.

Aqui, além, pelo mundo,
ossos, nomes, letras, poeira...
Onde, os rostos? onde, as almas?
Nem os herdeiros recordam
rastro nenhum pelo chão.

(...)

ROMANCE I OU
DA REVELAÇÃO DO OURO

Nos sertões americanos,
anda um povo desgrenhado:
gritam pássaros em fuga
sobre fugitivos riachos;
desenrolam-se os novelos
das cobras, sarapintados;
espreitam, de olhos luzentes,
os satíricos macacos.

desordenado, confuso

Súbito, brilha um chão de ouro:
corre-se — é luz sobre um charco.

(...)

E, atrás deles, filhos, netos,
seguindo os antepassados,
vêm deixar a sua vida,
caindo nos mesmos laços,
perdidos na mesma sede,
teimosos, desesperados,
por minas de prata e de ouro
curtindo destino ingrato,
emaranhando seus nomes
para a glória e o desbarato,
quando, dos perigos de hoje,
outros nascerem, mais altos.
Que a sede de ouro é sem cura,
e, por ela subjugados,
os homens matam-se e morrem,
ficam mortos, mas não fartos.

ruína

(Ai, Ouro Preto, Ouro Preto,
e assim foste revelado!)

(Cecília Meireles)

Texto para as questões 2 e 3.

PRÉ-HISTÓRIA

*Mamãe vestida de rendas
Tocava piano no caos.
Uma noite abriu as asas
Cansada de tanto som,
Equilibrou-se no azul,
De tonta não mais olhou
Para mim, para ninguém!
Cai no álbum de retratos.*

(Murilo Mendes)

2. De que tipo de verso se trata, livre ou medido?

RESOLUÇÃO:

É verso medido, de sete sílabas métricas (heptassílabos ou redondilhos maiores).

3. Qual a função da mudança do tempo verbal no último verso?

RESOLUÇÃO:

A mudança de tempo verbal no último verso (“Cai”, presente, quando todo o resto do texto apresenta verbos no perfeito e no imperfeito) tem por função mostrar que no presente o poeta ainda é afetado pela imagem longínqua da mãe, pelo impacto de sua morte e que o tempo que se interpõe entre passado e presente pode ser abolido pela memória. É significativo, nesse sentido, o título “Pré-História”.

Texto para a questão 4.

RETRATO

*Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.*

*Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra.*

*Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
— Em que espelho ficou perdida
a minha face?*

(Cecília Meireles)

4. No poema “Retrato”, há um par de substantivos sinônimos. Aponte esses substantivos e explique se é possível estabelecer, a partir dos versos, alguma distinção de sentido entre eles.

RESOLUÇÃO:

O par de substantivos sinônimos é *rosto*, no primeiro verso, e *face*, no último. Pode-se dizer que *rosto*, aqui, é a aparência visível do poeta, sujeita às transformações causadas pelo tempo, e observada no espelho. *Face* é a aparência antiga e perdida do eu lírico, aquela que corresponderia de fato à sua essência, isto é, ao que ele é profundamente.

VINICIUS DE MORAES**LEITURA****Texto 1****SONETO DE SEPARAÇÃO**

*De repente do riso fez-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma
E das bocas unidas fez-se a espuma
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.*

*De repente da calma fez-se o vento
Que dos olhos desfez a última chama
E da paixão fez-se o pressentimento
E do momento imóvel fez-se o drama.*

*De repente, não mais que de repente
Fez-se de triste o que se fez amante
E de sozinho o que se fez contente.*

*Fez-se do amigo próximo o distante
Fez-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente.*

(Oceano Atlântico, a bordo do
Highland Patriot, a caminho da Inglaterra, 09.1938)

Texto 2**SONETO DO MAIOR AMOR**

*Maior amor nem mais estranho existe
Que o meu, que não sossega a coisa amada
E quando a sente alegre, fica triste
E se a vê descontente, dá risada.*

*E que só fica em paz se lhe resiste
O amado coração, e que se agrada
Mais da eterna aventura em que persiste
Que de uma vida mal-aventurada.*

*Louco amor meu, que quando toca, fere
E quando fere, vibra, mas prefere
Ferir a fenecer — e vive a esmo.*

*Fiel à sua lei de cada instante
Desassombrado, doido, delirante
Numa paixão de tudo e de si mesmo.*

(Oxford, 1938)

Texto 3**A ROSA DE HIROXIMA**

*Pensem nas crianças
Mudas telepáticas
Pensem nas meninas
Cegas inexatas
Pensem nas mulheres
Rotas alteradas
Pensem nas feridas
Como rosas cálidas
Mas oh não se esqueçam
Da rosa da rosa
Da rosa de Hiroxima
A rosa hereditária
A rosa radioativa
Estúpida e inválida
A rosa com cirrose
A antirrosa atômica
Sem cor sem perfume
Sem rosa sem nada*

Texto 4**O OPERÁRIO EM CONSTRUÇÃO**

(...)

*E um grande silêncio fez-se
Dentro do seu coração
Um silêncio de martírios
Um silêncio de prisão.
Um silêncio povoado
De pedidos de perdão
Um silêncio apavorado
Com o medo em solidão.*

*Um silêncio de torturas
E gritos de maldição
Um silêncio de fraturas
A se arrastarem no chão.
E o operário ouviu a voz
De todos os seus irmãos
Os seus irmãos que morreram
Por outros que viverão.
Uma esperança sincera
Cresceu no seu coração
E dentro da tarde mansa
Agigantou-se a razão
De um homem pobre e esquecido
Razão porém que fizera
Em operário construído
O operário em construção.*

Texto 5**POÉTICA**

*De manhã escureço
De dia tarde
De tarde anoiteço
De noite ardo.*

*A oeste a morte
Contra quem vivo
Do sul cativo
O este é meu norte.*

*Outros que contem
Passo por passo:
Eu morro ontem*

*Nasço amanhã
Ando onde há espaço:
— Meu tempo é quando.*

EXERCÍCIOS

1. Antonio Candido define a obra poética de Vinicius de Moraes como uma “constelação fraternal de gêneros”, que inclui a crônica de jornal, a conversa, a notícia, a confissão, a indignação política, o discurso da amizade e a declaração de amor. A partir dessa afirmação, associe as seguintes rubricas aos trechos transcritos nos itens de 1 a 6:

- I. poesia religiosa
- II. poesia amorosa
- III. poesia de crítica social
- IV. poesia infantil
- V. cancionero popular
- VI. prosa poética

1. ()
*Vai minha tristeza
E diz a ela
Que sem ela não pode ser
Diz-lhe numa prece
Que ela regresse
Porque eu não posso mais sofrer.
Chega de saudade
A realidade é que sem ela
Não há paz, não há beleza
É só tristeza, e a melancolia
Que não sai de mim, não sai de mim,
Não sai.*

2. ()
*Era ele que erguia casas
Onde antes só havia o chão
Como um pássaro sem asas
Ele subia com as casas
Que lhe brotavam da mão.
Mas tudo desconhecia
De sua grande missão:
Não sabia, por exemplo,
Que a casa de um homem é um templo
Um templo sem religião
Como tampouco sabia
Que a casa que ele fazia
Sendo a sua liberdade
Era a sua escravidão.*

3. ()
*No sangue e na lama,
O corpo sem vida tombou.
Mas nos olhos do homem caído
Havia ainda a luz do sacrifício que redime
E no grande Espírito que adejava o mar e o monte
Mil vozes clamavam que a vitória do homem forte tombado no leito
Era o Novo Evangelho para o homem de paz que lavra no campo.*

4. ()
*Meu Deus, eu quero a mulher que passa.
Seu dorso frio é um campo de lírios
Tem sete cores nos seus cabelos
Sete esperanças na boca fresca!*

*Oh! Como és linda, mulher que passas
Que me sacias e suplicas
Dentro das noites, dentro dos dias!*

(...)

Meu Deus, eu quero a mulher que passa!

5. ()
*O pato pateta
Pintou o caneco
Surrou a galinha
Bateu no marreco
Pulou no poleiro
No pé do cavalo
Levou um coice
Criou um galo
(...)*

6. ()
*Para viver um grande amor, preciso é muita concentração e muito
siso, muita seriedade e pouco riso — para viver um grande amor.
Para viver um grande amor, mister é ser um homem de uma só
mulher; pois ser de muitas, poxa! é de colher... — não tem nenhum valor.
(...) Mas tudo isso não adianta nada, se nesta selva oscura e desvairada
não se souber achar a bem-amada — para viver um grande amor.*

RESOLUÇÃO:

- 1) V (cancioneiro popular).
- 2) III (poesia de crítica social).
- 3) I (poesia religiosa).
- 4) II (poesia amorosa).
- 5) IV (poesia infantil).
- 6) VI (prosa poética).

Texto para os testes 2 e 3.

RECEITA DE MULHER

*As muito feias que me perdoem
Mas beleza é fundamental. É preciso
Que haja qualquer coisa de flor em tudo isso
Qualquer coisa de dança, qualquer coisa de haute couture*
Em tudo isso (ou então
Que a mulher se socialize elegantemente em azul, como na
[República Popular Chinesa].
Não há meio-termo possível. É preciso
Que tudo isso seja belo. É preciso que súbito
Tenha-se a impressão de ver uma garça apenas pousada e que um
[rosto
Adquira de vez em quando essa cor só encontrável no terceiro
[minuto da aurora.
(Vinicius de Moraes)*

* Haute couture: alta costura.

2. (FUVEST-SP-2012) – No conhecido poema “Receita de Mulher”, de que se reproduziu aqui um excerto, o tratamento dado ao tema da beleza feminina manifesta a
- oscilação do poeta entre a angústia do pecador (tendo em vista sua educação jesuítica) e o impudor do libertino.
 - conjugação, na sensibilidade do poeta, de interesse sexual e encantamento estético, expresso de modo provocador e bem-humorado.
 - idealização da mulher a que chega o poeta quando, na velhice, arrefeceu-lhe o desejo sexual.
 - crítica ao caráter frívolo que, por associar-se ao consumo, o amor assume na contemporaneidade.
 - síntese, pela via do erotismo, das tendências europeizantes e nacionalistas do autor.

RESOLUÇÃO:

O interesse sexual do eu lírico e o encantamento estético fundem-se neste texto de estilo coloquial-irônico em que se pretende propor uma fórmula ideal de mulher.

Resposta: B

3. (FUVEST-SP-2012) – Tendo em vista o contexto, o modo verbal predominante no excerto e a razão desse uso são:

- indicativo; expressar verdades universais.
- imperativo; traduzir ordens ou exortações.
- subjuntivo; indicar vontade ou desejo.
- indicativo; relacionar ações habituais.
- subjuntivo; sugerir condições hipotéticas.

RESOLUÇÃO:

O modo verbal predominante é o subjuntivo, no tempo presente, empregado para manifestar desejos e vontades: “que me perdoem”, “que haja”, “se socialize”, “seja belo” e “adquira”.

Resposta: C

Texto para o teste 4.

PÁTRIA MINHA

*A minha pátria é como se não fosse, é íntima
Doçura e vontade de chorar; uma criança dormindo
É minha pátria. Por isso, no exílio,
Assistindo dormir meu filho,
Choro de saudades de minha pátria.*

*Se me perguntarem o que é a minha pátria, direi:
Não sei. De fato não sei
Como, por que e quando a minha pátria,
Mas sei que a minha pátria é a luz, o sal e a água
Que elaboram e liquefazem a minha mágoa
Em longas lágrimas amargas.*

*Vontade de beijar os olhos de minha pátria,
De niná-la, de passar-lhe a mão pelos cabelos...
Vontade de mudar as cores do vestido (auriverde!) tão feias
De minha pátria, de minha pátria sem sapatos
E sem meias, pátria minha
Tão pobrinha!*

(...)

(Vinicius de Moraes)

4. Este poema filia-se a uma tradição cara à literatura brasileira: a de cantar a pátria. Nesse sentido, o poema de Vinicius de Moraes filia-se à(ao)

- literatura dos viajantes.
- literatura regionalista romântica.
- “Canção do Exílio” de Gonçalves Dias.
- “Canção do Exílio” de Murilo Mendes.
- tema do *locus amoenus* da poesia árcade.

RESOLUÇÃO:

O poema de Vinicius filia-se ao de Gonçalves Dias pelo tom saudosista.

Resposta: C

1. O romance regionalista nordestino que surge e se desenvolve a partir de 1930, aproximadamente, pode ser chamado *neorrealista*. Isso se deve ao fato de que esse romance

- retoma o filão da temática regionalista, descoberto e explorado inicialmente pelos realistas do século XIX.
- apresenta, por meio do discurso narrativo, uma visão realista e crítica das relações entre as classes que estruturaram a sociedade do Nordeste.
- tenta explicar o comportamento do homem nordestino, com base numa postura estritamente científica, pelos fatores raça, meio e momento.
- abandona de todo os pressupostos teóricos do Realismo do século XIX, buscando as causas do comportamento humano mais no individual do que no social.
- procura fazer da narrativa a anotação fiel e minuciosa da nova realidade urbana do Nordeste.

RESOLUÇÃO:

A prosa modernista da geração dos anos 30 teve como principal característica o regionalismo, focalizando a difícil condição de vida no meio rural do Nordeste brasileiro. Na Segunda Geração Modernista, o regionalismo ganha caráter ideológico, voltando-se para o conflito de classes, a denúncia da miséria e do sistema latifundiário, a seca, o jaguncismo e o misticismo. Propunha-se, assim, uma literatura empenhada e realista na denúncia dos entraves culturais e sociais da realidade nordestina.

Resposta: B

2. (FMABC-SP-2012) – O romance *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, foi escrito em 1937, durante a vigência do Estado Novo. Considerando a obra inteira, dela é **incorreto** afirmar que

- tanto a matéria jornalística, pseudoreportagem, que dá apoio ao romance, quanto a literária que o consubstancia mostram-se como objetos do imaginário, criados, portanto, pelo mesmo autor.
- se enquadra no chamado romance social e proletário, do qual o autor é expoente, e expressa de modo veemente as relações entre política e literatura.
- o grupo é chamado de “capitães da areia” porque o cais é o seu quartel-general e se constitui de um bando de crianças delinquentes que vivem na cidade de Salvador (Bahia).
- a prisão e condenação de Pedro Bala, ao final do romance, é a consequência natural do desagregamento dos capitães após a morte de Dora, que aglutinava em torno de si todas as crianças.
- Pedro Bala é trancafiado na cafua, um pequeno quarto, por baixo da escada, onde não se podia estar em pé, e os sofrimentos lhe ensinaram que a liberdade é o bem maior do mundo.

RESOLUÇÃO:

A prisão de Pedro Bala se dá por ocasião de um assalto e não constitui o fim do romance.

Resposta: D

Texto para o teste 3.

E, no dia em que ele fugiu, em inúmeros lares, na hora pobre do jantar, rostos se iluminaram ao saber da notícia. E, apesar de que lá fora era o terror, qualquer daqueles lares era um lar que se abria para Pedro Bala, fugitivo da polícia. Porque a revolução é uma pátria e uma família.

(Jorge Amado, *Capitães da Areia*)

3. (PUC-SP – modificado) – Tomando o romance como um todo, indique a alternativa que confirma as considerações pertinentes ao enredo de *Capitães da Areia*.

- O conflito que move o romance é basicamente folhetinesco: pobres contra ricos, fracos contra fortes, pequenos marginais contra a sociedade opressora, e se resolve com o aniquilamento total dos delinquentes pelos órgãos de repressão do Estado.
- Trata-se de um romance que, no âmbito da literatura brasileira, expressa de modo veemente as relações entre política e literatura; contudo não pode ser enquadrado no chamado *romance social e proletário*, porque tematiza apenas a vida de crianças na cidade de Salvador.
- A violência presente no romance decorre do quadro de enfrentamento social vivido pelo protagonista e seu grupo e é alimentada pela polícia, pela imprensa e pela igreja.
- O enredo apoia-se fundamentalmente nas ações de uma personagem feminina que, a um tempo, assume, nas relações do grupo, o papel de mãe, amiga, noiva e esposa, incorporando, assim, os valores morais e éticos da sociedade baiana.
- O romance marca-se pela presença de um herói em evolução da marginalidade à militância, que, após inúmeras peripécias, encontra nas lutas sociais e trabalhistas o caminho para canalizar, de modo mais positivo, a revolta contra o sistema que o exclui.

RESOLUÇÃO:

O romance de Jorge Amado pode ser resumido como a história de um herói proletário em sua caminhada rumo à consciência social e à militância política esclarecida — segundo a visão social e a crença política que o autor tinha na época.

Resposta: E

Texto para os testes 4 e 5.

Tudo seco em redor. E o patrão era seco também, arreliado, exigente e ladrão, espinhoso como um pé de mandacaru.

Indispensável os meninos entrarem no bom caminho, saberem cortar mandacaru para o gado, consertar cercas, amansar brabos. Precisavam ser duros, virar tatus. Se não calejassem, teriam o fim de Seu Tomás da bolandeira, coitado. Para que lhe servira tanto livro, tanto jornal? Morrerá por causa do estômago doente e das pernas fracas.

4. (CENTEC-BA) – O trecho apresenta como ideia central
- a valorização do trabalho intelectual para a existência humana.
 - o elogio da condição humana em tempo de seca.
 - as regras de sobrevivência humana em ambiente inóspito.
 - a preocupação metafísica do autor com relação ao homem.
 - a denúncia da fragilidade humana perante a natureza.

RESOLUÇÃO:

Resposta: C

5. (CENTEC-BA) – São características do romance regionalista de 1930 presentes no trecho:

- linguagem erudita e personagens populares.
- concisão de linguagem e incorporação de mitos regionais.
- experimentalismo formal e crítica social.
- caracterização física minuciosa das personagens e representação da vida nordestina.
- linguagem coloquial e flagrante da relação homem-estruturas sociais.

RESOLUÇÃO:

Resposta: E

LEITURA

Texto 1

PARTE III
CAPITÃO VITORINO

A velha deixou o quarto e saiu para o fundo da casa. Vitorino fechou os olhos, mas estava muito bem acordado com os pensamentos voltados para a vida dos outros. Ele muito tinha que fazer ainda. Ele tinha o Pilar para tomar conta, ele tinha o seu eleitorado, os seus adversários. Tudo isto precisava de seus cuidados, da força do seu braço, de seu tino. (...) A sua velha Adriana quisera abandoná-lo para correr atrás do filho. Desistiu para ficar ali como uma pobre. Podia ter ido. Ele, Vitorino Carneiro da Cunha, não precisava de ninguém para viver. Se lhe tomassem a casa onde morava, armaria a sua rede por debaixo dum pé de pau. Não temia a desgraça, não queria a riqueza. (...) Um dia tomaria conta do município. (...)

(...) A vila do Pilar teria calçamento, cemitério novo, jardim, tudo que Itabaiana tinha com o novo Prefeito. (...) Af levantou-se. (...) Ele, chefe político do Pilar, não teria inveja do Dr. Heráclito de Itabaiana. Todos pagariam impostos. Por que José Paulino não queria pagar impostos? Ele próprio iria com os fiscais cobrar os dízimos no Santa Rosa. Queria ver o ricaço espernear. Ah! Dava gritos.

— Tem que pagar, primo José Paulino, tem que pagar, sou eu o Prefeito Vitorino que estou aqui para cumprir a lei. Tem que pagar!

E gritou na sala com toda a força.

Apareceu a velha Adriana, assustada.

— O que há, Vitorino?

E quando viu que não havia ninguém na sala:

— Estavas sonhando?

— Que sonhando, que coisa nenhuma. Vai para a tua cozinha e me deixa na sala. (...)

Levantou-se outra vez e saiu para a frente da casa. (...)

— Entra para dentro, Vitorino, está muito frio. A friagem da lua te faz mal.

Ele não respondeu. No outro dia sairia pelo mundo para trabalhar pelo povo. (...) Quando entrasse na casa da Câmara sacudiriam flores em cima dele. Dariam vivas, gritando pelo chefe que tomava a direção do município. Mandaria abrir as portas da cadeia. Todos ficariam contentes com o seu triunfo. (...) Ah, com ele não havia grandes mandando em pequenos. Ele de cima quebraria a goga¹ dos parentes que pensavam que a vila fosse bagaceira de engenho.

— Vitorino, vem dormir.

— Já vou.

E, escorado no portal da casa de taipa, de chão de barro, de paredes pretas, Vitorino era dono do mundo que via, da terra que a lua branqueava, do povo que precisava de sua proteção.

— Tem cuidado com o sereno.

— Cala esta boca, vaca velha. Já ouvi.

Depois, com as portas fechadas, estirado na rede, com o corpo doído, continuou a fazer e a desfazer as coisas, a comprar, a levantar, a destruir com as suas mãos trêmulas, com o seu coração puro.

(José Lins do Rego, *Fogo Morto*)

1 – Goga: fanfarronice, farra.

Texto para as questões 1 e 2.

A palavra da velha conduzia o filho como se empurrasse um cego na estrada. O Santo gritava, gritava com um vozeirão de roqueira. Aparício e os cabras chegavam para ele. E ele que tinha aos seus pés milhares de criaturas parecia não enxergar os cangaceiros de chapéu na cabeça. De repente, porém, como se os seus olhos se abrissem, olhou fixamente para Aparício e os seus homens. E manso, tal uma ventania que se abrandasse numa brisa mansinha, fixou no terror das caatingas a sua atenção. Com a voz de homem para homem, não mais de santo para impuros, foi dizendo:

— Deus do céu e o meu santo mártir S. Sebastião te mandou para perto de mim.

E marchou para o meio dos cangaceiros, rompendo por entre os romeiros que caíam a seus pés, com a cabeça erguida e as barbas açoitadas pelo vento. Aparício, quando viu-o de perto, ajoelhou-se. O rifle caiu-lhe das mãos, enquanto o Santo punha-lhe na cabeça os dedos magros. Podia-se escutar os rumores dos bichos da terra naquele silêncio de mundo parado. E soturno, com a voz que saía de uma furna, o Santo ergueu para o céu o seu canto. E as ladainhas irromperam de todos os recantos do arraial. Muitos cangaceiros começaram a chorar. Aparício, porém, possuiu-se de fúria, e era uma fera acuada, com milhares de cachorros na boca da toca. E ergueu-se. E já com o rifle na mão esquerda fitou o Santo, cara a cara, e com a mão direita cheia de anéis puxou o punhal da bainha e disse aos berros:

— Povo, eu não tenho medo.

(REGO, José Lins do. *Cangaceiros*. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976, p. 8.)

1. (VUNESP-SP) – José Lins do Rego faz parte de uma geração de romancistas engajados na realidade cultural de nosso país. Sua prosa de ficção caracteriza-se pelo forte tom de oralidade, de regionalismos léxicos e sintáticos que aproximam seu discurso da fala popular. Localize, na primeira frase em discurso direto, um desses “erros gramaticais” tão frequentes na espontaneidade da expressão popular oral.

RESOLUÇÃO:

Há “erro” de concordância verbal, pois, como o sujeito é composto e está anteposto ao verbo, este obrigatoriamente deve ir para o plural.

2. (VUNESP-SP) – Que formulação o discurso direto teria sem esse “erro”?

RESOLUÇÃO:

O discurso direto, sem o “erro”, ficaria: “— Deus do céu e o meu santo mártir S. Sebastião te mandaram para perto de mim.”

3. (PUC-MG) – Apesar de sua estrutura literária sólida, *Fogo Morto* (1943) é um documento sociológico, que retrata o Nordeste e a oligarquia composta pelos senhores de engenho, ameaçada com a chegada do capital proveniente da industrialização. São engenhos de “fogo morto”, onde decaí o patriarcalismo com suas tragédias humanas. O romance é a expressão de uma cultura, pois retrata o mundo da casa-grande e o mundo da senzala com as consequências sociais do relacionamento de um com o outro. Além do título *Fogo Morto*, sugestivo dessa decadência a que nos referimos, a personagem José Amaro também traz em seu nome um indício que anuncia um traço de sua personalidade: seu caráter amargurado.

Todas as passagens a seguir exemplificam esse amargor, **menos**:

- “Vai trabalhar para o velho José Paulino? É bom homem, mas eu lhe digo: estas mãos que o senhor vê nunca cortaram sola para ele. Tem a sua riqueza, e fique com ela. Não sou criado de ninguém.”
- “Nesta casa mando eu. Quem bate sola o dia inteiro, quem está amarelo de cheirar sola, de amansar couro cru? Falo o que quero, Seu Laurentino. Isto aqui não é casa de Vitorino Papa-Rabo. Isso é casa de homem.”
- “Os olhos do velho, amarelos, como que se enevoaram de lágrima que não chegara a rolar. Havia uma mágoa profunda nele.”
- “Já quer ir mesmo, homem! Aqui a casa é sua. Passando pela estrada, pare aqui. Sinhá, Seu Laurentino já se vai!”
- “Ouvia o gemer da filha. Batia com mais força na sola. (...) Tinha aquela filha triste, aquela Sinhá de língua solta.”

RESOLUÇÃO:

No trecho transcrito na alternativa *d*, a fala da personagem não contém amargor, mas sim amabilidade.

Resposta: D

4. (USF-SP) – A alternativa cujo trecho transcrito revela sinais da decadência socioeconômica do Coronel Lula, personagem de *Fogo Morto*, de José Lins do Rego, é:

- “O povo que passava pela porta da casa-grande sabia que lá dentro havia um senhor de engenho que se dava ao respeito. Ninguém gostava do velho Lula de Holanda, mas ao vê-lo, com as barbas até o peito, todo de preto, de olhar duro e fada de rompante, todos o respeitavam.”
- “— Aí está em que dá o luxo dele. Está aí o engenho num atraso danado. O Major Tomás, o que deixou está aí no mesmo pé. Engenho de bestas num tempo deste!”
- “Seu Lula ouvia a missa inteira ajoelhado, batendo com os beijos, com o rosário entre as mãos. Parecia, com aquela barba quase branca, com aquele olhar baço, um frade da Penha à paisana. O povo achava tudo aquilo uma hipocrisia.”
- “Aos domingos chegava ao Pilar no cabriolé. Via-se cercado pelos olhares daquela canalha da rua. Sabia que todos o tinham na conta de mau, de orgulhoso, de malvado (...) Aquela canalha do Pilar não lhe perdoava o desprezo que ele lhe tinha.”
- “Era uma noite maravilhosa, de céu mais limpo que céu de visão. Fazia frio, e Lula, de camisa de dormir, parecia-lhe uma figura penada. Teve naquele instante dó de seu marido. Com a arma nas mãos ficara ele parado, no alpendre, com a lua, mais branco que o madapolão [tecido] da camisa.”

RESOLUÇÃO:

Resposta: B

1. (CEFET-PR) – O diálogo a seguir é entre Paulo Honório, narrador, e Gondim, jornalista contratado inicialmente por Paulo para escrever o romance:

Vá para o inferno, Gondim. Você acanhou o troço. Está pernóstico, está safado, está idiota. Há lá ninguém que fale dessa forma!

Azevedo Gondim apagou o sorriso, engoliu em seco, apanhou os cacos da sua pequenina vaidade e replicou amuado que um artista não pode escrever como fala.

Não pode? Perguntei com assombro. E por quê?

Azevedo Gondim respondeu que não pode porque não pode.

— Foi assim que sempre se fez. A literatura é a literatura, seu Paulo. A gente discute, briga, trata de negócios naturalmente, mas arranjar palavras com tinta é outra coisa. Se eu fosse escrever como falo, ninguém me lia.

(Graciliano Ramos, *São Bernardo*, cap. 1)

Com base no texto, pode-se afirmar que

- a concepção de literatura da 1.ª fase do Modernismo se expressa na opinião de Gondim.
- as ideias de Paulo Honório se aplicam à obra de Graciliano, não à de outros autores modernos.
- as características da prosa da 2.ª fase do Modernismo não aparecem no ponto de vista de Paulo.
- a divergência entre Gondim e Paulo é antes temática que estilística.
- a concepção de literatura da 1.ª e 2.ª fases do Modernismo está no parecer de Paulo.

RESOLUÇÃO:

Resposta: E

Textos para os testes 2 e 3.

Texto 1

No dia seguinte, encontrei Madalena escrevendo. Avizinhei-me nas pontas dos pés e li o endereço de Azevedo Gondim.

— Faz favor de mostrar isso?

Madalena agarrou uma folha que ainda não havia sido dobrada.

(...)

— Vá para o inferno, trate da sua vida.

Aquela resistência enfureceu-me:

— Deixa ver a carta, galinha.

Madalena despreendeu-se e entrou a correr pelo quarto, gritando:

— Canalha!

D. Glória chegou à porta, assustada:

— Pelo amor de Deus! Estão ouvindo lá fora.

Perdi a cabeça:

— Vá amolar a p.q.p. Está mouca, aí com a sua carinha de santa?

É isto: p.q.p. E se achar ruim, rua. A senhora e a boa de sua sobrinha, compreende? P.q.p. as duas.

(Graciliano Ramos, *São Bernardo*)

Texto 2

Penso em Madalena com insistência. Se fosse possível recomencermos... Para que enganar-me? Se fosse possível recomencermos, aconteceria exatamente o que aconteceu. Não consigo modificar-me, é o que mais me aflige.

(Graciliano Ramos, *São Bernardo*)

2. (UNIFESP-SP) – No texto 1, o narrador pediu a Madalena que lhe mostrasse o que estava escrevendo. Frente à recusa, sua reação revela
- incômodo, por não identificar o destinatário.
 - ciúme, expresso nos insultos a ela lançados.
 - descaso, ocasionado pela má conduta da mulher.
 - medo, na forma contida de se expressar.
 - resignação, por pressupor-se traído.

RESOLUÇÃO:

No texto 1, Paulo Honório, tendo visto o endereço do destinatário da carta que Madalena escrevia, protagoniza uma típica cena de ciúme, com insultos e palavrões. O ciúme, aliás, é uma das manifestações, na obra, da incapacidade de Paulo Honório de compreender Madalena.

Resposta: B

3. (UNIFESP-SP) – No texto 2, o narrador
- almeja viver de outra forma para deixar de enganar a si próprio.
 - atribui a Madalena a impossibilidade de viver plenamente sua vida.
 - sabe que tudo aconteceria da mesma forma por conta de Madalena.
 - reconhece, incomodado, a impossibilidade de mudar e viver de outro jeito.
 - acredita que não pode mudar, pelo fato de não ter Madalena a seu lado.

RESOLUÇÃO:

O narrador declara seu desejo de poder “recomeçar” com Madalena, mas imediatamente reconhece sua própria limitação e incapacidade de mudança.

Resposta: D

Texto para o teste 4.

Naquele momento a ideia da prisão dava-me quase prazer: via ali um princípio de liberdade. Eximira-me do parecer, do ofício, da estampilha, dos horríveis cumprimentos ao deputado e ao senador; iria escapar a outras maçadas, gotas espessas, amargas, corrosivas.
(Graciliano Ramos, *Memórias do Cárcere*)

4. (FATEC-SP) – A partir da leitura deste trecho, afirma-se:
- Os sentimentos conflitantes do autor diante da prisão (que ele, por antítese, entende como libertação) revelam sua incapacidade de vencer as dificuldades de seu dia a dia.
 - A prisão representaria uma forma de livrar-se de comportamentos formais a que o narrador se via obrigado.
 - Em sua rotina, o narrador executava tarefas burocráticas.
 - O narrador expressa despreço a suas atividades; é o que se traduz na metáfora: “...gotas espessas, amargas, corrosivas...”

Quanto às afirmações, devemos concluir que

- a I e a IV estão corretas.
- somente a II e a III estão corretas.
- somente a III e a IV estão corretas.
- estão corretas a II, a III e a IV.
- estão corretas a I, a II e a III.

RESOLUÇÃO:

O narrador não revela incapacidade de vencer as dificuldades de seu dia a dia. A rotina enfada-o, mas isso não o impede de transpor os obstáculos do cotidiano.

Resposta: D

Texto para a questão 1.

GRACILIANO RAMOS:

*Falo somente com o que falo:
com as mesmas vinte palavras
girando ao redor do sol
que as limpa do que não é faca:*

*de toda uma crosta viscosa,
resto de janta abaianada,
que fica na lâmina e cega
seu gosto da cicatriz clara.*

(...)

(João Cabral de Melo Neto)

1. (ITA-SP)

- a) No poema, João Cabral faz referência ao estilo de Graciliano Ramos. Destaque um trecho do excerto acima e comente a caracterização feita pelo autor do poema.

RESOLUÇÃO:

“Com as mesmas vinte palavras / girando ao redor do sol”. Esses versos configuram um dos principais atributos do romancista alagoano, que o poeta pernambucano admira: a concisão, a economia vocabular, a proverbial “secura” de sua dicção exata, objetiva, apegada ao essencial e refratária à adjetivação, à subordinação, ao ornamental.

- b) Justifique a colocação dos dois-pontos após o nome *Graciliano Ramos* no título do poema.

RESOLUÇÃO:

Os dois-pontos, pospostos ao nome do romancista, indicam a enumeração de seus atributos, das qualidades que constituem o texto do poema e seu conteúdo.

2. (ITA-SP) – O romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, publicado em 1938, é um marco da ficção social brasileira, pois registra de forma bastante realista a vida miserável de uma família de retirantes que vive no sertão nordestino. A cachorra Baleia tem um papel especial no livro, pois é sobretudo na relação das personagens com esse animal que podemos perceber que elas não se desumanizam, apesar de suas condições de vida. Considerando essa ideia, explique qual a importância do capítulo “Baleia” no romance.

RESOLUÇÃO:

O capítulo “Baleia” é apontado como clímax do romance, se é que se pode falar em clímax numa obra fragmentária, cuja descontinuidade é projeção da visão precária dos retirantes e que se pode ler também como um livro de contos. Trata-se da cena que envolve maior tensão dramática e a que consagra a antropomorfização da cachorra, que se deixa abater por Fabiano e se recusa, como num bloqueio “emocional”, a morder o sertanejo que a criou. A “humanização” do animal, magistralmente descrita, cria o único momento de compaixão e gratidão, em meio a uma absoluta “secura” da paisagem e dos sentimentos.

Texto para o teste 3.

Fizeram alto. E Fabiano depôs no chão parte da carga, olhou o céu, as mãos em pala na testa. Arrastara-se até ali na incerteza de que aquilo fosse realmente mudança. Retardara-se e repreendera os meninos, que se adiantavam, aconselhara-os a poupar forças. A verdade é que não queria afastar-se da fazenda. A viagem parecia-lhe sem jeito, nem acreditava nela. Preparara-a lentamente, adiarda-a, tornara a prepará-la, e só se resolvera a partir quando estava definitivamente perdido. Podia continuar a viver num cemitério? Nada o prendia àquela terra dura, acharia um lugar menos seco para enterrar-se. Era o que Fabiano dizia, pensando em coisas alheias: o chiqueiro e o curral, que precisavam conserto, o cavalo de fábrica, bom companheiro, a égua alazã, as catingueiras, as panelas de losna, as pedras da cozinha, a cama de varas. E os pés dele esmoreciam, as alpercatas calavam-se na escuridão. Seria necessário largar tudo? As alpercatas chiavam de novo no caminho coberto de seixos.

(Graciliano Ramos, *Vidas Secas*)

3. (FUVEST-SP) – Assinale a alternativa **incorreta**.

- a) O trecho pode ser compreendido como suspensão temporária da dinâmica narrativa, apresentando uma cena “congelada”, que permite focalizar a dimensão psicológica da personagem.
- b) Pertencente ao último capítulo da obra, o trecho faz referência tanto às conquistas recentes de Fabiano, quanto à desilusão da personagem ao perceber que todo seu esforço fora em vão.
- c) A resistência de Fabiano em abandonar a fazenda deve-se à sua incapacidade de articular logicamente o pensamento e, portanto, de perceber a gradual mas inevitável chegada da seca.
- d) A expressão “coisas alheias” reforça a crítica, presente em toda a obra, à marginalização social por meio da exclusão econômica.
- e) As expressões “enterrar-se” e “cemitério” radicalizam a caracterização das “vidas secas” do sertão nordestino, uma vez que limitam as perspectivas do sertanejo pobre à luta contra a morte.

RESOLUÇÃO:

Resposta: C

Texto para o teste 4.

(...) Alguns dias antes estava sossegado, preparando látexos, consertando cercas. De repente, um risco no céu, outros riscos, milhares de riscos juntos, nuvens, o medonho rumor de asas a anunciar destruição. Ele já andava meio desconfiado vendo as fontes minguares. E olhava com desgosto a brancura das manhãs longas e a vermelhidão sinistra das tardes.

4. (PUC-SP – modificado) – O crítico Álvaro Lins, referindo-se a *Vidas Secas*, obra de Graciliano Ramos da qual se extraiu o trecho transcrito, afirma que, além de ser o mais humano e comovente dos livros do autor, é “o que contém maior sentimento da terra nordestina, daquela parte que é áspera, dura e cruel, sem deixar de ser amada pelos que a ela estão ligados teluricamente”. Por outro lado, merece destaque, dentre os elementos constitutivos dessa obra, a paisagem, a linguagem e o problema social. Assim, a respeito da linguagem de *Vidas Secas*, é correto afirmar que

- a) apresenta um estilo seco, conciso e sem sentimentalismo, o que retira da obra a força poética e a destitui de características estéticas.
- b) se caracteriza pelo vocabulário erudito e próprio dos meios urbanos, marcado por estilo rebuscado e grandiloquente.
- c) revela um estilo seco, de frase contida, clara e correta, reduzida ao essencial e com vocabulário meticolosamente escolhido.
- d) apresenta grande poder descritivo e força pictórica, mas apoia-se em sintaxe marcada por períodos longos e de estrutura subordinativa, o que dificulta sua compreensão.
- e) se marca por estilo frouxo e sintaxe desconexa, à semelhança da própria estrutura da novela, que se constrói de capítulos soltos e ordenação circular.

RESOLUÇÃO:

É notória, na linguagem de *Vidas Secas*, a economia verbal, que mimetiza, em sua “secura”, o universo natural e humano representado.

Resposta: C

LEITURA

Texto 1

(...) O senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Uruçuia. Toleima. Para os do Corinto e do Curvelo, então, o aqui não é dito sertão? Ah, que tem maior! Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade (...).

Esses gerais são sem tamanho. Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões... O sertão está em toda a parte.

(Grande Sertão: Veredas)

Texto 2

As ancas balançam, e as vagas de dorsos, das vacas e touros, batendo com as caudas, mugindo no meio, na massa embolada, com atritos de couros, estralos de guampas, estrondos e baques, e o berro queixoso do gado junqueira, de chifres imensos, com muita tristeza, saudade dos campos, querência dos pastos de lá do sertão...

“Um boi preto, um boi pintado,
cada um tem sua cor.
Cada coração um jeito
de mostrar o seu amor.”

Boi bem bravo, bate baixo, bota baba, boi berrando... Dança doido, dá de duro, dá de dentro, dá direito... Vai, vem, volta, vem na vara, vai não volta, vai varando...

(“O Burrinho Pedrês”)

Texto 3

Miguilim e Dito dormiam no mesmo catre, perto da caminha de Tomezinho. Drelina e Chica dormiam no quarto de Pai e Mãe.

“— Dito, eu fiz promessa, para Pai e Tio Terêz voltarem quando passar a chuva, e não brigarem, nunca mais...” “— Pai volta. Tio Terêz volta não”, “— Como é que você sabe, Dito?” “— Sei não. Eu sei. Miguilim, você gosta de tio Terêz, mas eu não gosto. É pecado?” “— É, mas eu não sei. Eu também não gosto de Vovó Izidra. Dela, faz tempo que eu não gosto. Você acha que a gente devia de fazer promessa aos santos, para ficar gostando dos parentes?” “— Quando a gente crescer, a gente gosta de todos.” “Mas, Dito, quando eu crescer, vai ter algum menino pequeno, assim como eu, que não vai gostar de mim, e eu não vou poder saber?”

(“Campo Geral”)

O fragmento abaixo é da novela *Campo Geral* (Miguilim), de João Guimarães Rosa.

E o Dito mesmo gostava, pedia: “Conta mais, conta mais...”

Miguilim contava, sem carecer de esforço, estórias compridas, que ninguém nunca tinha sabido, não esbarrava de contar, estava tão alegre nervoso, aquilo para ele era o entendimento maior.

1. (FUVEST-SP) – As qualidades aqui atribuídas ao Miguilim contador de “estórias” aproximam-no ou distanciam-no do modo de narrar que celebrou Guimarães Rosa? Justifique sua resposta.

RESOLUÇÃO:

Para Guimarães Rosa e para Miguilim, contar é uma forma de compreender, um “entendimento maior”, como diz o texto, guardadas as diferenças entre a escrita artística e a narrativa oral. Um dos grandes atributos da ficção rosiana é a transfiguração da realidade pela linguagem, que instaura um universo a um só tempo lírico e épico, regional e universal, real e transreal, primitivo e arquetípico. Esse trabalho (“uma rigorosa poética da forma”, nas palavras de Alfredo Bosi) envolve tanto a erudição linguística, “reinvenção” das palavras, quanto o aproveitamento da cadência e sonoridade da fala regional. É artesanato, construção paciente e exaustiva, mas também intuição, senso da beleza e do mistério, atitude lúdica do artista que, sob a “máscara” do contador de “estórias”, amplia, deforma e inventa todo um universo, como Miguilim.

Textos para a questão 2.

Texto I

*Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.*

*Continuamente vemos novidades,
Diferentes em tudo da esperança;
Do mal ficam as mágoas na lembrança,
E do bem, se algum houve, as saudades.*

(Camões)

Texto II

O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas — mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão. E, outra coisa: o diabo, é às brutas; mas Deus é traíçoeiro! Ah, uma beleza de traíçoeiro — dá gosto! A força dele, quando quer — moço! — me dá o medo pavor! Deus vem vindo: ninguém não vê. Ele faz é na lei do mansinho — assim é o milagre. E Deus ataca bonito, se divertindo, se economiza.

(Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*)

2. (UFSCar-SP)

- a) Comparando os textos I e II, identifique a ideia comum a ambos e transcreva uma informação de cada um deles para justificar a sua resposta.

RESOLUÇÃO:

Os dois textos têm em comum a ideia de que as pessoas estão em constante mutação, o que pode ser notado em “mudam-se as vontades, / Muda-se o ser, muda-se a confiança”, no poema de Camões, e em “que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas — mas que elas vão sempre mudando”, no excerto de Guimarães Rosa.

- b) No texto II, explique como se fazem presentes o diabo e Deus, explicitando a relação de sentido estabelecida.

RESOLUÇÃO:

Quando afirma que “o diabo, é às brutas; mas Deus é traíçoeiro”, Riobaldo, narrador de *Grande Sertão: Veredas*, romance do qual o texto em questão foi extraído, quer dizer que as ações do diabo são explícitas, sem sutilezas, enquanto que as de Deus são discretas. Há, portanto, uma relação de oposição, de contraste entre essas duas entidades.

Texto para o teste 3.

Olhava mais era para Mãe. Drelina era bonita, a Chica, Tomezinho. Sorriu para Tio Terêz: — “Tio Terêz, o senhor parece com Pai...” Todos choravam. O doutor limpou a goela, disse: — “Não sei, quando eu tiro esses óculos, tão fortes, até meus olhos se enchem d’água...” Miguilim entregou a ele os óculos outra vez. Um soluçozinho veio. Dito e a Cuca Pingo-de-Ouro. E o Pai. Sempre alegre, Miguilim... Sempre alegre, Miguilim... Nem sabia o que era alegria e tristeza. Mãe o beijava. A Rosa punha-lhe doces de leite nas algibeiras, para a viagem. Papaco-o-Paco falava, alto, falava.

3. (FUVEST-SP) – Do ponto de vista do estilo e da relação deste com o sentido, o trecho caracteriza-se

- pela sucessão de frases curtas e entrecortadas, que mimetizam o ritmo da emoção implicada na cena.
- pela conjunção de narrador em primeira pessoa e em terceira pessoa, interligando solidamente emissor e receptor.
- pelo recurso intensivo às figuras de linguagem, com predomínio das metáforas sobre as metonímias — o que potencia o teor simbólico do texto.
- pelo predomínio da função emotiva sobre as funções poética e conativa, o que gera a força encantatória própria do texto.
- pela dominância da adjetivação afetiva, que traz à tona e potencia a emoção própria da cena.

RESOLUÇÃO:

A emoção da cena é representada “discretamente”, por sinais separados, que se configuram na “sucessão de frases curtas e entrecortadas” que sugerem a situação de forma mimética (imitativa).

Resposta: A

... *De repente, todos gostavam demais de Sorôco.*

Ele se sacudiu, de um jeito arrebatado, desacomteado, e virou, pra ir-s'embora. Estava voltando para a casa, como se estivesse indo para longe, fora de conta.

Mas, parou. Em tanto que se esquisitou, parecia que ia perder o de si, parar de ser. Assim num excesso de espírito, fora de sentido. E foi o que não se podia prevenir: quem ia fazer siso naquilo? Num rompido — ele começou a cantar, alteado, forte, mas sozinho para si — e era a cantiga, mesma, de desatino, que as duas tanto tinham cantado. Cantava continuando.

A gente se esfriou, se afundou — um instantâneo. A gente... E foi sem combinação, nem ninguém entendia o que se fizesse: todos, de uma vez, de dó do Sorôco, principiaram também a acompanhar aquele canto sem razão. E com as vozes tão altas! Todos caminhando, com ele, Sorôco, e canta que cantando, atrás dele, os mais de detrás quase que corriam, ninguém deixasse de cantar. Foi o de não sair mais da memória. Foi um caso sem comparação.

A gente estava levando agora o Sorôco para a casa dele, de verdade. A gente, com ele, ia até aonde que ia aquela cantiga.

(ROSA, João Guimarães. *Primeiras Estórias*. 8. ed., Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975.)

4. (UNIP-SP) – Uma característica marcante da linguagem de Guimarães Rosa que se pode verificar no texto transcrito é
- a) a objetividade e a concisão, próximas dos autores realistas.
 - b) o caráter documental que se evidencia no acúmulo de pormenores descritivos.
 - c) a despreocupação com o estilo, como demonstram as diversas transgressões às normas gramaticais.
 - d) a recriação da fala sertaneja, o aproveitamento poético de sua expressividade.
 - e) a aproximação com o neoclassicismo, com o bucolismo e com a simplicidade dos autores árcades.

RESOLUÇÃO:

Uma das características que singularizam a obra de Guimarães Rosa é a “invenção” de uma linguagem lastreada na pesquisa erudita das raízes do idioma e no aproveitamento da melopeia da fala sertaneja.

Resposta: D

MÓDULO 56

GUIMARÃES ROSA II

LEITURA

Texto 1

Era um burrinho pedrês, miúdo e resignado, vindo de Passa-Tempo, Conceição do Serro, ou não sei onde no sertão. Chamava-se Sete-de-Ouros, e já fora tão bom, como outro não existiu e nem pode haver igual.

Agora, porém, estava idoso, muito idoso. Tanto, que nem seria preciso abaixar-lhe a maxila teimosa, para espiar os cantos dos dentes. Era decrépito mesmo a distância: no algodão bruto do pelo — sementinhas escuras em rama rala e encardida; nos olhos remelentos, cor de bismuto, com pálpebras rosadas, quase sempre oclusas, em constante semissono; e na linha, fatigada e respeitável — uma horizontal perfeita, do começo da testa à raiz da cauda em pêndulo amplo, para cá, para lá, tangendo as moscas.

Na mocidade, muitas coisas lhe haviam acontecido. Fora comprado, dado, trocado e revendido, vezes, por bons e maus preços. Em cima dele morrera um tropeiro do Indaiá, baleado pelas costas. Trouxera, um dia, do pasto — coisa muito rara para essa raça de cobras — uma jararacuçu, pendurada do focinho, como linda tromba negra com diagonais amarelas, da qual não morreu porque a lua era boa e o benzedor acudiu pronto. Vinha-lhe de padrinho jogador de truque a última intitulação, de baralho, de manilha; mas, vida a fora, por amos e anos, outras tivera, sempre involuntariamente: Brinquinho, primeiro, ao ser brinquedo de meninos; Rolete, em seguida, pois fora gordo, na adolescência; mais tarde, Chico-Chato, porque o sétimo dono, que tinha essa alcunha, se esquecera, ao negociá-lo, de ensinar ao novo comprador o nome do animal, e, na região, em tais casos, assim sucedia; e, ainda, Capricho, visto que o novo proprietário pensava que Chico-Chato não fosse apelido decente.

(...)

(“O Burrinho Pedrês”)

Texto 2

(...)

Agora seu Marra fecha a cara: Lalino Salãthiel vem bamboleando, sorridente. Blusa cáqui, com bolsinhos, lenço vermelho no pescoço, chapelão, polainas, e, no peito, um distintivo, não se sabe bem de quê. Tira o chapelão: cabelos pretíssimos, com as ondas refulgindo de brilhantina borora.

(...)

Os colegas põem muito escárnio nos sorrisos, mas Lalino dá o aspecto de quem estivesse recebendo uma ovação (...)

Lalino nunca foi soldado, mas sabe unir forte os calcanhares, ao defrontar seu Marra. E assenta os olhinhos gateados nos olhos severos do chefe.

— Bom dia, seu Marrinha! Como passou de ontem?

— Bem. Já sabe, não é? Só ganha meio dia.

E seu Marra saca o lápis e a caderneta, molha a ponta do dedo na língua, molha a ponta do lápis também, e toma nota, com a seriedade de quem assinasse uma sentença.

(Lá além, Generoso cutuca Tercino:

– Mulatinho descarado! Vai em festa, dorme que-horas, e, quando chega, ainda é todo enfeitado e salamistrão!...)

– Que é que eu hei de fazer, seu Marrinha... Amanheci com uma nevrálgia... Fiquei com cisma de apanhar friagem...

– Hum...

– Mas o senhor vai ver como eu toco o meu serviço e ainda faço este povo trabalhar...

(...)

Lalino passa a mão, ajeitando a pastinha, e puxa mais para fora o lencinho do bolso.

(...)

(“A Volta do Marido Pródigo”)

Texto 3

Tapera de arraial. Ali, na beira do rio Pará, deixaram largado um povoado inteiro: casas, sobradinho, capela; três vendinhas, o chalé e o cemitério; e a rua, sozinha e comprida, que agora nem mais é uma estrada, de tanto que o mato a entupiu.

Ao redor, bons pastos, boa gente, terra boa para o arroz. E o lugar já esteve nos mapas, muito antes da malária chegar.

Ela veio de longe, do São Francisco. Um dia, tomou caminho, entrou na boca aberta do Pará, e pegou a subir. Cada ano avançava um punhado de léguas, mais perto, mais perto, pertinho, fazendo medo no povo, porque era sezão da brava — da “tremedeira que não desamontava” — matando muita gente.

– Talvez que até aqui ela não chegue... Deus há de...

Mas chegou; nem dilatou para vir. E foi um ano de tristezas.

(...)

(“Sarapalha”)

EXERCÍCIOS

1. (PUC-SP) – *Sagarana*, coletânea de contos escrita por Guimarães Rosa, enfoca o ambiente rural brasileiro e aponta novos rumos para a prosa literária modernista. Assim:

a) Considerando-se que o espaço geográfico onde se desenrolam as narrativas de Guimarães Rosa é o do norte de Minas Gerais e o do sul da Bahia, que novo conceito se pode ter de regionalismo na obra desse autor?

RESOLUÇÃO:

O regionalismo de João Guimarães Rosa é de âmbito universal. Esse autor transfigura no sertão brasileiro — norte de Minas Gerais, sul da Bahia e também Goiás — mitopoéticos universais. No conto “A Hora e Vez de Augusto Matraga”, por exemplo, há a problemática ontológica: a procura da ação que justifique plenamente a existência. Augusto Matraga só se redime ao superar o maniqueísmo (Bem x Mal), juntando elementos aparentemente antagônicos: a violência com o misticismo.

b) Que características de linguagem podem ser percebidas nas narrativas que constituem *Sagarana*?

RESOLUÇÃO:

Nas narrativas de *Sagarana*, percebe-se linguagem instrumentalizada, valorizando-se o significante, o aspecto plástico, carregado de conceitos. É a linguagem poética, em que a mensagem se evidencia por si mesma, em virtude das aliteraões, da cadência rítmica, dos arcaísmos, dos regionalismos e dos neologismos. O título do livro é um neologismo que provém do germânico *Sage* (= saga: fato heroico, lendário ou mítico), misturado com o tupi *rana* (= à maneira de).

2. (UNICAMP-SP – modificada) – “Conversa de Bois”, de Guimarães Rosa, narra acontecimentos de uma viagem no carro de bois, em que estão o carreador Agenor Soronho, o menino Tiãozinho e o corpo de seu pai morto. O trecho abaixo reproduz um dos diálogos entre os bois:

– *Que é que está fazendo o carro?*

– *O carro vem andando, sempre atrás de nós.*

– *Onde está o homem-do-pau-comprido?*

– *O homem-do-pau-comprido-com-o-marimbondo-na-ponta está trepado no chifre do carro...*

– *E o bezerro-de-homem-que-caminha-sempre-na-frente-dos-bois?*

– *O bezerro-de-homem-que-caminha-adiante vai caminhando devagar... Ele está babando água dos olhos...*

(ROSA, Guimarães. “Conversa de Bois”.

In: *Sagarana*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979, p. 317.)

a) Explique o sentido das expressões “bezerro-de-homem” e “babando água dos olhos”.

RESOLUÇÃO:

Em um dos prefácios de *Tutameia* (1967), Guimarães Rosa defendeu a ideia de que a poeticidade da linguagem literária se baseia na utilização de uma lógica diferente daquela com a qual estamos acostumados. “Conversa de Bois”, penúltimo conto de *Sagarana* (1946), é um exercício curioso dessa proposta, pois parte de sua narrativa é contada pelos bois. Assim, as coisas são vistas da perspectiva desses animais, com resultados que tornam estranho o que é familiar. O menino Tiãozinho é chamado de “bezerro-de-homem”, tal como, do ponto de vista humano, o bezerro seria “o bebê do boi”. O ato de chorar, por sua vez, é entendido como “babar água dos olhos”, numa assimilação entre o comportamento dos homens e o dos animais. O “bezerro-de-homem” Tiãozinho, que “baba água dos olhos”, chora a morte de seu pai, cujo corpo é carregado no carro de bois.

b) Partindo do ponto de vista dos bois, o autor emprega a expressão “homem-do-pau-comprido-com-o-marimbondo-na-ponta” para referir-se àquele que conduz o carro. O “pau-comprido-com-o-marimbondo-na-ponta” corresponde ao chicote usado para açoitar os animais; explique a analogia entre essa expressão e o objeto a que ela se refere.

RESOLUÇÃO:

A associação feita pelo autor (uma analogia, neste caso) consiste no fato de que a dor decorrente de uma chicotada é semelhante à dor causada por uma picada de marimbondo. Como o diálogo transcrito se dá entre os bois, o autor magistralmente cria expressões que corresponderiam àquilo que poderia ser a linguagem desses animais, expressões tais como “bezerro-de-homem-que-caminha-sempre-na-frente-dos-bois” e babar água dos olhos, já que o referencial é o universo dos bois.

LEITURA

Texto 1

Turíbido Todo, nascido à beira do Borrachudo, era seleiro de profissão, tinha pelos compridos nas narinas, e chorava sem fazer caretas; palavra por palavra: papudo, vagabundo, vingativo e mau. Mas, no começo desta estória, ele estava com a razão.

(...)

Tinha sido para ele um dia de nhaca: saíra cedo para pescar, e faltara-lhe à beira do córrego o fumo-de-rolô, tendo, em coice e queda, de sofrer com os mosquitos; dera uma topada num toco, danificando os artelhos do pé direito; perdera o anzol grande, engastalhado na coivara; e, voltando para casa, vinha desconsolado, trazendo apenas dois timburês no cambão. Claro que tudo isso, sobrevindo assim em série, estava a exigir desgraça maior, que não faltou.

Mas, por essa altura, Turíbido Todo teria direito de queixar-se tão-só da sua falta de saber-viver; porque avisara à mulher que não viria dormir em casa, tencionando chegar até ao pesqueiro das Quatorze-Cruzes e pernoitar em casa do primo Lucrecio, no Dêcãmão. Mudara de ideia, sem contra-aviso à esposa; bem feito!: veio encontrá-la em pleno (com perdão da palavra, mas é verídica a narrativa) em pleno adultério, no mais doce, dado e descuidoso, dos idílios fraudulentos.

(...)

(“Duelo”)

Texto 2

Quando vim, nessa viagem, ficar uns tempos na fazenda do meu tio Emílio, não era a primeira vez. Já sabia que das moitas de beira de estrada trafegam para a roupa da gente umas bolas de centenas de carrapatinhos, de dispersão rápida, picadas milmalditas e difícil catação; que a fruta mal madura da cagaiteira, comida com sol quente, tonteia como cachaça; que não valia a pena pedir e nem querer tomar beijos às primas; que uma cilha bem apertada poupa dissabor na caminhada; que parar à sombra da aroeirinha é ficar com o corpo empipocado de coceira vermelha; que, quando um cavalo começa a parecer mais comprido, é que o arreo está saindo para trás, com o respectivo cavaleiro; e, assim, longe outras coisas. Mas muitas mais outras eu ainda tinha que aprender.

Por aí, logo ao descer do trem, no arraial, vi que me esquecera de prever e incluir o encontro com Santana. E tinha a obrigação de haver previsto, já que Santana — que era também inspetor escolar, itinerante, com uma lista de dez ou doze municípios a percorrer — era o meu sempre-encontrável, o meu “até-as-pedras-se-encontram” — espécie esta de pessoa que todos em sua vida têm.

— Vai para a fazenda? Vou aos Tucanos. Vamos juntos então.

Santana jamais se espanta. Dez anos de separação ter-lhe-iam parecido a mesma coisa que dez dias. Não tem grandes expansões nem abraços. Tem apenas duas bossas frontais poderosas, olhos bons, queixo forte, e riso bom em boca má. E, no mais, para ele a vida é viva, e com ele amasiada.

(...)

(“Minha Gente”)

3. (PUC-SP) – João Guimarães Rosa escreveu *Sagarana* em 1946, obra composta de nove contos, entre os quais se destaca “O Burrinho Pedrês”. Leia o trecho que se segue e responda ao que se pede:

Galhudos, gaiolos, estrelos, espácios, cumbucos, cubetos, lobunos, lompardos, caldeiros, cambraias, chamurros, churriados, corombos, cornetos, bocalvos, borralhos, chumbados, chitados, vareiros, silveiros... E os tocos da testa do mocho macheado, e as armas antigas do boi cornalão...

Este trecho é marcadamente ritmado e sonoro. Esses efeitos se alcançam por causa

- de uma possível métrica presente no trecho, caracterizada pelo verso redondilho menor, e da presença de aliterações.
- da diversidade de tipos de bois e do jogo contrastivo de termos que designam essa diversidade.
- das medidas dos diferentes segmentos frásicos e pela dominante presença do redondilho maior.
- da enumeração caótica estabelecida no jogo adjetivo dos termos e pela rima interna na constituição dos pares vocabulares.
- do jogo sonoro provocado pela dominância de vogais fechadas e pela presença de cadência de sons apenas longos e átonos.

RESOLUÇÃO:

A repetição de fonemas consonantais é recorrente no texto. Destaca-se a aliteração do fonema lkl, “cumbucos”, “cubetos”, “caldeiros”, “cambraias”, “corombos”, “cornetos”. A divisão em pentassílabos (galhu-dos-gai-o[los]), verso redondilho menor, é uma das possibilidades de escansão deste texto, no qual também poderíamos discernir dissílabos ou hendecassílabos (onze sílabas métricas).

Resposta: A

4. (UEL-PR) – O trabalho com a linguagem, por meio da recriação de palavras, e a descrição minuciosa da natureza, em especial da fauna e da flora, são uma constante na obra de João Guimarães Rosa. Esses elementos são recursos estéticos importantes, que contribuem para integrar as personagens aos ambientes onde vivem, estabelecendo relações entre natureza e cultura. Em “Sarapalha”, conto inserido no livro *Sagarana*, de 1946, referências do mundo natural são usadas para representar o estado febril de Primo Argemiro. Com base nessa afirmação, assinale a alternativa em que a descrição da natureza mostra o efeito da maleita sobre a personagem mencionada.

- “É aqui, perto do vau da Sarapalha: tem uma fazenda, denegrada e desmantelada; uma cerca de pedra seca, do tempo de escravos; um rego murcho, um moinho parado; um cedro alto, na frente da casa; e, lá dentro uma negra, já velha, que capina e cozinha o feijão.”
- “Olha o rio, vendo a cerração se desmanchar. Do colmado dos juncos, se estira o voo de uma garça, em direção à mata. Também, não pode olhar muito: ficam-lhe muitas garças pulando, diante dos olhos, que doem e choram, por si sós, longo tempo.”
- “É de-tardinha, quando as mutucas convidam as muriçocas de volta para casa, e quando o carapana mais o mossorongo cinzento se recolhem, que ele aparece, o pernilongo pampa, de pés de prata e asas de xadrez.”
- “Estava olhando assim esquecido, para os olhos... olhos grandes escuros e meio de-quina, como os de uma suaçuapara... para a boquinha vermelha, como flor de suinã...”
- “O cachorro está desatinado. Para. Vai, volta, olha, desolha... Não entende. Mas sabe que está acontecendo alguma coisa. Latindo, choramingando, chorando, quase uivando.”

RESOLUÇÃO:**Resposta: B**

Texto 3

Naquele tempo eu morava no Calango-Frito e não acreditava em feiticeiros.

E o contrassenso mais avultava, porque, já então — e excluída quanta coisa-e-sousa de nós todos lá, e outras cismas corriqueiras tais: sal derramado; padre viajando com a gente no trem; não falar em raio: quando muito, e se o tempo está bom, “faísca”; nem dizer lepra; só o “mal”; passo de entrada com o pé esquerdo; ave do pescoço pelado; risada renga de suindara; cachorro, bode e galo, pretos; e, no principal, mulher feiosa, encontro sobre todos fatídico; — porque, já então, como ia dizendo, eu poderia confessar, num recenseio aproximado: doze tabus de não-uso próprio; oito regrinhas ortodoxas preventivas; vinte péssimos presságios; dezesseis casos de batida obrigatória na madeira; dez outros exigindo a figa digital napolitana, mas da legítima, ocultando bem a cabeça do polegar; e cinco ou seis indicações de ritual mais complicado; total: setenta e dois — nove fora, nada.

Além do falado, trazia comigo uma fórmula gráfica: treze consoantes alternadas com treze pontos, traslado feito em meia-noite de sexta-feira da Paixão, que garantia invulnerabilidade a picadas de ofídios: mesmo de uma cascavel em jejum, pisada na ladeira da antecauda, ou de uma jararaca-papuda, a correr mato em caça urgente. Dou de sério que não mandara confeccionar com o papelucho o escapulário em baeta vermelha, porque isso seria humilhante; usava-o dobrado, na carteira. Sem ele, porém, não me aventuraria jamais sob os cipós ou entre as moitas. E só hoje é que realizo que eu era assim o pior-de-todos, mesmo do que o Saturnino Pingapinga, capiaui que — a história é antiga — errou de porta, dormiu com uma mulher que não era a sua, e se curou de um mal-de-engasgo, trazendo a receita médica no bolso, só porque não tinha dinheiro para a mandar aviar.

Mas, feiticeiros, não. E me ria dessa gente toda do mau milagre.

(...)

(...)

(“São Marcos”)

Texto 4

José Boi caiu de um barranco de vinte metros; ficou com a cabeleira enterrada no chão e quebrou o pescoço. Mas, meio minuto antes, estava completamente bêbado e também no apogeu da carreira: era o “espanta-praças”, porque tinha escaramuçado, uma vez, um cabo e dois soldados, que não puderam reagir, por serem apenas três. — Você o conheceu, Manuel Fulô?

— Mas muito!... Bom homem... Muito amigo meu. Só que ele andava sempre coçando a cabeça, e eu tenho um medo danado de piolho...

— Podia ser sinal de indecisão...

— Eu acompanhei até o enterro. Nunca vi defunto tão esticado de comprido... Caixão especial no tamanho: acho que levou mais de peça e meia de galão...

— E quem tomou o lugar dele?

— Lugar? O sujeito não tinha cobre nem pra um bom animal de sela... O que ganhava ia na pinga... Mão aberta...

— Mas, quem ficou sendo o valentão, depois que ele morreu?

— Ah, isso teve muitos: o Desidério...

— Cuéra?

— Cabaça... Só que era bruto como ele só, e os outros tinham medo dele. Cavalos coiceiros... Comigo nunca se engraçou!

— Como acabou?

— Acabou em casa de grades. Foi romper aleluia, na cidade, e os soldados abotoaram o filho da mãe dele... Não voltou aqui, nunca mais...

(...)

— Agora, o valentão é o Targino...

— Nem fala, seu doutor. Esse é ruim mesmo inteirado... Não respeita nem a honra das famílias! É um flagelo...

(...)

(“Corpo Fechado”)

Texto 5

Que já houve um tempo em que eles conversavam, entre si e com os homens, é certo e indiscutível, pois que bem comprovado nos livros das fadas carochas. Mas, hoje-em-dia, agora, agorinha mesmo, aqui, aí, ali e em toda a parte, poderão os bichos falar e serem entendidos, por você, por mim, por todo o mundo, por qualquer um filho de Deus?!

— Falam, sim senhor, falam!... — afirma o Manuel Timborna, das Porteirinhas, — filho do Timborna velho, pegador de passarinhos, e pai dessa infinidade de Timborninhas barrigudos, que arrastam calças compridas e simulam todos o mesmo tamanho, a mesma idade e o mesmo bom-parecer; — Manuel Timborna, que, em vez de caçar serviço para fazer, vive falando invenções só lá dele mesmo, coisas que as outras pessoas não sabem e nem querem escutar.

— Pode que seja, Timborna. Isso não é de hoje: ...“Visa sub obscurum noctis pecudesque locutae. Infandum!...” Mas, e os bois? Os bois também?...

— Ora, ora!... Esses é que são os mais!... Boi fala o tempo todo. Eu até posso contar um caso acontecido que se deu.

— Só se eu tiver licença de recontar diferente, enfeitado e acrescentado ponto e pouco...

(...)

(“Conversa de Bois”)

Texto 6

Matraga não é Matraga, não é nada. Matraga é Esteves. Augusto Esteves, filho do Coronel Afonso Esteves, das Pindaibas e do Saco-da-Embira. Ou Nhô Augusto — o homem — nessa noitinha de novena, num leilão de atrás de igreja, no arraial da Virgem Nossa Senhora das Dores do Córrego do Murici.

Procissão entrou, reza acabou. E o leilão andou depressa e se extinguiu, sem graça, porque a gente direita foi saindo embora, quase toda de uma vez.

Mas o leiloeiro ficara na barraca, comendo amêndoas de cartucho e pigarreando de rouco, bloqueado por uma multidão encachaçada de fim de festa.

E, na primeira fila, apertadas contra o balcãozinho, bem iluminadas pelas candeias de meia-laranja, as duas mulheres-à-toa estavam achando em tudo um espírito enorme, porque eram só duas e pois muito disputadas, todo-o-mundo com elas querendo ficar.

(...)

— Quem vai arrematar a Sariema? Anda, Tião! Bota a Sariema no leilão!...

— Bota no leilão! Bota no leilão...

(...)

E, aí, de repente, houve um deslocamento de gentes, e Nhô Augusto, alteado, peito largo, vestido de luto, pisando pé dos outros e com os braços em tenso, angulando os cotovelos, varou a frente da massa, se encarou com a Sariema, e pôs-lhe o dedo no queixo. Depois, com voz de meio-dia, berrou para o leiloeiro Tião:

— Cinquenta mil-réis!...

Ficou de mãos na cintura, sem dar rosto ao povo, mas pausando para os aplausos.

— Nhô Augusto! Nhô Augusto!

E insistiu fala mais forte:

— Cinquenta mil-réis, já disse! Dou-lhe uma! dou-lhe duas! Dou-lhe duas — dou-lhe três!...

Mas, nisso, puxaram para trás a outra — a Angélica preta se rindo, senvergonha e dengosa — que se soverteu na montoeira, de braço em braço, de rolo em rolo, pegada, manuseada, beliscada e cacarejante:

— Virgem Maria Puríssima! Ui, pessoal!

E só então o Tião leiloeiro achou coragem para se impor:

— Respeito, gente, que o leilão é de santo!...

(...)

(“A Hora e Vez de Augusto Matraga”)

EXERCÍCIOS

Texto para as questões de 1 a 4.

Mas, afinal, as chuvas cessaram, e deu uma manhã em que Nhô Augusto saiu para o terreiro e desconheceu o mundo: um sol, talqualzinho a bola de enxofre do fundo do pote, marinava céu acima, num azul de água sem praias, com luz jogada de um para o outro lado, e um desperdício de verdes cá em baixo — a manhã mais bonita que ele já pudera ver.

Estava capinando, na beira do rego.

De repente, na altura, a manhã gargalhou: um bando de maitacas passava, tinindo guizos, partindo vidros, estralando de rir. E outro. Mais outro. E ainda outro, mais baixo, com as maitacas verdinhas, grulhantes, gralhantes, incapazes de acertarem as vozes na disciplina de um coro.

Depois, um grupo verde-azulado, mais sóbrio de gritos e em fileiras mais juntas.

— Uai! Até as maracanãs!

E mais maitacas. E outra vez as maracanãs fanhosas. E não se acabavam mais. Quase sem folga: era uma revoada estrilando bem por cima da gente, e outra brotando ao norte, como pontozinho preto, e outra — grão de verdura — se sumindo no sul.

— Levou o diabo, que eu nunca pensei que tinha tantos! E agora os periquitos, os periquitinhos de guinchos timpânicos, uma esquadrilha sobrevoando outra... E mesmo, de vez em quando, discutindo, brigando, um casal de papagaios ciumentos. Todos tinham muita pressa: os únicos que interromperam, por momentos, a viagem, foram os alegres tuins, os minúsculos tuins de cabecinhas amarelas, que não levam nada a sério, e que choveram nos pés de mamão e fizeram recreio, aos pares, sem sustar o alarido — rrrl-rrril! rrrl-rrril!...

Mas o que não se interrompia era o trânsito das gárrulas maitacas. Um bando grazinava alto, risonho, para o que ia na frente: — Me espera!... Me espera!... — E o grito tremia e ficava nos ares, para o outro escalão, que avançava lá atrás.

— Virgem! Estão todas assanhadas, pensando que já tem milho nas roças... Mas, também, como é que podia haver um de-manhã mesmo bonito, sem as maitacas?!...

O sol ia subindo, por cima do voo verde das aves itinerantes. Do outro lado da cerca, passou uma rapariga.

Bonita! Todas as mulheres eram bonitas. Todo anjo do céu devia de ser mulher.

(Guimarães Rosa, “A Hora e Vez de Augusto Matraga”)

O trecho transcrito valoriza aspectos sensoriais, particularmente os ligados à visão e à audição. O escritor constrói o poético, valendo-se de figuras de linguagem. Considerando o que se acaba de afirmar, responda ao que se pede.

1. (PUC-SP – adaptada) – Transcreva do texto exemplos de metáforas.

RESOLUÇÃO:

Podem ser indicadas as seguintes metáforas: “as maitacas verdinhas (...) incapazes de acertarem as vozes na disciplina de um coro”; “outra — grão de verdura — se sumindo no sul”; “os periquitinhos de guinchos timpânicos, uma esquadrilha sobrevoando outra...”; “os minúsculos tuins (...) que choveram nos pés de mamão”.

2. (PUC-SP – adaptada) – Transcreva do texto exemplos de aliterações.

RESOLUÇÃO:

A repetição de fonemas consonantais ocorre constantemente. As aliterações mais evidentes são, entre outras: “Mas, afinal, as chuvas cessaram”: fonema /s/; “um bando de maitacas passava, tinindo guizos, partindo vidros”: fonemas /t/ e /s/; “e outra brotando ao norte”: fonemas /r/ e /t/; “os periquitos, os periquitinhos de guinchos timpânicos”: fonemas /t/, /s/ e /p/; “O sol ia subindo, por cima do voo verde das aves itinerantes”: fonemas /s/ e /v/; “Todo anjo do céu devia de ser mulher”: fonemas /d/ e /s/.

3. (PUC-SP – adaptada) – Transcreva do texto exemplos de onomatopeias.

RESOLUÇÃO:

No fragmento, há onomatopeias nas passagens: “um bando de maitacas passava, tinindo guizos, partindo vidros, *estralejando* de rir”; “as maitacas verdinhas, *grulhantes, gralhantes*”; “E outra vez as maracanãs *fanhosas*”; “era uma revoada *estrilando*”; “os periquitinhos de *guinchos timpânicos*”; “sem sustar o alarido — *rrrl-rrril! rrrl-rrril!...*”.

4. Além das figuras de linguagem estudadas nas questões anteriores, a *prosopopeia* ou *personificação* também está presente no trecho de Guimarães Rosa, como se comprova em todas as seguintes alternativas, **exceto** em:

- a) “a manhã gargalhou”.
- b) “as maitacas (...) incapazes de acertarem as vozes na disciplina de um coro”.
- c) “discutindo, brigando, um casal de papagaios ciumentos”.
- d) “O sol ia subindo, por cima do voo verde das aves itinerantes”.
- e) “Um bando grazinava alto, risonho, para o que ia na frente”.

RESOLUÇÃO:

Na alternativa *d*, há metáfora, aliteração e sinestesia, e não *prosopopeia*. Observem-se a expressão “o sol ia subindo...” (metáfora), a repetição dos fonemas /v/ e /s/ (aliteração) e o cruzamento de sensações em “voo verde” (sinestesia).

Resposta: D

MÓDULO 58

CLARICE LISPECTOR

1. (ITA-SP) – O romance *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, publicado em 1977, pouco antes da morte da autora, é um dos livros mais famosos da ficção brasileira contemporânea. Podemos fazer algumas relações entre essa obra e alguns livros importantes de nossa tradição literária. Por exemplo:

- I. Pode-se dizer que o livro de Clarice começa no ponto em que *Vidas Secas* termina, pois Graciliano Ramos mostra as personagens indo para uma cidade grande, e a autora localiza a personagem central do livro vivendo numa metrópole.
- II. Assim como em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o narrador de Clarice narra os fatos e comenta acerca da forma como está narrando.
- III. É possível pensar que Macabéa mantém alguns traços da heroína romântica, não quanto à beleza física, mas à inteligência e ao caráter, o que a aproxima de algumas personagens de José de Alencar.

Está(ão) correta(s):

- a) apenas a I.
- b) apenas a II.
- c) apenas a I e a II.
- d) apenas a I e a III.
- e) todas as relações.

RESOLUÇÃO:

Em *A Hora da Estrela*, a vida de Macabéa, precária migrante alagoana residente no Rio de Janeiro, é relatada pelo narrador Rodrigo S. M., que, por meio da história da nordestina, expõe suas próprias agonias e conflitos existenciais, valendo-se frequentemente de metalinguagem, tal como o narrador de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, porém sem a ironia zombeteira deste. A afirmação I está errada porque, no final de *Vidas Secas*, apenas se conjectura uma futura mudança para a cidade. A aproximação entre Macabéa e as heroínas românticas, em III, é descabida.

Resposta: B

Texto para as questões 2 e 3.

Lá vinha ele trotando, à frente de sua dona, arrastando seu comprimento. Desprevenido, acostumado, cachorro.

A menina abriu os olhos pasmada. Suavemente avisado, o cachorro estacou diante dela. Sua língua vibrava. Ambos se olhavam.

Entre tantos seres que estão prontos para se tornarem donos de outro ser, lá estava a menina que viera ao mundo para ter aquele cachorro. Ele fremia suavemente, sem latir. Ela olhava-o sob os cabelos, fascinada, séria. Quanto tempo se passava? Um grande soluço sacudiu-a desafinado. Ele nem sequer tremeu. Também ela passou por cima do soluço e continuou a fitá-lo.

Os pelos de ambos eram curtos, vermelhos.

Que foi que se disseram? Não se sabe. Sabe-se apenas que se comunicaram rapidamente, pois não havia tempo. Sabe-se também que sem falar eles se pediram. Pediram-se com urgência, com encabulamento, surpreendidos.

(...)

(Clarice Lispector)

JOÃO CABRAL DE MELO NETO

2. As personagens de Clarice Lispector muitas vezes se encontram em situações-limite, em que a descoberta ou “revelação” de sua própria natureza lhes causa uma mescla de incômodo, estranhamento e prazer. No trecho apresentado, extraído do conto “Tentação”, em que momento ocorre essa situação-limite?

RESOLUÇÃO:

A situação-limite ocorre no momento em que as personagens da menina e do cachorro se olham e, de forma misteriosa, se comunicam. Como se entende do último parágrafo transcrito, essa comunicação implica que a menina e o cachorro partilhavam desejos e sentimentos (“Sabe-se também que sem falar eles se pediram. Pediram-se com urgência, com encabulamento, surpreendidos.”).

3. Extraia do texto um trecho que revela semelhança entre a menina e o cachorro.

RESOLUÇÃO:

“Os pelos de ambos eram curtos, vermelhos”.

4. (FUVEST-SP) – “A ação desta história terá como resultado minha transfiguração em outrem (...)”.

Neste excerto de *A Hora da Estrela*, o narrador expressa uma de suas tendências mais marcantes, que ele irá reiterar ao longo de todo o livro. Entre os trechos abaixo, o único que **não** expressa tendência correspondente é

- “Vejo a nordestina se olhando ao espelho e (...) no espelho aparece o meu rosto cansado e barbudo. Tanto nós nos intertrocamos.”
- “É paixão minha ser o outro. No caso a outra.”
- “Enquanto isso, Macabéa no chão parecia se tornar cada vez mais uma Macabéa, como se chegasse a si mesma.”
- “Queiram os deuses que eu nunca descreva o lázaro porque senão eu me cobriria de lepra.”
- “Eu te conheço até o osso por intermédio de uma encantação que vem de mim para ti.”

RESOLUÇÃO:

A alternativa **c** não expressa correspondência semântica com o excerto transcrito, no qual o narrador afirma que a ação da história o transfigurará em outrem. Em **c**, as informações referem-se apenas à personagem Macabéa, no momento de sua morte.

Resposta: C

LEITURA

Texto 1

A AUGUSTO DE CAMPOS

(fragmento)

(...)

*Você aqui reencontrará
as mesmas coisas e loisas
que me fazem escrever
tanto e de tão poucas coisas:
o não-verso de oito sílabas
(em linha vizinha à prosa)
que raro tem oito sílabas,
pois metrifica à sua volta;
a perdida rima toante
que apaga o verso e não soa,
que o faz andar pé no chão
pelos aceiros da prosa.*

(...)

(Agrestes)

Texto 2

AUTOCRÍTICA

*Só duas coisas conseguiram
(des)feri-lo até a poesia:
o Pernambuco de onde veio
e o aonde foi, a Andaluzia.
Um, o vacinou do falar rico
e deu-lhe a outra, fêmea e viva,
desafio demente: em verso
dar a ver Sertão e Sevilha.*

(A Escola das Facas)

Texto 3

MENINO DE ENGENHO

*A cana cortada é uma foice.
Cortada num ângulo agudo,
ganha o gume afiado da foice
que a corta em foice, um dar-se mútuo.*

*Menino, o gume de uma cana
cortou-me ao quase de cegar-me,
e uma cicatriz, que não guardo,
soube dentro de mim guardar-se.*

*A cicatriz não tenho mais;
o inoculado, tenho ainda;
nunca soube é se o inoculado
(então) é vírus ou vacina.*

(A Escola das Facas)

Texto 4

A MULHER SENTADA

Mulher. Mulher e pombos.
Mulher entre sonhos.
Nuvens nos seus olhos?
Nuvens sobre seus cabelos.

(A visita espera na sala;
a notícia, no telefone;
a morte cresce na hora;
a primavera, além da janela.)

Mulher sentada. Tranquila
na sala, como se voasse.

(O Engenheiro)

Texto 5

FUTEBOL BRASILEIRO EVOCADO NA EUROPA

A bola não é a inimiga
como o touro, numa corrida;
e embora seja um utensílio
caseiro e que se usa sem risco,
não é o utensílio impessoal,
sempre manso, de gesto usual:
é um utensílio semivivo,
de reações próprias como bicho,
e que, como bicho, é mister
(mais que bicho, como mulher)
usar com malícia e atenção
dando aos pés astúcias de mão.

(Museu de Tudo)

Texto 6

ADEMIR DA GUIA

Ademir impõe com seu jogo
o ritmo do chumbo (e o peso),
da lesma, da câmara lenta,
do homem dentro do pesadelo.

Ritmo líquido se infiltrando
no adversário, grosso, de dentro,
impondo-lhe o que ele deseja,
mandando nele, apodrecendo-o.

Ritmo morno, de andar na areia,
de água doente de alagados,
entorpecendo e então atando
o mais irrequieto adversário.

(Museu de Tudo)

Texto 7

TECENDO A MANHÃ

1.

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

2.

E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.

(A Educação pela Pedra)

Texto 8

DIRIGE-SE À MULHER NA JANELA QUE DEPOIS DESCOBRE TRATAR-SE DE QUEM SE SABERÁ

- Muito bom dia, senhora,
que nessa janela está;
sabe dizer se é possível
algum trabalho encontrar?
- Trabalho aqui nunca falta
a quem sabe trabalhar;
o que fazia o compadre
na sua terra de lá?
- Pois fui sempre lavrador,
lavrador de terra má;
não há espécie de terra
que eu não possa cultivar.
- Isso aqui de nada adianta,
pouco existe o que lavrar;
mas diga-me, retirante,
que mais fazia por lá?
- Também lá na minha terra
de terra mesmo pouco há;
mas até a calva da pedra
sinto-me capaz de arar.
- Também de pouco adianta,
nem pedra há aqui que amassar;
diga-me ainda, compadre,
que mais fazia por lá?
(...)
- Agora se me permite
minha vez de perguntar:
como a senhora, comadre,
pode manter o seu lar?
- Vou explicar rapidamente,
logo compreenderá:
como aqui a morte é tanta,
vivo de a morte ajudar.

- *E ainda se me permite
que lhe volte a perguntar:
é aqui uma profissão
trabalho tão singular?*
- *É, sim, uma profissão,
e a melhor de quantas há:
sou de toda a região
rezadora titular.*
- *E ainda se me permite
mais outra vez indagar:
é boa essa profissão
em que a comadre ora está?*
- *De um raio de muitas léguas
vem gente aqui me chamar;
a verdade é que não pude
queixar-me ainda de azar.*
- *E se pela última vez
me permite perguntar:
não existe outro trabalho
para mim neste lugar?*
- *Como aqui a morte é tanta,
só é possível trabalhar
nessas profissões que fazem
da morte ofício ou bazar.*

(...)

(*Morte e Vida Severina*)

EXERCÍCIOS

No final de *Morte e Vida Severina*, encontramos o trecho que aparece abaixo. Leia-o e responda à questão 1.

(...)
*é difícil defender,
só com palavras, a vida,
ainda mais quando ela é
esta que vê, severina;
mas se responder não pude
à pergunta que fazia,
ela, a vida, a respondeu
com sua presença viva.*

1. (UNICAMP-SP) – Qual o significado de *severina*, adjetivando *vida*?

RESOLUÇÃO:

A vida severina é a vida sujeita às asperezas (severidades) da precariedade, da seca e da injustiça social. É, especialmente, a vida sujeita à morte “severina”: “a morte que se morre / de velhice antes dos trinta, / de emboscada antes dos vinte / de fome um pouco por dia.”

Texto para o teste 2.

A EDUCAÇÃO PELA PEDRA

*Uma educação pela pedra: por lições;
para aprender da pedra, frequentá-la;
captar sua voz inenfática, impessoal
(pela de dicção ela começa as aulas).
A lição de moral, sua resistência fria
ao que flui e a fluir, a ser maleada;
a de poética, sua carnadura concreta;
a de economia, seu adensar-se compacta:
lições da pedra (de fora para dentro,
cartilha muda), para quem soletrá-la.*

*Outra educação pela pedra: no Sertão
(de dentro para fora, e pré-didática).
No Sertão a pedra não sabe lecionar,
e se lecionasse, não ensinaria nada;
lá não se aprende a pedra: lá a pedra,
uma pedra de nascença, entranha a alma.*

(João Cabral de Melo Neto)

2. (FATEC-SP) – De acordo com o texto, é correto afirmar que(,)
- a) a linguagem da poesia deve ser maleável e aderir com emoção à realidade de que trata.
 - b) na primeira parte do poema, a pedra ensina ao poeta uma lição de impessoalidade e de concisão.
 - c) a poesia é diferente da realidade, pois a pedra no sertão nada ensina aos homens.
 - d) a poesia considera que o sertanejo é ignorante, pois não há quem lhe dê lições.
 - e) a pedra e as palavras são semelhantes, porque se deixam moldar com facilidade.

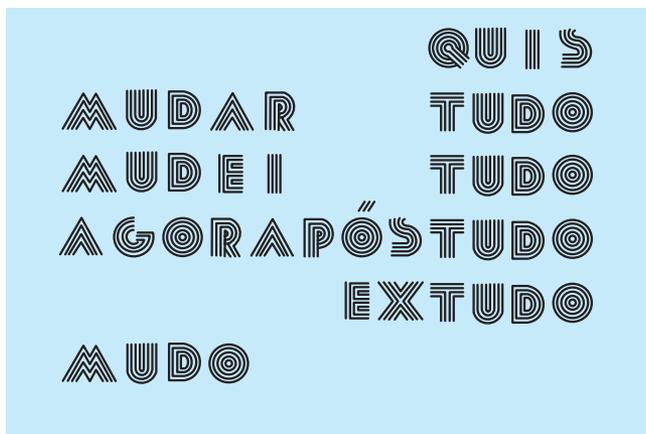
RESOLUÇÃO:

A lição de impessoalidade está explicitada “na voz inenfática, impessoal”; a concisão é sugerida pela “carnadura concreta”, pela “economia”, pelo “adensar-se compacto”, “lições da pedra” que a poesia de João Cabral assimilou e que se projetam em toda a sua dicção poética, marcada pela “secura”, pela construção rigorosa e objetiva.

Resposta: B

EXERCÍCIOS

Texto para a questão 1.



(Augusto de Campos)

1. Como pode ser entendido o vocábulo *mudo* no texto em questão?

RESOLUÇÃO:

No texto, que evoca o desejo de constante mudança e também a frustração que dele decorre, *mudo* refere-se tanto a *mudar* como a *emudecer*.

Texto para a questão 2.

vai e vem
e e
vem e vai

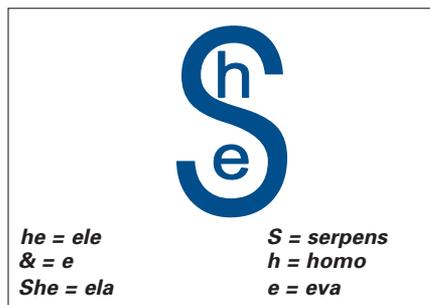
2. Já se disse que o poema acima — “vai e vem”, de José Lino Grünewald — representa um tipo especial de realismo: um *realismo semiótico*, ou seja, realismo de palavras, de signos. Um dos motivos é que o texto é absolutamente autorreferencial. Explique, observando o movimento de leitura que o poema leva o leitor a fazer.

RESOLUÇÃO:

O poema é absolutamente autorreferencial porque o movimento descrito — *vai e vem* — é pura e simplesmente o movimento que os olhos fazem para ler o poema, em todas as direções: da esquerda para a direita, da direita para a esquerda, de cima para baixo, de baixo para cima. Portanto, o *realismo* em questão refere-se não à realidade exterior ao texto, mas à própria realidade do texto e do seu processo de leitura.

Os testes 3 e 4 baseiam-se no poema concreto “Epithalamium II”, de Pedro Xisto (1901-1987).

Epithalamium - II



3. (UNIFESP-SP) – Pressupostos teóricos da poesia concreta propõem a realização de um poema-objeto, isto é, uma obra que informa por meio de sua própria estrutura (estrutura = conteúdo); valoriza, entre outros elementos, o espaço em branco da página, como produtor de sentidos, e a utilização de formas visuais. Em várias edições de “Epithalamium II” (epitalâmio = canto ou poema nupcial), aparecem as seguintes indicações: *he = ele*; *& = e*; *She = ela*; *S = serpens*; *h = homo*; *e = Eva*. Observe o poema e, mediante as indicações do autor, aponte, entre as alternativas, aquela que mais se aproxima da mensagem da obra.

- As três letras, dispostas de modo a produzir uma imagem visual, denotam que o homem e a mulher, representados pelos pronomes pessoais, em inglês, foram coisificados e, depois, separados um do outro, pelo pecado original (Adão e Eva).
- A letra S, que desenha e escreve *She*, ao mesmo tempo que compõe as formas sinuosas de uma serpente (= pecado), parece que enlaça o *he*. Poderia evocar, por um lado, que os gêneros humanos se completam, um no outro, e, por outro lado, a supremacia da feminilidade sobre a masculinidade, já que *he* (= ele) é configurado no interior de *She* (= ela).
- O *&*, que se desenha no poema, revela, por um lado, a desintegração mulher/homem (representados em inglês) e, por outro, a situação dos seres humanos no mundo capitalista. Isso se justifica pelo fato de *&* lembrar a forma com que se designa a razão social das empresas.
- O significado do poema esgota-se em sua simples contemplação, como se fosse o logotipo de uma empresa. O *She* e o *he* compõem como artifícios provocativos que disfarçam os significados de si próprios. Nesse sentido, masculinidade e feminilidade anulam-se.
- Não há hierarquia entre *She* (= ela) e *he* (= ele), uma vez que esses pronomes pessoais estão desenhados em forma vertical no espaço branco da página, e não horizontalmente, como seria comum na poesia tradicional.

RESOLUÇÃO:

A alternativa *b* descreve adequadamente a construção do “poema-objeto”, decodifica os recursos utilizados e sugere possíveis interpretações. As demais alternativas são interpretações descabidas ou contêm erros grosseiros.

Resposta: B

4. (ENEM) – Considerando-se que símbolos e sinais são utilizados geralmente para demonstrações objetivas, ao serem incorporados no poema “Epithalamium – II”,

- adquirem novo potencial de significação.
- eliminam a subjetividade do poema.
- opõem-se ao tema principal do poema.
- invertem seu sentido original.
- tornam-se confusos e equivocados.

RESOLUÇÃO:

A exploração dos aspectos materiais do significante (a disposição tipográfica, a letra impressa) e a incorporação de outros signos instauram diversas possibilidades de leitura do poema, proposto como uma espécie de enigma visual cifrado. Uma delas, a mais evidente, sugere o envolvimento do homem (“*he = ele*”, “*h = homo*”) pela mulher (“*She = ela*”, “*e = eva*”), na ambigüidade que se insinua na imagem continente *S* (*serpente, ela*) e na ideia do epitalâmio, do casamento, da união, da sociedade (&).

Resposta: A

5. (PUCCamp-SP) – São as seguintes as características básicas da Poesia Concreta:

- a unidade poética deixa de ser a palavra e passa a ser o verso; busca-se adequação da forma poética às características do mundo moderno.
- a palavra é explorada quanto aos aspectos semântico, sintático, sonoro e gráfico (visual); o espaço *papel* passa a integrar o significado do poema.
- cada palavra refere-se às palavras circunvizinhas verbal, vocal ou visualmente; respeita-se a distribuição linear da linguagem verbal.
- evita-se o imediatismo da comunicação visual; utilizam-se cores, tipos diferentes de letras, recursos de outras artes e linguagens.
- o poema é uma aventura de palavras no espaço; defende-se uma poesia a serviço da manifestação da pura subjetividade.

RESOLUÇÃO:

Resposta: B

MÓDULO 25 – ANÁLISE DE TEXTO

Texto para as questões de 1 a 3.

OS OMBROS SUPORTAM O MUNDO

*Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.
Tempo de absoluta depuração.
Tempo em que não se diz mais: meu amor.
Porque o amor resultou inútil.
E os olhos não choram.
E as mãos tecem apenas o rude trabalho.
E o coração está seco.*

*Em vão mulheres batem à porta, não abrirás.
Ficaste sozinho, a luz apagou-se,
mas na sombra teus olhos resplandecem enormes.
És todo certeza, já não sabes sofrer.
E nada esperas de teus amigos.*

*Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?
Teus ombros suportam o mundo
e ele não pesa mais que a mão de uma criança.
As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios
provam apenas que a vida prossegue
e nem todos se libertaram ainda.
Alguns, achando bárbaro o espetáculo,
prefeririam (os delicados) morrer.
Chegou um tempo em que não adianta morrer.
Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.
A vida apenas, sem mistificação.*

(Carlos Drummond de Andrade)

1. O poema acima integra a obra *Sentimento do Mundo*, de 1940, e pode muito bem consistir numa síntese de um importante aspecto da poesia de Carlos Drummond de Andrade. De que aspecto se trata?

RESOLUÇÃO:

Trata-se da rejeição de qualquer atitude escapatória diante da tremenda crise que o mundo vivia (guerra, ditaduras). Trata-se também da afirmação da responsabilidade individual diante de uma situação em que o apego à simples sobrevivência já é uma forma de resistência, desde que “sem mistificação”.

Texto para a questão 2.

*E os olhos não choram.
E as mãos tecem apenas o rude trabalho.
E o coração está seco.*

2. Olhos, mãos e coração estão empregados em sentido próprio ou figurado? Explique.

RESOLUÇÃO:

As palavras *olhos*, *mãos* e *coração* estão empregadas em sentido figurado, pois são partes que representam o todo — o sujeito ou eu lírico. Trata-se da figura chamada *sinédoque* (um tipo de metonímia). [Essa mesma relação metonímica já está presente no título do poema: “Os ombros suportam o mundo”.]

3. A anáfora é uma figura de linguagem que consiste na “repetição de uma palavra ou grupo de palavras no início de duas ou mais frases sucessivas” (*Dicionário Houaiss*). Transcreva os versos em que ocorre anáfora e explique sua função no poema.

RESOLUÇÃO:

Tempo de absoluta depuração. / Tempo em que não se diz mais: meu amor. (versos 2 e 3)

E os olhos não choram. / E as mãos tecem apenas o rude trabalho. / E o coração está seco. (versos 5 a 7)

Chegou um tempo em que não adianta morrer. / Chegou um tempo em que a vida é uma ordem. (versos 21 e 22)

A repetição da palavra *tempo* no início dos versos 2 e 3 serve de ênfase para a ideia anunciada no primeiro verso: a chegada de um momento (de um “tempo”) de revelação e desencanto perante a existência. A anáfora marca, portanto, a chegada desse tempo de ausência de ilusões.

Nos versos de 5 a 7, a repetição do conectivo *e* (polissíndeto) resulta em reforço do sentido de acúmulo produzido pela enumeração das circunstâncias negativas que envolvem o sujeito.

Nos versos 21 e 22, a repetição da expressão “chegou um tempo” enfatiza, como nos versos 2 e 3, a expressão da urgência imposta pela situação.

Texto para as questões de 4 a 8.

CONFIDÊNCIA DO ITABIRANO

*Alguns anos vivi em Itabira.
Principalmente nasci em Itabira.
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.
Noventa por cento de ferro nas calçadas.
Oitenta por cento de ferro nas almas.
E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação.*

*A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,
vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulheres e sem
[horizontes.*

*E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,
é doce herança itabirana.*

*De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço:
este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;
este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas;
este orgulho, esta cabeça baixa...*

*Tive ouro, tive gado, tive fazendas.
Hoje sou funcionário público.
Itabira é apenas uma fotografia na parede.
Mas como dói!*

(ANDRADE, Carlos Drummond de.
Poesia Completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.)

4. (ENEM) – Carlos Drummond de Andrade é um dos expoentes do movimento modernista brasileiro. Com seus poemas, penetrou fundo na alma do Brasil e trabalhou poeticamente as inquietudes e os dilemas humanos. Sua poesia é feita de uma relação tensa entre o universal e o particular, como se percebe claramente na construção do poema “Confidência do Itabirano”. Tendo em vista os procedimentos de construção do texto literário e as concepções artísticas modernistas, conclui-se que o poema transcrito
- representa a fase heroica do Modernismo, devido ao tom contestatório e à utilização de expressões e usos linguísticos típicos da oralidade.
 - apresenta uma característica importante do gênero lírico, que é a apresentação objetiva de fatos e dados históricos.
 - evidencia uma tensão histórica entre o *eu* e sua comunidade, por intermédio de imagens que representam a forma como a sociedade e o mundo colaboram para a constituição do indivíduo.
 - critica, por meio de um discurso irônico, a posição de inutilidade do poeta e da poesia em comparação com as prendas resgatadas de Itabira.
 - apresenta influências românticas, uma vez que trata da individualidade, da saudade da infância e do amor pela terra natal, por meio de recursos retóricos pomposos.

RESOLUÇÃO:

O poema exprime a visão crítica do eu lírico em relação a seu meio de origem e ressalta a influência que o segundo (a sociedade, o mundo) tem sobre o primeiro (o indivíduo).

Resposta: C

5. De acordo com o eu lírico, o que há em comum entre ele e Itabira, sua cidade natal?

RESOLUÇÃO:

Tanto Itabira como o eu lírico têm o ferro como seu elemento constitutivo (em sentido denotativo e conotativo, respectivamente). O ferro (o minério de ferro) está fortemente presente no solo e nos habitantes de Itabira, pois há aí “noventa por cento de ferro nas calçadas e oitenta por cento de ferro nas almas”. Além disso, as “noites brancas” de Itabira, “sem mulheres e sem horizontes”, conformam o modo de ser do eu lírico, que confessa, ironicamente, divertir-se com o hábito de sofrer. Seu orgulho cabisbaixo (note-se, mais uma vez, a ironia) também é herança e marca de Itabira.

6. O eu lírico se encontra em Itabira? Comente.

RESOLUÇÃO:

Não, pois já na abertura do poema ele afirma: “Alguns anos vivi em Itabira”, o que deixa claro o fato de que a vivência em Itabira ocorreu no passado. No presente, o eu lírico fala a partir de um outro espaço. Nas duas últimas estrofes, esse dado é reforçado, segundo se depreende dos versos “De Itabira trouxe prendas” e “Itabira é apenas uma fotografia na parede”.

7. Indique a alternativa que contém uma enumeração cujos termos estão dispostos em clímax (isto é, em ordem ascendente de intensidade):

- “Alguns anos vivi em Itabira. / Principalmente nasci em Itabira.”
- “Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.”
- “Noventa por cento de ferro nas calçadas. / Oitenta por cento de ferro nas almas.”
- “E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação.”
- “... de suas noites brancas, sem mulheres e sem horizontes.”

RESOLUÇÃO:

“De ferro” é a culminância (clímax) da enumeração, cujos termos se tornam gradativamente mais intensos e expressivos, mais vigorosos do ponto de vista retórico.

Resposta: B

8. Assinale a alternativa que contenha apenas o que pode ser considerado “herança itabirana”, ou seja, aquilo que procede de Itabira e persiste no presente.

- a) Tristeza, “ferro”, “noites brancas”.
- b) “Orgulho”, “ferro”, “vontade de amar”.
- c) “Noites brancas”, “São Benedito”, “cabeça baixa”.
- d) “Orgulho”, “cabeça baixa”, “ouro”.
- e) “Prendas”, “couro de anta”, “fazendas”.

RESOLUÇÃO:

Nas demais alternativas estão errados os termos “noites brancas”, “ouro” e “fazendas”, que são exclusivos de Itabira.

Resposta: B

MÓDULO 26 – ANÁLISE DE TEXTO

1. (ENEM) – Em uma escola, com o intuito de valorizar a diversidade do patrimônio etnocultural brasileiro, os estudantes foram distribuídos em grupos para realizar uma tarefa referente às características atuais das diferentes regiões brasileiras, a partir do seguinte quadro:

Região	Norte	Nordeste	Centro-Oeste	Sul	Sudeste
Alimentação	peixe	carne de sol	prato com milho e mandioca	churrasco	
Música	ciranda	baião	música sertaneja	vaneirão	
Ponto turístico	Zona Franca de Manaus	praias do litoral	Pantanal	Serra de Gramado	
Tipo característico	seringueiro	baiana	vaqueiro	prenda	

Considerando-se a sequência de características apresentadas, os elementos adequados para compor o quadro da Região Sudeste são

- a) mate amargo, embolada, elevador Lacerda, peão de estância.
- b) acarajé, axé, Cristo Redentor, piá.
- c) vatapá, carnaval, bumba meu boi, industrial.
- d) café, samba, Cristo Redentor, operário fabril.
- e) pipoca, folia de Reis, Brasília, sertanejo.

RESOLUÇÃO:

Estranha-se neste teste a substituição de comida por bebida na caracterização alimentar da Região Sudeste, sendo as demais associadas a algum prato típico, não a bebidas. De resto, a resposta não dá lugar a qualquer dúvida. O único termo que talvez oferecesse alguma dificuldade é *piá*, que significa “menino indígena ou mestiço de índio com branco”.

Resposta: D

Texto para o teste 2.

MANDIOCA – mais um presente da Amazônia

Aipim, castelinha, macaxeira, maniva, maniveira. As designações da *Manihot* utilíssima podem variar de região, no Brasil, mas uma delas deve ser levada em conta em todo o território nacional: pão-de-pobre — e por motivos óbvios.

Rica em fécula, a mandioca — uma planta rústica e nativa da Amazônia disseminada no mundo inteiro, especialmente pelos colonizadores portugueses — é a base de sustento de muitos brasileiros e o único alimento disponível para mais de 600 milhões de pessoas em vários pontos do planeta, e em particular em algumas regiões da África.

(O Melhor do Globo Rural. Fev. 2005.)

2. (ENEM-2011) – De acordo com o texto, há no Brasil uma variedade de nomes para a *Manihot utilissima*, nome científico da mandioca. Esse fenômeno revela que

- a) existem variedades regionais para nomear uma mesma espécie de planta.
- b) *mandioca* é nome específico para a espécie existente na região amazônica.
- c) *pão-de-pobre* é designação específica para a planta da região amazônica.
- d) os nomes designam espécies diferentes da planta, conforme a região.
- e) a planta é nomeada conforme as particularidades que apresenta.

RESOLUÇÃO:

Muito popular no Brasil e em várias partes do mundo, a *Manihot utilissima* é uma planta brasileira utilizada como base alimentar de muitas pessoas. Como o território brasileiro é muito vasto, linguisticamente é previsível que essa planta tenha tantas denominações diferentes.

Resposta: A

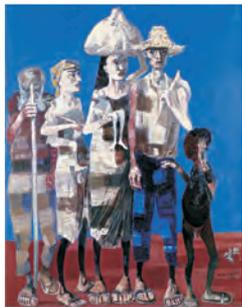
3. (ENEM) – Cândido Portinari (1903-1962), um dos mais importantes artistas brasileiros do século XX, tratou de diferentes aspectos da nossa realidade em seus quadros.



1



2



3



4

Sobre a temática dos “Retirantes”, Portinari também escreveu o seguinte poema:

(...)
 Os retirantes vêm vindo com trouxas e embrulhos
 Vêm das terras secas e escuras; pedregulhos
 Doloridos como fagulhas de carvão aceso
 Corpos disformes, uns panos sujos,
 Rasgados e sem cor, dependurados
 Homens de enorme ventre bojudo
 Mulheres com trouxas caídas para o lado
 Pançudas, carregando ao colo um garoto
 Choramingando, remelento
 (...)

(PORTINARI, Cândido. *Poemas*.
 Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.)

Das quatro obras reproduzidas, assinale aquelas que abordam a problemática que é tema do poema.

- a) 1 e 2 b) 1 e 3 c) 2 e 3 d) 3 e 4 e) 2 e 4

RESOLUÇÃO:

É bastante evidente a correspondência entre a descrição contida no poema e as imagens constantes dos quadros 2 e 3.

Resposta: C

Textos para o teste 4.

Texto 1

*Naquela terra querida,
 Que era sua e não era,
 Onde sonhara com a vida,
 Mas nunca viver pudera,
 Ia morrer sem comida
 Aquele de cuja lida
 Tanta comida nascera.*

(Ferreira Gullar, *João Boa-Morte, cabra marcado pra morrer*, 1964)

Texto 2

Os moradores desta costa do Brasil todos têm terra de sesmarias dadas e repartidas pelos capitães da terra, e a primeira coisa que pretendem alcançar são escravos para lhe fazerem e granjearem suas roças e fazendas, porque sem eles não se podem sustentar na terra: e uma das coisas porque o Brasil não floresce muito mais, é pelos escravos que se alevantarão e fugirão para suas terras e fogem cada dia: e se esses índios não foram tão fugitivos e mutáveis, não tivera comparação a riqueza do Brasil.

(Pero de Magalhães Gândavo, *Tratado das Terras do Brasil*, 1576)

4. Assinale a alternativa que apresenta um comentário pertinente aos textos.

- a) O texto 1 faz um breve relato sobre a difícil vida de um fazendeiro.
 b) O texto 2 fala da partilha de terras entre roceiros do litoral brasileiro.
 c) Em ambos os textos, há referência a uma mesma relação de trabalho.
 d) O texto 1 menciona um sistema de partilha de terras entre agricultores de uma cooperativa.
 e) O texto 2 atribui a riqueza do Brasil ao sistema de distribuição de terras.

RESOLUÇÃO:

Os versos (texto 1) foram extraídos do poema *João Boa-Morte, cabra marcado pra morrer*, no qual Ferreira Gullar narra as dificuldades por que passam trabalhadores do Nordeste que, após cultivarem a terra e realizarem a colheita, ao oferecerem o produto ao dono das terras, são obrigados a aceitar um preço muito aquém daquele que seria justo (em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, há uma cena de teor equivalente e de qualidade literária incomparavelmente superior). O fragmento do *Tratado das Terras do Brasil* (texto 2) fala claramente dos critérios que nortearam a distribuição de terras no Nordeste e a relação de trabalho que aí se estabeleceu: a exploração da mão de obra escrava. Em ambos os textos, constata-se que aqueles que trabalham a terra não são os que têm sua posse, tampouco o usufruto de tudo o que da terra se produz (a riqueza gerada).

Resposta: C

Para responder aos testes de 5 a 7, leia um trecho do poema “Inverno”, de Jorge de Lima, em que os versos retratam as reações do eu lírico diante da chegada das chuvas às regiões semiáridas do Nordeste.

*Zefa, chegou o inverno!
Formigas de asas e tanajuras!
Chegou o inverno!
Lama e mais lama!
Chuva e mais chuva, Zefa!
Vai nascer tudo, Zefa!
**Vai haver verde,
verde do bom;
verde nos galhos,
verde na terra,
verde em ti, Zefa!**
Que eu quero bem!
Formigas de asas e tanajuras!
O rio cheio,
barrigas cheias,
mulheres cheias, Zefa!
(...)
trovão, corisco
terras caídas,
corgos gemendo, córregos
os caborés piando, Zefa!
Os cururus cantando, Zefa! sapos
Dentro da nossa
casa de palha:
carne de sol
chia nas brasas,
farinha d’água,
café, cigarro,
cachaça, Zefa...
... rede gemendo...
Tempo gostoso!
Vai nascer tudo!*

5. (ETEC-SP) – Nos versos em negrito há gradação, isto é, a exposição de uma sequência de ideias, neste caso, crescente. Este recurso da linguagem permitiu a Jorge de Lima destacar

- a força das águas, que traz, ao mesmo tempo, alegria e destruição.
- o fim dos trabalhos na lavoura e o momento de, enfim, descansar.
- a cor dos frutos que já pendem das árvores prontos para amadurecer.
- a chegada de uma época de abundância vinda com o inverno.
- a surpresa do eu lírico com a paisagem até então desconhecida.

RESOLUÇÃO:

A palavra *verde* sintetiza a ideia de renovação da vida.

Resposta: D

- (ETEC-SP) – Pela interpretação do poema, é correto afirmar que
a) o vocativo “Zefa” prova que há intimidade entre as personagens, embora não haja parentesco entre elas.
b) os elementos do cenário (carne de sol, café, cigarro, cachaça) caracterizam os vilarejos em fase de urbanização.
c) o emprego constante dos pontos de exclamação reforça os sentimentos de euforia e esperança do eu lírico.
d) há uma preocupação com a chegada de formigas de asas e tanajuras, tradicionais pragas da agricultura.
e) existe a consciência dos aspectos negativos dessa nova paisagem: muita lama e terras caídas.

RESOLUÇÃO:

A euforia do eu lírico, em virtude da chegada das chuvas, é expressa por meio do emprego reiterado do ponto de exclamação, bem como da repetição do vocativo “Zefa”.

Resposta: C

7. (ETEC-SP) – A água, representada no poema pela chuva e pelo rio, renova também os seres humanos. Assinale o verso que comprova essa afirmação.

- Verde em ti, Zefa!
- Zefa, chegou o inverno!
- Formigas de asas e tanajuras!
- Chuva e mais chuva, Zefa!
- Corgos gemendo.

RESOLUÇÃO:

Em “Verde em ti, Zefa”, sugere-se que Zefa também se renovará com a nova realidade trazida pelas chuvas.

Resposta: A

Texto para o teste 8.

O AÇÚCAR

*O branco açúcar que adoçará meu café
nesta manhã de Ipanema
não foi produzido por mim
nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.*

*Vejo-o puro
e afável ao paladar
como beijo de moça, água
na pele, flor
que se dissolve na boca. Mas este açúcar
não foi feito por mim.*

*Este açúcar veio
da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira, dono da
[mercearia].*

*Este açúcar veio
de uma usina de açúcar em Pernambuco
ou no Estado do Rio
e tampouco o fez o dono da usina.*

*Este açúcar era cana
e veio dos canaviais extensos
que não nascem por acaso
no regaço do vale.*

(...)

*Em usinas escuras,
homens de vida amarga
e dura
produziram esse açúcar
branco e puro
com que adoço meu café esta manhã em Ipanema.*

(GULLAR, Ferreira. *Toda Poesia*.

Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980, p. 227-228.)

8. (ENEM) – A antítese que configura uma imagem da divisão social do trabalho na sociedade brasileira é expressa poeticamente na oposição entre a doçura do branco açúcar e

- a) o trabalho do dono da mercearia de onde veio o açúcar.
- b) o beijo de moça, a água na pele e a flor que se dissolve na boca.
- c) o trabalho do dono do engenho em Pernambuco, onde se produz o açúcar.
- d) a beleza dos extensos canaviais que nascem no regaço do vale.
- e) o trabalho dos homens de vida amarga em usinas escuras.

RESOLUÇÃO:

Ocorre uma grande antítese, que “configura uma imagem de divisão social do trabalho na sociedade brasileira”, entre o início da última estrofe (“Em usinas escuras, / homens de vida amarga / e dura”) e a passagem que a finaliza (“...esse açúcar / branco e puro / com que adoço meu café esta manhã em Ipanema.”)

Resposta: E

MÓDULO 27 – ANÁLISE DE TEXTO

Texto para as questões de 1 a 4.

O romance *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, teve sua primeira edição (1937) apreendida e queimada em praça pública pouco depois de implantada a ditadura de Getúlio Vargas. No trecho a seguir, o narrador conta-nos como Pedro Bala, aos 15 anos, assumiu a liderança de um grupo que dormia num velho armazém abandonado do cais do porto:

É aqui também que mora o chefe dos Capitães da Areia: Pedro Bala. Desde cedo foi chamado assim, desde seus cinco anos. Hoje tem quinze anos. Há dez que vagabundeia nas ruas da Bahia. Nunca soube de sua mãe, seu pai morrera de um balaço. Ele ficou sozinho e empregou anos em conhecer a cidade. Hoje sabe de todas as suas ruas e de todos os seus becos. Não há venda, quitanda, botequim que ele não conheça. Quando se incorporou aos Capitães da Areia (o cais recém-construído atraiu para suas areias todas as crianças abandonadas da cidade), o chefe era Raimundo, o Caboclo, mulato avermelhado e forte.

Não durou muito na chefia o caboclo Raimundo. Pedro Bala era muito mais ativo, sabia planejar os trabalhos, sabia tratar com os outros, trazia nos olhos e na voz a autoridade de chefe. Um dia brigaram. A desgraça de Raimundo foi puxar uma navalha e cortar o rosto de Pedro, um talho que ficou para o resto da vida. Os outros se meteram e como Pedro estava desarmado deram razão a ele e ficaram esperando a revanche, que não tardou. Uma noite, quando Raimundo quis surrar Barandão, Pedro tomou as dores do negrinho e rolaram na luta mais sensacional a que as areias do cais jamais assistiram. Raimundo era mais alto e mais velho. Porém Pedro Bala, o cabelo loiro voando, a cicatriz vermelha no rosto, era de uma agilidade espantosa e desde esse dia Raimundo deixou não só a chefia dos Capitães da Areia, como o próprio areal. Engajou tempos depois num navio.

Todos reconheceram os direitos de Pedro Bala à chefia, e foi dessa época que a cidade começou a ouvir falar nos Capitães da Areia (...).

(AMADO, Jorge. *Capitães da Areia*.

50. ed. Rio de Janeiro: Record, 1980, p. 26-27.)

1. Pela leitura do texto, pode-se concluir que o romance pretende denunciar um problema

- a) sócio-cultural: a hierarquia nos grupos sociais.
- b) de identidade nacional, disputada entre brancos e mulatos.
- c) social: o desemprego na cidade de Salvador.
- d) socioeconômico: a ausência de planejamento familiar no Brasil.
- e) social: a questão do menor abandonado.

RESOLUÇÃO:

Em *Capitães da Areia*, Jorge Amado apresenta um quadro de um dos mais pungentes problemas sociais em nosso país: o abandono e a marginalização de menores carentes.

Resposta: E

2. (FAFICP-SP – modificado) – Que características de Pedro Bala fizeram dele o líder do grupo?

- a) Sabia planejar e, por ser branco, as pessoas da cidade não o viam como um marginal, fato que o ajudava em seus furtos.
- b) Era ativo, sabia planejar e lidar com os outros; trazia na voz e nos olhos autoridade de chefe.
- c) Era mais novo que Raimundo, e o grupo precisava de alguém com mais vigor e com novas ideias.
- d) Era autoritário, rude, ativo, inteligente, características que convêm a um verdadeiro líder.
- e) Por ter físico avantajado, era mais ativo e mais ágil que Raimundo; essa característica era útil nas fugas do grupo.

RESOLUÇÃO:

A resposta a este teste encontra-se no segundo período do segundo parágrafo: “Pedro Bala era muito mais ativo, sabia planejar os trabalhos, sabia tratar com os outros, trazia nos olhos e na voz a autoridade de chefe.”

Resposta: B

3. A exemplo do nome *Pedro Bala*, outras personagens também são nomeadas de acordo com algo que lhes é peculiar, como um traço físico, psicológico ou, ainda, algum dado de sua história pessoal. É o que se observa em nomes como *Sem-Pernas*, *Professor*, *Boa-Vida* etc. A esse recurso usado pelo autor corresponde uma figura de linguagem. Trata-se da(o)

- a) comparação.
- b) eufemismo.
- c) ironia.
- d) metonímia.
- e) personificação.

RESOLUÇÃO:

O autor faz uso da metonímia, visto que se vale de uma parte (de algo que representa o todo) do aspecto físico ou psicológico das personagens para nomeá-las.

Resposta: D

4. Transcreva do texto um trecho em que é evidente o caráter heroico ou excepcional que o narrador atribui a Pedro Bala.

RESOLUÇÃO:

“Uma noite, quando Raimundo quis surrar Barandão, Pedro tomou as dores do negrinho e rolaram na luta mais sensacional a que as areias do cais jamais assistiram. Raimundo era mais alto e mais velho. Porém Pedro Bala, o cabelo loiro voando, a cicatriz vermelha no rosto, era de uma agilidade espantosa e desde esse dia Raimundo deixou não só a chefia dos Capitães da Areia, como o próprio areal.”

Textos para o teste 5.

Texto 1

Logo depois transferiram para o trapiche o depósito dos objetos que o trabalho do dia lhes proporcionava. Estranhas coisas entraram então para o trapiche. Não mais estranhas, porém, que aqueles meninos, moleques de todas as cores e de idades as mais variadas, desde os nove aos dezesseis anos, que à noite se estendiam pelo assoalho e por debaixo da ponte e dormiam, indiferentes ao vento que circundava o casarão uivando, indiferentes à chuva que muitas vezes os lavava, mas com os olhos puxados para as luzes dos navios, com os ouvidos presos às canções que vinham das embarcações...

(AMADO, Jorge. *Capitães da Areia*.

São Paulo: Companhia das Letras, 2008 – fragmento.)

Texto 2

À margem esquerda do rio Belém, nos fundos do mercado de peixe, ergue-se o velho ingazeiro — ali os bêbados são felizes. Curitiba os considera animais sagrados, provê as suas necessidades de cachaça e pirão. No trivial, contentavam-se com as sobras do mercado.

(TREVISAN, Dalton. *35 Noites de Paixão: contos escolhidos*.

Rio de Janeiro: BestBolso, 2009 – fragmento.)

5. (ENEM) – Sob diferentes perspectivas, os fragmentos citados são exemplos de uma abordagem literária recorrente na literatura brasileira do século XX. Em ambos os textos,

- a) a linguagem afetiva aproxima os narradores das personagens marginalizadas.
- b) a ironia marca o distanciamento dos narradores em relação às personagens.
- c) o detalhamento do cotidiano das personagens revela a sua origem social.
- d) o espaço onde vivem as personagens é uma das marcas de sua exclusão.
- e) a crítica à indiferença da sociedade pelos marginalizados é direta.

RESOLUÇÃO:

Tanto o trapiche abandonado e posteriormente ocupado pelos capitães da areia, como o velho ingazeiro, “à margem esquerda do rio Belém”, em Curitiba, são espaços onde vivem personagens marginalizadas. Esses locais são índices da exclusão social, seja dos meninos abandonados, do livro de Jorge Amado, seja dos bêbados, no fragmento de Dalton Trevisan.

Resposta: D

Texto para o teste 6.

Grita, xinga nomes. Ninguém o atende, ninguém o vê, ninguém o ouve. Assim deve ser o inferno. Pirulito tem razão de ter medo do inferno. É por demais terrível. Sofrer sede e escuridão. (...) Seu pai morrera para mudar o destino dos doqueiros. Quando ele sair será doqueiro também, lutar pela liberdade, pelo sol, por água e de comer para todos. Cospe um cuspo grosso. A sede aperta sua garganta. Pirulito quer ser padre para fugir daquele inferno.

6. (PUC-SP) – O trecho transcrito integra o romance *Capitães da Areia*, de Jorge Amado. Descreve a situação de Pedro Bala, preso no reformatório, confinado num cubículo escuro, com fome, sede e a humilhação de não poder ficar de pé. A propósito deste trecho, pode-se afirmar que(.)

- a) simboliza, na narrativa, a descida aos infernos da história romanesca. Na dor dessa prova definitiva, o herói retempera o seu amor à liberdade com nova disposição para a luta social.
- b) a palavra *inferno*, repetida no texto, é apenas um desabafo do protagonista e não projeta nenhuma analogia com a situação geral das crianças e da sociedade.
- c) o estilo quase telegráfico do texto quebra o ritmo da narrativa e impede a possibilidade de criação e de efeitos estéticos.
- d) desprovido de recursos estilísticos, limita-se a informar a situação do protagonista, mediante a utilização de uma linguagem objetiva e direta, marcadamente referencial.
- e) dá a chave para compreender o mundo interior da personagem, aflorado no texto pelo intenso uso do discurso direto.

RESOLUÇÃO:

Pedro Bala, protagonista de *Capitães da Areia*, como outras personagens centrais de romances de Jorge Amado, apresenta-se como alguém que, ao longo de sua história, adquire forte consciência social. É um menino que percorre um árduo caminho, de sua liderança no bando de moleques das areias de Salvador à luta política armada. No trecho em questão, temos a personagem que, na prisão, reflete sobre o valor da liberdade, tanto individual quanto social: “...Quando ele sair será doqueiro também, lutar pela liberdade, pelo sol, por água e de comer para todos...”

Resposta: A

Textos para as questões 7 e 8.

Texto 1

Queria alegria, uma mão que o acarinhasse, alguém que com muito amor o fizesse esquecer o defeito físico e os muitos anos (...) que vivera sozinho nas ruas da cidade.

(Jorge Amado, *Capitães da Areia*)

Texto 2

A necessidade de afeto parece marcar definitivamente as pobres crianças sem pai, nem mãe, o que faz o Sem-Pernas, talvez o mais carente de todo o grupo, sentir-se angustiado devido à falta de carinho.

(Álvaro Cardoso Gomes,
Roteiro para Estudo de Capitães da Areia)

7. A entrada de uma personagem na trama dará um novo matiz às experiências afetivas dos capitães da areia. De quem se trata e como essa personagem se relaciona com os moradores do trapiche?

RESOLUÇÃO:

Trata-se de Dora, garota de 13 anos, que contribui para a união do grupo e, principalmente, para a descoberta do amor. A única menina do grupo, ela desempenha o papel de irmã, mãe e, no caso do líder Pedro Bala, esposa.

8. Qual o destino final de Sem-Pernas?

RESOLUÇÃO:

Após um roubo, suicida-se, jogando-se de uma montanha, para fugir da Polícia. “Se jogou”, diz uma mulher, e desmaia. Sem-Pernas se rebenta na montanha qual um trapezista de circo que não tivesse alcançado o outro trapézio.”

Texto para o teste 9.

Inimigo da riqueza e do trabalho, amigo das festas, da música, do corpo das cabrochas. Malandro. Armador de fuzuês. Jogador de capoeira navalhista, ladrão quando se fizer preciso.

(Jorge Amado, *Capitães da Areia*)

9. (FUVEST-SP) – O tipo cujo perfil se traça, em linhas gerais, neste excerto aparece em romances como *Memórias de um Sargento de Milícias*, *O Cortiço*, além de *Capitães da Areia*. Essa recorrência indica que

- a) certas estruturas e tipos sociais originários do período colonial foram repostos, durante muito tempo, nos processos de transformação da sociedade brasileira.
- b) o atraso relativo das regiões Norte e Nordeste atraiu para elas a migração de tipos sociais que o progresso expulsara do Sul/Sudeste.
- c) os romancistas brasileiros, embora críticos da sociedade, militaram com patriotismo na defesa de nossas personagens mais típicas e mais queridas.
- d) certas ideologias exóticas influenciaram negativamente os romancistas brasileiros, fazendo-os representar, em suas obras, tipos sociais já extintos quando elas foram escritas.
- e) a criança abandonada, personagem central dos três livros, torna-se, na idade adulta, um elemento nocivo à sociedade dos homens de bem.

RESOLUÇÃO:

O pícaro (segundo Mário de Andrade) ou o malandro (segundo Antonio Candido) que protagoniza o romance de Manuel Antônio de Almeida seria, nos termos deste teste, semelhante a personagens como Firmo, de *O Cortiço*, ou Gato e Boa-Vida, de *Capitães da Areia*, correspondendo todos a “tipos sociais originários do período colonial”, que, como as estruturas sociais a que pertencem, são recorrentes “nos processos de transformação da sociedade brasileira”. [A hipótese histórica é, porém, discutível.]

Resposta: A

MÓDULO 28 – ANÁLISE DE TEXTO

Textos para as questões de 1 a 5.

Texto 1

O MEU GURI

*Quando, seu moço, nasceu meu rebento
não era o momento dele rebentar,
já foi nascendo com cara de fome
e eu não tinha nem nome pra lhe dar.
Como fui levando, não sei lhe explicar
fui assim levando, ele a me levar,
e, na sua meninice, ele um dia me disse
que chegava lá. Olha aí, olha aí...
Olha aí, aí o meu guri, olha aí
Olha aí, é o meu guri. E ele chega.*

*Chega suado e veloz do batente
e traz sempre um presente pra me encabular.
Tanta corrente de ouro, seu moço,
que haja peçoço pra enfiar!
Me trouxe uma bolsa, já com tudo dentro,
chave, caderneta, terço e patuá,
um lenço e uma penca de documento
pra finalmente eu me identificar, olha aí
Olha aí, aí o meu guri, olha aí
Olha aí, é o meu guri. E ele chega.*

(...)

*Chega estampado, manchete, retrato
com venda nos olhos, legenda e as iniciais.
Eu não entendo essa gente, seu moço,
fazendo alvoroço demais.
O guri no mato, acho que tá rindo,
acho que tá lindo de papo pro ar.
Desde o começo, eu não disse, seu moço?
Ele disse que chegava lá! Olha aí, olha aí...
Olha aí, aí o meu guri, olha aí
Olha aí, é o meu guri...*

(HOLANDA, Chico Buarque de.
Almanaque, CD 510 010-2, PolyGram, 1993.)

Texto 2



(HENFIL. Fradim, n.º 20.
Rio de Janeiro: Codecri, 1977, p. 17.)

Texto 3

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala.

Arrastaram-se para lá, devagar, Sinha Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça; Fabiano sombrio, cambaio, o aió a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro. O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás.

Os juazeiros aproximaram-se, recuaram, sumiram-se. O menino mais velho pôs-se a chorar, sentou-se no chão.

— Anda, condenado do diabo, gritou-lhe o pai.

(Graciliano Ramos, “Mudança”, in *Vidas Secas*)

1. (VUNESP-SP) – De acordo com a charge, interprete o significado possível da expressão “autor intelectual”.

RESOLUÇÃO:

Significa a causa real da delinquência, ou seja, a miséria, a pouca ou a má distribuição de renda no Brasil.

2. (VUNESP-SP) – Cite um elemento do plano visual da charge que caracteriza a hierarquia ou relação de poder entre as personagens em cena.

RESOLUÇÃO:

Além da algema no braço do delinquente, há desproporção de tamanho entre a figura do policial e a do criminoso, bem menor, raquítico.

3. (VUNESP-SP) – Um confronto entre a charge feita por Henfil e a letra de Chico Buarque revela algumas coincidências. Observe atentamente a personagem algemada, na charge, e as características do “guri”, no poema-canção, e, a seguir, indique:

a) uma característica comum a essas personagens;

RESOLUÇÃO:

Ambos têm aspecto sofrido, “cara de fome”.

b) os diferentes e lamentáveis desenlaces de suas histórias pessoais.

RESOLUÇÃO:

Na letra de Chico Buarque, o menino foi morto. Na charge de Henfil, foi preso.

4. (VUNESP-SP) – Comparando-se “Meu Guri”, a charge e o trecho de *Vidas Secas*, percebe-se que, entre outras afinidades, há uma fundamental: a identidade daquelas crianças. Em vista desse comentário, responda:

a) Que afinidades se verificam com relação à nomeação das crianças?

RESOLUÇÃO:

São seres sem nomes próprios, despersonalizados. Não chegam a ter um nome que os particularize.

b) Cite e interprete o verso de Chico Buarque que, explicitamente, relaciona a questão da miséria com a da nomeação.

RESOLUÇÃO:

“E eu não tinha nem nome pra lhe dar.” A miséria faz-se representar na escassez linguística, e, reforçando-se o que se respondeu no item a, a falta de um nome sugere o anonimato de indivíduos que estão à margem da sociedade; trata-se de indivíduos excluídos socialmente.

5. *Vidas Secas* focaliza uma família de retirantes que vive numa espécie de mudez introspectiva, em precárias condições físicas e num estado degradante de condição humana. Demonstre como se revela, no texto 3, essa espécie de “mudez introspectiva” das personagens.

RESOLUÇÃO:

A opção pela narrativa em 3.^a pessoa é, de início, uma decorrência da incapacidade de comunicação verbal dos retirantes. Nenhum deles seria capaz de articulação verbal suficiente para compor uma narrativa, mesmo que precária. *Vidas Secas* não tem diálogos e o código comunicativo dos retirantes restringe-se a gestos, interjeições, monossílabos e poucas frases feitas, como a imprecação de Fabiano contra o filho mais velho, fundada no imaginário religioso popular e que constitui a única fala transcrita pelo narrador: “Anda, condenado do diabo.” De resto, há apenas a descrição minuciosa e cruel da natureza, do menino à beira da inanição e dos demais “videntes”.

Texto para a questão 6.

Fizeram alto. E Fabiano depôs no chão parte da carga, olhou o céu, as mãos em pala na testa. Arrastara-se até ali na incerteza de que aquilo fosse realmente mudança. Retardara-se e repreendera os meninos, que se adiantavam, aconselhara-os a poupar forças. A verdade é que não queria afastar-se da fazenda. A viagem parecia-lhe sem jeito, nem acreditava nela. Preparara-a lentamente, adiara-a, tornara a prepará-la, e só se resolvera a partir quando tudo estava definitivamente perdido. Podia continuar a viver num cemitério? Nada o prendia àquela terra dura, acharia um lugar menos seco para enterrar-se. (...)

(Graciliano Ramos, “Fuga”, in *Vidas Secas*)

6. (VUNESP-SP) – No trecho acima, depois de empregar três verbos no pretérito perfeito, o enunciador utiliza uma sucessão de verbos flexionados no pretérito mais-que-perfeito. Com base nessa constatação, explique a diferença de emprego entre esses dois tempos verbais e sua importância para o texto.

RESOLUÇÃO:

Os pretéritos perfeito e mais-que-perfeito referem-se a tempos distintos do passado. O segundo indica anterioridade em relação ao primeiro, um pretérito mais remoto, por isso “mais-que-perfeito”. *Fizeram, depôs e olhou* indiciam no fragmento ações mais recentes, um passado imediato, “perfeito”, ou seja, terminado. *Arrastara-se, retardara-se, repreendera e aconselhara* — e depois *preparara, adiara, tornara e resolvera* — remetem a ações anteriores à interrupção da retirada, ao ato de os retirantes fazerem uma pausa (“alto”) em sua “fuga”, tangidos pelo Sol e pela miséria em um incessante retirar-se.

7. Considerando-se os trechos dos capítulos “Mudança” e “Fuga” lidos neste módulo, o que há em comum entre esses capítulos, que abrem e encerram *Vidas Secas*, respectivamente?

RESOLUÇÃO:

Vidas Secas é um romance cíclico: começa por uma retirada e termina com outra. A titulação do primeiro capítulo — “Mudança” — e do décimo terceiro, e último, — “Fuga” — traduz esta recorrência: o romance termina como começa, ou vice-versa. Fabiano e sua família não se retiravam para um destino ou um lugar determinado: eram tangidos pelo Sol e pela opressão social; andavam em círculo, retiravam-se para lugar algum.

Texto para as questões de 8 a 10.

Caminhavam por uma rechã¹, bordada de ilhas de mato, que emergiam aqui e ali do verde gramado. Pela ramagem frondente das árvores e renovo² que abrolhavam, percebia-se a proximidade de um grande manancial, e entre as crepitações da brisa nas folhas, como um tom opaco desse arpejo da solidão, ouvia-se o murmure³ soturno do Piracicaba, que leva ao Tietê o tributo caudal de suas águas.

Sete horas da manhã haviam de ser. A luz de um sol esplêndido fluía no éter, que a trovoada da véspera tinha acendrado⁴. O céu arreava-se do azul diáfano onde a fantasia se embebe com a voluptuosidade casta da criança a aconchegar-se dentro, tão dentro do grêmio materno.

(...)

Às flores, que a noite desabrochava; aos frutos silvestres que enfeitavam a copa das árvores; aos passarinhos que trinavam embalando-se nas franças⁵ dos coqueiros; ao que era da terra e bem da terra, iam os impulsos desses jovens corações, quando não se volviavam um para o outro, a reverem-se entre si.

(José de Alencar, *Til*)

- 1 – *Rechã*: terreno alto, extenso e plano, terminando em escarpa abrupta; altiplano, platô.
2 – *Renovo*: broto.
3 – *Murmure*: murmúrio.
4 – *Acendrado*: de *acendrar* (limpar).
5 – *Franças*: ramos superiores ou copa das árvores.

8. *Vidas Secas* e *Til* classificam-se como romances regionalistas, e a paisagem — o meio físico — constitui, portanto, elemento compositivo de suma importância. Baseando-se nos trechos de *Vidas Secas* transcritos para as questões de 1 a 6 e no fragmento de *Til* acima transcrito, comente de que modo a paisagem integra a narrativa em cada uma das obras.

RESOLUÇÃO:

Em *Vidas Secas*, a paisagem representa o grande desafio a ser superado (a seca, a fome). Ela consiste num elemento que submete as personagens e determina seus destinos. Em *Til*, a paisagem aparece como moldura idílica, suave e acolhedora; as personagens estão em harmonia com o meio físico.

9. A trajetória de Fabiano e de sua família transcorre no sertão nordestino. Qual o espaço geográfico em que transcorre a obra *Til*?

RESOLUÇÃO:

O espaço geográfico de *Til* é o interior paulista, como se comprova na seguinte passagem: “... ouvia-se o murmure soturno do Piracicaba, que leva ao Tietê o tributo caudal de suas águas.”

10. Nas alternativas abaixo, o pronome *que* desempenha a função de sujeito, **exceto** em:

- a) que leva ao Tietê o tributo caudal de suas águas;
b) que a noite desabrochava;
c) que trinavam embalando-se nas franças dos coqueiros;
d) que enfeitavam a copa das árvores;
e) que era da terra e bem da terra.

RESOLUÇÃO:

Na oração “que a noite desabrochava”, na alternativa b, o pronome relativo *que* tem a função de objeto direto e está no lugar do termo “às flores” (objeto direto preposicionado). O sujeito da oração é o termo “a noite”.

Resposta: B

MÓDULO 29 – ANÁLISE DE TEXTO

Texto para o teste 1.



(Disponível em: www.cesp.com.br.
Acesso em: 26 jul. 2010 – adaptado.)

1. (ENEM-2011) – O anúncio publicitário está internamente ligado ao ideário de consumo quando sua função é vender um produto. No texto apresentado, utilizam-se elementos linguísticos e extralinguísticos para divulgar a atração “Noites do Terror”, de um parque de diversões. O entendimento da propaganda requer do leitor

- a) a identificação com o público-alvo a que se destina o anúncio.
- b) a avaliação da imagem como uma sátira às atrações de terror.
- c) a atenção para a imagem da parte do corpo humano selecionada aleatoriamente.
- d) o reconhecimento do intertexto entre a publicidade e um dito popular.
- e) a percepção do sentido literal da expressão “noites do terror”, equivalente à expressão “noites de terror”.

RESOLUÇÃO:

O sentido da mensagem publicitária em questão depende da associação de seu texto ao do dito popular “quem é vivo sempre aparece”.

Resposta: D

Texto para o teste 2.

Cultivar um estilo de vida saudável é extremamente importante para diminuir o risco de infarto, mas também de problemas como morte súbita e derrame. Significa que manter uma alimentação saudável e praticar atividade física regularmente já reduz, por si só, as chances de desenvolver vários problemas. Além disso, é importante para o controle da pressão arterial, dos níveis de colesterol e de glicose no sangue. Também ajuda a diminuir o estresse e aumentar a capacidade física, fatores que, somados, reduzem as chances de infarto. Exercitar-se, nesses casos, com acompanhamento médico e moderação, é altamente recomendável.

(ATALIA, M. Nossa Vida. *Época*, 23 mar. 2009.)

2. (ENEM-2011) – As ideias veiculadas no texto se organizam estabelecendo relações que atuam na construção do sentido. A esse respeito, identifica-se, no fragmento, que

- a) a expressão *além disso* marca uma sequenciação de ideias.
- b) o conectivo *mas também* inicia oração que exprime ideia de contraste.
- c) o termo *como*, em “como morte súbita e derrame”, introduz uma generalização.
- d) o termo *também* exprime uma justificativa.
- e) o termo *fatores* retoma coesivamente “níveis de colesterol e de glicose no sangue”.

RESOLUÇÃO:

A locução *além disso* expressa a ideia de continuidade na enumeração dos benefícios de um estilo de vida saudável, com prática regular de exercícios físicos e alimentação equilibrada.

Resposta: A

Texto para o teste 3.

NO CAPRICO

O Adãozinho, meu cumpade, enquanto esperava pelo delegado, olhava para um quadro, a pintura de uma senhora. Ao entrar a autoridade e percebendo que o cabôco admirava tal figura, perguntou: “Que tal? Gosta desse quadro?”

E o Adãozinho, com toda a sinceridade que Deus dá ao cabôco da roça: “Mas pelo amor de Deus, hein, dotô! Que muié feia! Parece fiote de cruís-credo, parente do deus me livre, mais horriver que briga de cego no escuro.”

Ao que o delegado não teve como deixar de confessar, um pouco secamente: “É a minha mãe.” E o cabôco, em cima da bucha, não perde a linha: “Mais dotô, inté que é uma feiura caprichada.”

(BOLDRIN, R. *Almanaque Brasil de Cultura Popular*. São Paulo: Andreato Comunicação e Cultura. n.º 62, 2004 – adaptado.)

3. (ENEM-2011) – Por suas características formais, por sua função e uso, o texto pertence ao gênero

- a) anedota, pelo enredo e humor característicos.
- b) crônica, pela abordagem literária de fatos do cotidiano.
- c) depoimento, pela apresentação de experiências pessoais.
- d) relato, pela descrição minuciosa de fatos verídicos.
- e) reportagem, pelo registro impessoal de situações reais.

RESOLUÇÃO:

As características que definem o gênero anedota são a narrativa breve e a presença de humor, ambas encontradas no texto que faz parte do *Almanaque Brasil de Cultura Popular*.

Resposta: A

Texto para o teste 4.

PEQUENO CONCERTO QUE VIROU CANÇÃO

*Não, não há por que mentir ou esconder
A dor que foi maior do que é capaz meu coração
Não, nem há por que seguir cantando só para explicar
Não vai nunca entender de amor quem nunca soube amar
Ah, eu vou voltar pra mim
Seguir sozinho assim
Até me consumir ou consumir toda essa dor
Até sentir de novo o coração capaz de amor*

(VANDRÉ, G. Disponível em:

<http://www.letras.terra.com.br>. Acesso em: 29 jun. 2011.)

4. (ENEM-2011) – Na canção de Geraldo Vandré, tem-se a manifestação da função poética da linguagem, que é percebida na elaboração artística e criativa da mensagem, por meio de combinações sonoras e rítmicas. Pela análise do texto, entretanto, percebe-se, também, a presença marcante da função emotiva ou expressiva, por meio da qual o emissor

- a) imprime à canção as marcas de sua atitude pessoal, seus sentimentos.
- b) transmite informações objetivas sobre o tema de que trata a canção.
- c) busca persuadir o receptor da canção a adotar um certo comportamento.
- d) procura explicar a própria linguagem que utiliza para construir a canção.
- e) objetiva verificar ou fortalecer a eficiência da mensagem veiculada.

RESOLUÇÃO:

Observa-se a função emotiva da linguagem no uso da primeira pessoa para expressar os sentimentos do eu lírico: “Ah, eu vou voltar pra mim / Seguir sozinho assim / Até me consumir ou consumir toda essa dor”.

Resposta: A

Texto para o teste 5.



(Disponível em: <http://www.cbsp.com.br>.

Acesso em: 27 jul. 2010 – adaptado.)

5. (ENEM-2011) – O texto é uma propaganda de um adoçante que tem o seguinte mote: “Mude sua embalagem”. A estratégia que o autor utiliza para o convencimento do leitor baseia-se no emprego de recursos expressivos, verbais e não verbais, com vistas a

- a) ridicularizar a forma física do possível cliente do produto anunciado, aconselhando-o a uma busca de mudanças estéticas.
- b) enfatizar a tendência da sociedade contemporânea de buscar hábitos alimentares saudáveis, reforçando tal postura.
- c) criticar o consumo excessivo de produtos industrializados por parte da população, propondo a redução desse consumo.
- d) associar o vocábulo *açúcar* à imagem do corpo fora de forma, sugerindo a substituição desse produto pelo adoçante.
- e) relacionar a imagem do saco de açúcar a um corpo humano que não pratica atividades físicas, incentivando a prática esportiva.

RESOLUÇÃO:

O produto anunciado é um adoçante e, para provocar no consumidor o desejo de mudar seus hábitos alimentares, a propaganda sugere um físico fora de forma, com a implicação de que o açúcar seja o responsável por essa condição que a imagem ridiculariza.

Resposta: D

Texto para o teste 6.

ENTRE IDEIA E TECNOLOGIA

O grande conceito por trás do Museu da Língua é apresentar o idioma como algo vivo e fundamental para o entendimento do que é ser brasileiro. Se nada nos define com clareza, a forma como falamos o português nas mais diversas situações cotidianas é talvez a melhor expressão da brasilidade.

(SCARDOVELI, E. *Revista Língua Portuguesa*.

São Paulo: Segmento. Ano II, n.º 6, 2006.)

6. (ENEM-2011) – O texto propõe uma reflexão acerca da língua portuguesa, ressaltando para o leitor a

- a) inauguração do museu e o grande investimento em cultura no país.
- b) importância da língua para a construção da identidade nacional.
- c) afetividade tão comum ao brasileiro, retratada através da língua.
- d) relação entre o idioma e as políticas públicas na área de cultura.
- e) diversidade étnica e linguística existente no território nacional.

RESOLUÇÃO:

A língua de um povo é reflexo de sua história. O conjunto de variantes linguísticas que compõe o português brasileiro resulta de diferentes substratos fornecidos pelas distintas etnias que constituem o Brasil. Essa variação nos confere uma identidade que nos constitui como nação.

Resposta: B

Texto para o teste 7.

Há certos usos consagrados na fala, e até mesmo na escrita, que, a depender do estrato social e do nível de escolaridade do falante, são, sem dúvida, previsíveis. Ocorrem até mesmo em falantes que dominam a variedade padrão, pois, na verdade, revelam tendências existentes na língua em seu processo de mudança que não podem ser bloqueadas em nome de um “ideal linguístico” que estaria representado pelas regras da gramática normativa. Usos como ter por haver em construções existenciais (tem muitos livros na estante), o do pronome objeto na posição de sujeito (para mim fazer o trabalho), a não concordância das passivas com se (aluga-se casas) são indícios da existência, não de uma norma única, mas de uma pluralidade de normas, entendida, mais uma vez, norma como conjunto de hábitos linguísticos, sem implicar juízo de valor.

(CALLOU, D. Gramática, Variação e Normas. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. (orgs). *Ensino de Gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007 – fragmento.)

7. (ENEM-2011) – Considerando a reflexão trazida no texto a respeito da multiplicidade do discurso, verifica-se que

- estudantes que não conhecem as diferenças entre língua escrita e língua falada empregam, indistintamente, usos aceitos na conversa com amigos quando vão elaborar um texto escrito.
- falantes que dominam a variedade padrão do português do Brasil demonstram usos que confirmam a diferença entre a norma idealizada e a efetivamente praticada, mesmo por falantes mais escolarizados.
- moradores de diversas regiões do país que enfrentam dificuldades ao se expressarem na escrita revelam a constante modificação das regras de emprego de pronomes e os casos especiais de concordância.
- pessoas que se julgam no direito de contrariar a gramática ensinada na escola gostam de apresentar usos não aceitos socialmente para esconderem seu desconhecimento da norma-padrão.
- usuários que desvendam os mistérios e sutilezas da língua portuguesa empregam formas do verbo *ter* quando, na verdade, deveriam usar formas do verbo *haver*, contrariando as regras gramaticais.

RESOLUÇÃO:

Segundo o texto, mesmo falantes escolarizados utilizam linguagem que revela “tendências existentes na língua”, ou seja, formas que contrariam a variedade padrão, mas que se fixaram no uso.

Resposta: B

Texto para o teste 8.

NÃO TEM TRADUÇÃO

(...)

*Lá no morro, se eu fizer uma falseta
A Risoleta desiste logo do francês e do inglês
A gíria que o nosso morro criou
Bem cedo a cidade aceitou e usou*

(...)

*Essa gente hoje em dia que tem mania de exibição
Não entende que o samba não tem tradução no idioma francês
Tudo aquilo que o malandro pronuncia
Com voz macia é brasileiro, já passou de português
Amor lá no morro é amor pra chuchu
As rimas do samba não são I love you
E esse negócio de alô, alô boy e alô Johnny
Só pode ser conversa de telefone*

(ROSA, N. In: SOBRAL, João J. V.

A Tradução dos Bambas. *Revista Língua Portuguesa*.
Ano 4, n.º 54. São Paulo: Segmento. abr. 2010 – fragmento.)

8. (ENEM-2011) – As canções de Noel Rosa, compositor brasileiro de Vila Isabel, apesar de revelarem uma aguçada preocupação do artista com seu tempo e com as mudanças político-culturais no Brasil, no início dos anos 1920, ainda são modernas. Neste fragmento do samba “Não tem tradução”, por meio do recurso da metalinguagem, o poeta propõe

- incorporar novos costumes de origem francesa e americana, juntamente com vocábulos estrangeiros.
- respeitar e preservar o português padrão como forma de fortalecimento do idioma do Brasil.
- valorizar a fala popular brasileira como patrimônio linguístico e forma legítima de identidade nacional.
- mudar os valores sociais vigentes à época, com o advento do novo e quente ritmo da música popular brasileira.
- ironizar a malandragem carioca, aculturada pela invasão de valores étnicos de sociedades mais desenvolvidas.

RESOLUÇÃO:

A canção “Não tem tradução” valoriza a fala popular brasileira (“Tudo aquilo que o malandro pronuncia / Com voz macia é brasileiro, já passou de português”) e, assim, vai ao encontro da proposta literária da Primeira Geração Modernista (1922-1930), que propunha o registro popular brasileiro como a base da escrita literária.

Resposta: C

MÓDULO 30 – ANÁLISE DE TEXTO

Os testes de números 1 a 5 tomam por base fragmentos de um livro do búlgaro Tzvetan Todorov (1939), linguista e teórico da literatura.

A LITERATURA EM PERIGO

A análise das obras feita na escola não deveria mais ter por objetivo ilustrar os conceitos recém-introduzidos por este ou aquele linguista, este ou aquele teórico da literatura, quando, então, os textos são apresentados como uma aplicação da língua e do discurso; sua tarefa deveria ser a de nos fazer ter acesso ao sentido dessas obras — pois postulamos que esse sentido, por sua vez, nos conduz a um conhecimento do humano, o qual importa a todos. Como já o disse, essa ideia não é estranha a uma boa parte do próprio mundo do ensino; mas é necessário passar das ideias à ação. Num relatório estabelecido pela Associação dos Professores de Letras, podemos ler: “O estudo de Letras implica o estudo do homem, sua relação consigo mesmo e com o mundo, e sua relação com os outros.” Mais exatamente, o estudo da obra remete a círculos concêntricos cada vez mais amplos: o dos outros escritos do mesmo autor, o da literatura nacional, o da literatura mundial; mas seu contexto final, o mais importante de todos, nos é efetivamente dado pela própria existência humana. Todas as grandes obras, qualquer que seja sua origem, demandam uma reflexão dessa dimensão.

O que devemos fazer para desdobrar o sentido de uma obra e revelar o pensamento do artista? Todos os “métodos” são bons, desde que continuem a ser meios, em vez de se tornarem fins em si mesmos. (...)

(...)

(...) Sendo o objeto da literatura a própria condição humana, aquele que a lê e a compreende se tornará não um especialista em análise literária, mas um conhecedor do ser humano. Que melhor introdução à compreensão das paixões e dos comportamentos humanos do que uma imersão na obra dos grandes escritores que se dedicam a essa tarefa há milênios? E, de imediato: que melhor preparação pode haver para todas as profissões baseadas nas relações humanas? Se entendermos assim a literatura e orientarmos dessa maneira o seu ensino, que ajuda mais preciosa poderia encontrar o futuro estudante de direito ou de ciências políticas, o futuro assistente social ou psicoterapeuta, o historiador ou o sociólogo? Ter como professores Shakespeare e Sófocles, Dostoiévski e Proust não é tirar proveito de um ensino excepcional? E não se vê que mesmo um futuro médico, para exercer o seu ofício, teria mais a aprender com esses mesmos professores do que com os manuais preparatórios para concurso que hoje determinam o seu destino? Assim, os estudos literários encontrariam o seu lugar no coração das humanidades, ao lado da história dos eventos e das ideias, todas essas disciplinas fazendo progredir o pensamento e se alimentando tanto de obras quanto de doutrinas, tanto de ações políticas quanto de mutações sociais, tanto da vida dos povos quanto da de seus indivíduos.

Se aceitarmos essa finalidade para o ensino literário, o qual não serviria mais unicamente à reprodução dos professores de Letras, podemos facilmente chegar a um acordo sobre o espírito que o deve conduzir: é necessário incluir as obras no grande diálogo entre os homens, iniciado desde a noite dos tempos e do qual cada um de nós, por mais ínfimo que seja, ainda participa. “É nessa comunicação inesgotável, vitoriosa do espaço e do tempo, que se afirma o alcance universal da literatura”, escrevia Paul Bénichou. A nós, adultos, nos cabe transmitir às novas gerações essa herança frágil, essas palavras que ajudam a viver melhor.

(TODOROV, Tzvetan. *A Literatura em Perigo*.

2. ed. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009, p. 89-94.)

1. (VUNESP-SP-2012) – Observe as seguintes opiniões referentes ao ensino de literatura.

- I. O estudo de obras literárias na escola tem como objetivo fundamental ensinar os fundamentos da Linguística.
- II. A análise das obras feita na escola deve levar o estudante a ter acesso ao sentido dessas obras.
- III. O objetivo do ensino da literatura na escola não é formar teóricos da literatura.
- IV. De nada adianta a leitura das obras literárias sem a prévia fundamentação das teorias literárias.

Das quatro opiniões, as que se enquadram na argumentação manifestada por Todorov em seu texto estão contidas apenas em:

- a) I e II.
- b) I e III.
- c) II e III.
- d) I, II e III.
- e) II, III e IV.

RESOLUÇÃO:

Todorov defende a tese de que a análise das obras literárias deveria ter como objetivo levar o estudante ao sentido desses textos. Não se deve, portanto, privilegiar, no ensino da literatura, “conceitos recém-introduzidos por este ou aquele linguista, este ou aquele teórico da literatura”.

Resposta: C

2. (VUNESP-SP-2012) – Ter como professores Shakespeare e Sófocles, Dostoiévski e Proust não é tirar proveito de um ensino excepcional?

Esta questão levantada por Todorov, no contexto do terceiro parágrafo, significa:

- a) O conhecimento enciclopédico desses autores, manifestado em suas obras, equivale a um verdadeiro curso universitário.
- b) Por se tratar de autores de nacionalidades e épocas diferentes, a leitura de suas obras traz conhecimentos importantes sobre seus respectivos países.
- c) Esses autores escreveram com a intenção fundamental de passar ensinamentos para seus contemporâneos e a posteridade.
- d) A leitura das obras desses autores, que focalizam admiravelmente o homem e o humano, seria de excepcional utilidade para os estudantes de relações humanas.
- e) A leitura desses autores não acrescenta nada de excepcional ao ensino.

RESOLUÇÃO:

A leitura de obras de Shakespeare, Sófocles e outros grandes autores é de grande valia para o estudante conhecer a complexidade do comportamento humano. O conhecimento proveniente dessa leitura é muito útil para o profissional no seu relacionamento interpessoal.

Resposta: D

3. (VUNESP-SP-2012) – *Que melhor introdução à compreensão das paixões e dos comportamentos humanos do que uma imersão na obra dos grandes escritores que se dedicam a essa tarefa há milênios?*

Com base no fato de que a palavra *imersão*, usada na expressão “uma imersão na obra”, caracteriza uma metáfora, indique a alternativa que elimina essa metáfora sem perda relevante de sentido:

- a) uma imitação da obra.
- b) uma paráfrase da obra.
- c) uma censura da obra.
- d) uma transformação da obra.
- e) uma leitura da obra.

RESOLUÇÃO:

A metáfora utilizada pelo autor sublinha o envolvimento do leitor no ato de ler.

Resposta: E

4. (VUNESP-SP-2012) – No segundo parágrafo do fragmento apresentado, Todorov afirma que *Todos os “métodos” são bons, desde que continuem a ser meios, em vez de se tornarem fins em si mesmos*. O autor defende, com essa afirmação, o argumento segundo o qual o verdadeiro valor de um método de análise literária

- a) consiste em ser exato e perfeito, superior a todos os demais.
- b) está em ser completo: quando terminar a análise, nada mais deve restar a explicar.
- c) consiste em servir de instrumento adequado à análise e interpretação da obra.
- d) reside no fato de que, depois de aplicado, deve ser substituído por outro melhor.
- e) é mostrar mais suas próprias virtudes que as da obra focalizada.

RESOLUÇÃO:

O método de análise literária deve ter como finalidade essencial a compreensão do texto.

Resposta: C

5. (VUNESP-SP-2012) – Considerando que o pronome *o*, usado na sequência “que o deve conduzir”, tem valor anafórico, isto é, faz referência a um termo já enunciado no último parágrafo, identifique esse termo.

- a) Ensino literário.
- b) Professores de Letras.
- c) Acordo.
- d) Espírito.
- e) Grande diálogo.

RESOLUÇÃO:

O pronome *o* retoma a expressão *ensino literário* (Se aceitarmos essa finalidade para o ensino literário). O pronome *o* tem valor anafórico, pois retoma expressão enunciada anteriormente.

Resposta: A

Texto para o teste 6.

Quem é pobre, pouco se apega, é um giro-o-giro no vago dos gerais, que nem os pássaros de rios e lagoas. O senhor vê: o Zé-Zim, o melhor meeiro meu aqui, risonho e habilidoso. Pergunto: — Zé-Zim, por que é que você não cria galinhas-d’angola, como todo o mundo faz? — Quero criar nada não... — me deu resposta: — Eu gosto muito de mudar. (...) Belo um dia, ele tora. Ninguém discrepa. Eu, tantas, mesmo digo. Eu dou proteção. (...) Essa não faltou também à minha mãe, quando eu era menino, no sertãozinho de minha terra. (...) Gente melhor do lugar eram todos dessa família Guedes, Jidião Guedes; quando saíram de lá, nos trouxeram junto, minha mãe e eu. Ficamos existindo em território baixio da Sirga, da outra banda, ali onde o de — Janeiro vai no São Francisco, o senhor sabe.

(ROSA, J. G. *Grande Sertão: Veredas*.

Rio de Janeiro: José Olympio, s/d.)

6. (ENEM-2011) – Na passagem citada, Riobaldo expõe uma situação decorrente de uma desigualdade social típica das áreas rurais brasileiras marcadas pela concentração de terras e pela relação de dependência entre agregados e fazendeiros. No texto, destaca-se essa relação porque o personagem-narrador

- a) relata a seu interlocutor a história de Zé-Zim, demonstrando sua pouca disposição em ajudar seus agregados, uma vez que superou essa condição graças à sua força de trabalho.
- b) descreve o processo de transformação de um meeiro — espécie de agregado — em proprietário de terra.
- c) denuncia a falta de compromisso e a desocupação dos moradores, que pouco se envolvem no trabalho da terra.
- d) mostra como a condição material da vida do sertanejo é dificultada pela sua dupla condição de homem livre e, ao mesmo tempo, dependente.
- e) mantém o distanciamento narrativo condizente com sua posição social, de proprietário de terras.

RESOLUÇÃO:

[*Teste criticado pelo Prof. Achcar: “Este teste é exemplo de extrapolação sociológica que, partindo da identificação discutível (para dizer o mínimo!) entre “meeiro” e “agregado”, aplica ao sertão o esquema analítico que Roberto Schwarz aplicou a Machado de Assis e à sociedade representada em seus romances. Segundo o examinador, a condição de agregado, homem de situação simultaneamente livre e servil, repetir-se-ia no sertão na situação do meeiro. Admite-se que ele pense assim, mas é absurdo que imponha tal análise forçada aos candidatos do Enem, pois estes não têm por que identificar uma relação comercial, ainda que de exploração (meeiro), com um vínculo de puro favor (agregado).”]*

Resposta: D

Texto I

*O meu nome é Severino,
não tenho outro de pia.
Como há muitos Severinos,
que é santo de romaria,
deram então de me chamar
Severino de Maria;
como há muitos Severinos
com mães chamadas Maria,
fiquei sendo o da Maria
do finado Zacarias.
Mas isso ainda diz pouco:
há muitos na freguesia,
por causa de um coronel
que se chamou Zacarias
e que foi o mais antigo
senhor desta sesmaria.
Como então dizer quem fala
ora a Vossas Senhorias?*

(MELO NETO, J. C. *Obra Completa*.
Rio de Janeiro: Aguilar, 1994 – fragmento.)

Texto II

*João Cabral, que já emprestara sua voz ao rio, transfere-a, aqui,
ao retirante Severino, que, como o Capibaribe, também segue no
caminho do Recife. A autoapresentação do personagem, na fala
inicial do texto, nos mostra um Severino que, quanto mais se define,
menos se individualiza, pois seus traços biográficos são sempre
partilhados por outros homens.*

(SECCHIN, A. C. *João Cabral: a poesia do menos*.
Rio de Janeiro: Topbooks, 1999 – fragmento.)

7. (ENEM-2011) – Com base no trecho de *Morte e Vida Severina* (texto I) e na análise crítica (texto II), observa-se que a relação entre o texto poético e o contexto social a que ele faz referência aponta para um problema social expresso literariamente pela pergunta “Como então dizer quem fala / ora a Vossas Senhorias?”. A resposta à pergunta expressa no poema é dada por meio da

- descrição minuciosa dos traços biográficos do personagem-narrador.
- construção da figura do retirante nordestino como um homem resignado com a sua situação.
- representação, na figura do personagem-narrador, de outros Severinos que compartilham sua condição.
- apresentação do personagem-narrador como uma projeção do próprio poeta, em sua crise existencial.
- descrição de Severino, que, apesar de humilde, se orgulha de ser descendente do coronel Zacarias.

RESOLUÇÃO:

Quem fala em *Morte e Vida Severina* é o retirante, Severino, que é símbolo de todos os excluídos que migram para buscar melhor condição de vida: “há muitos Severinos”.

Resposta: C

Abatidos pelo fadinho harmonioso e nostálgico dos desterrados, iam todos, até mesmo os brasileiros, se concentrando e caindo em tristeza; mas, de repente, o cavaquinho de Porfiro, acompanhado pelo violão do Firmo, romperam vibrantemente com um chorado baiano. Nada mais que os primeiros acordes da música crioula para que o sangue de toda aquela gente despertasse logo, como se alguém lhe fustigasse o corpo com urtigas bravas. E seguiram-se outras notas, e outras, cada vez mais ardentes e mais delirantes. Já não eram dois instrumentos que soavam, eram lúbricos gemidos e suspiros soltos em torrente, a correrem serpenteando, como cobras numa floresta incendiada; eram ais convulsos, chorados em frenesi de amor: música feita de beijos e soluços gostosos; carícia de fera, carícia de doer, fazendo estalar de gozo.

(AZEVEDO, A. *O Cortiço*.
São Paulo: Ática, 1983 – fragmento.)

8. (ENEM-2011) – No romance *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, as personagens são observadas como elementos coletivos caracterizados por condicionantes de origem social, sexo e etnia. Na passagem transcrita, o confronto entre brasileiros e portugueses revela prevalência do elemento brasileiro, pois

- destaca o nome de personagens brasileiras e omite o de personagens portuguesas.
- exalta a força do cenário natural brasileiro e considera o do português inexpressivo.
- mostra o poder envolvente da música brasileira, que cala o fado português.
- destaca o sentimentalismo brasileiro, contrário à tristeza dos portugueses.
- atribui aos brasileiros uma habilidade maior com instrumentos musicais.

RESOLUÇÃO:

O determinismo é um dos elementos mais importantes na composição da narrativa de *O Cortiço*. A música, manifestação cultural do povo, carrega as características essenciais que o formam. A música brasileira seria mais envolvente porque repleta de sensualidade exacerbada, fruto de uma terra exuberante e quente. O fado português, ao contrário, conteria uma tristeza considerada típica de seu povo.

Resposta: C

MÓDULO 25

CARTA

Texto para o teste 1.

Venho solicitar a clarividente atenção de Vossa Excelência para que seja conjurada uma calamidade que está prestes a desabar em cima da juventude feminina do Brasil. Refiro-me, senhor presidente, ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de moças, atraindo-as para se transformarem em jogadoras de futebol, sem se levar em conta que a mulher não poderá praticar este esporte violento sem afetar, seriamente, o equilíbrio fisiológico das suas funções orgânicas, devido à natureza que dispôs a ser mãe. Ao que dizem os jornais, no Rio de Janeiro, já estão formados nada menos de dez quadros femininos. Em São Paulo e Belo Horizonte também já estão se constituindo outros. E, neste crescendo, dentro de um ano, é provável que em todo o Brasil estejam organizados uns 200 clubes femininos de futebol: ou seja: 200 núcleos destroçados da saúde de 2,2 mil futuras mães, que, além do mais, ficarão presas a uma mentalidade depressiva e propensa aos exibicionismos rudes e extravagantes.

(Coluna Penalti. *Carta Capital*. 28 abr. 2010.)

1. (ENEM-2010) – O trecho é parte de uma carta de um cidadão brasileiro, José Fuzeira, encaminhada, em abril de 1940, ao então presidente da República Getúlio Vargas. As opções linguísticas de Fuzeira mostram que seu texto foi elaborado em linguagem

- regional, adequada à troca de informações na situação apresentada
- jurídica, exigida pelo tema relacionado ao domínio do futebol.
- coloquial, considerando-se que ele era um cidadão brasileiro comum.
- culta, adequando-se ao seu interlocutor e à situação de comunicação.
- informal, pressupondo o grau de escolaridade de seu interlocutor.

RESOLUÇÃO:

O texto é elaborado em linguagem culta, como é adequado a uma carta dirigida ao presidente da República. Resposta: D

Texto para o teste 2.

São Paulo, 18 de agosto de 1929.

Carlos [Drummond de Andrade],

Achei graça e gozei com o seu entusiasmo pela candidatura Getúlio Vargas-João Pessoa. É. Mas veja como estamos trocados. Esse entusiasmo devia ser meu e sou eu que conservo o ceticismo que deveria ser de você. (...)

Eu ... eu contemplo numa torcida apenas simpática a candidatura Getúlio Vargas, que antes desejara tanto. Mas pra mim, presente-mente, essa candidatura (única aceitável, está claro) fica manchada por essas pazes frágeis de governistas mineiros, gaúchos, paraibanos (...), com democráticos paulistas (que pararam de atacar o Bernardes) e oposicionistas cariocas e gaúchos. Tudo isso não me entristece. Continuo reconhecendo a existência de males necessários, porém me afasta do meu país e da candidatura Getúlio Vargas. Repito: única aceitável.

(Mário [de Andrade]

Renato Lemos. *Bem traçadas linhas: a história do Brasil em cartas pessoais*. Rio de Janeiro: Bom texto, 2004, p. 305.)

2. (ENEM) – Acerca da crise política ocorrida em fins da Primeira República, a carta do paulista Mário de Andrade ao mineiro Carlos Drummond de Andrade revela

- a simpatia de Drummond pela candidatura Vargas e o desencanto de Mário de Andrade com as composições políticas sustentadas por Vargas.
- a veneração de Drummond e Mário de Andrade ao gaúcho Getúlio Vargas, que se aliou à oligarquia cafeeira de São Paulo.
- a concordância entre Mário de Andrade e Drummond quanto ao caráter inovador de Vargas, que fez uma ampla aliança para derrotar a oligarquia mineira.
- a discordância entre Mário de Andrade e Drummond sobre a importância da aliança entre Vargas e o paulista Júlio Prestes nas eleições presidenciais.
- o otimismo de Mário de Andrade em relação a Getúlio Vargas, que se recusava a fazer alianças para vencer as eleições.

RESOLUÇÃO:

A “simpatia de Drummond pela candidatura Vargas” é mencionada logo no início por Mário de Andrade. O desagrado deste em relação às “composições políticas sustentadas por Vargas” é o assunto que domina todo o resto do texto.

Resposta: A

Texto para as questões 3 e 4.

Belo Horizonte, 28 de julho de 1942.

Meu caro Mário,

Estou te escrevendo rapidamente, se bem que haja muitíssima coisa que eu quero te falar (a respeito da Conferência, que acabei de ler agora). Vem-me uma vontade imensa de desabafar com você tudo o que ela me fez sentir. Mas é longo, não tenho o direito de tomar seu tempo e te chatear.

(Fernando Sabino)

3. (FUVEST) – Neste trecho de uma carta de Fernando Sabino a Mário de Andrade, o emprego de linguagem informal é bem evidente em

- “se bem que haja”.
- “que acabei de ler agora”.
- “Vem-me uma vontade”.
- “tudo o que ela me fez sentir”.
- “tomar seu tempo e te chatear”.

RESOLUÇÃO:

A mistura de pronomes de segunda pessoa (“te”) e terceira (“seu”) é típica da linguagem coloquial brasileira.

Resposta: E

4. (FUVEST) – No texto, o conectivo “se bem que” estabelece relação de

- conformidade.
- condição.
- concessão.
- alternância.
- consequência.

RESOLUÇÃO:

O sentido concessivo se comprova com a substituição de “se bem que” por *embora, apesar de*.

Resposta: C

Sr. Prefeito, junte-se a nós na luta contra a dengue. A sua participação é fundamental.

A dengue é um dos grandes desafios que enfrentamos na área de saúde no Brasil, mas, felizmente, é possível controlá-la. Para isso, é necessário que os governos estaduais e municipais e o governo federal trabalhem juntos. Nesse sentido, a sua atuação como prefeito é fundamental. Organize mutirões, envolvendo líderes comunitários da sua cidade, para lutar contra a dengue. No site www.combatadengue.com.br há todas as informações necessárias para auxiliá-lo, inclusive com materiais para *download* de uso livre. A mobilização social é a chave para o sucesso no combate à dengue.

Secretaria Estaduais
e Municipais da Saúde



Ministério
da Saúde



BRASIL. Ministério da Saúde. *Revista Nordeste*,
João Pessoa, ano 3. n.º 35. maio/jun. 2009.

5. (ENEM) – O texto exemplifica um gênero textual híbrido entre carta e publicidade oficial. Em seu conteúdo, é possível perceber aspectos relacionados a gêneros digitais. Considerando-se a função social das informações geradas nos sistemas de comunicação e informação presentes no texto, infere-se que

- a) a utilização do termo *download* indica restrição de leitura de informações a respeito de formas de combate à dengue.
- b) a diversidade dos sistemas de comunicação empregados e mencionados reduz a possibilidade de acesso às informações a respeito do combate à dengue.
- c) a utilização do material disponibilizado para *download* no site www.combatadengue.com.br restringe-se ao receptor da publicidade.
- d) a necessidade de atingir públicos distintos se revela por meio da estratégia de disponibilização de informações empregada pelo emissor.
- e) a utilização desse gênero textual compreende, no próprio texto, o detalhamento de informações a respeito de formas de combate à dengue.

RESOLUÇÃO:

A utilização da internet como meio de disponibilizar informações atende à “necessidade de atingir públicos distintos”.

Resposta: D

6. (ENEM) – Diante dos recursos argumentativos utilizados, depreende-se que o texto apresentado

- a) se dirige aos líderes comunitários para tomarem a iniciativa de combater a dengue.
- b) conclama toda a população a participar das estratégias de combate ao mosquito da dengue.
- c) se dirige aos prefeitos, conclamando-os a organizarem iniciativas de combate à dengue.
- d) tem como objetivo ensinar os procedimentos técnicos necessários para o combate ao mosquito da dengue.
- e) apela ao governo federal, para que dê apoio aos governos estaduais e municipais no combate ao mosquito da dengue.

RESOLUÇÃO:

O texto se dirige, explicitamente, aos prefeitos, como já se percebe pelo vocativo inicial.

Resposta: C

7. (UNICAMP) – A carta abaixo reproduzida foi publicada em outubro de 2007, após declaração sobre a legalização do aborto feita por Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro.

Sobre a declaração do governador fluminense, Sérgio Cabral, de que “as mães faveladas são uma fábrica de produzir marginais”, cabe indagar: essas mães produzem marginais apenas quando dão à luz ou também quando votam?

(Juarez R. Venitez, Sacramento-MG,
seção Painel do Leitor, *Folha de S.Paulo*, 29/10/2007.)

- a) Há uma forte ironia produzida no texto da carta. Destaque a parte do texto em que se expressa essa ironia. Justifique.

RESOLUÇÃO:

A ironia está contida no trecho “ou também quando votam?”. Ao indagar se não existe também a possibilidade de as mães produzirem marginais por meio do voto, o leitor da *Folha* está estabelecendo o pressuposto de que o governador do Rio de Janeiro, na condição de político eleito, pertenceria à classe dos marginais.

- b) Nessa ironia, marca-se uma crítica à declaração do governador do Rio de Janeiro. Entretanto, em função da presença de uma construção sintática, a crítica não incorre em uma oposição. Indique a construção sintática que relativiza essa crítica. Justifique.

RESOLUÇÃO:

A construção sintática responsável pela relativização da crítica é “apenas X, ou também Y”. Ou seja, essa construção sintática estabelece uma relação aditiva (“não só, como também”), em vez de opositiva. Por isso, na crítica construída na carta, o autor não nega o fato de que os filhos de mães faveladas sejam marginais, mas acrescenta outro sentido à expressão “fábrica de marginais”, o de que os políticos também sejam marginais. Dessa forma, o leitor mantém a interpretação do governador do Rio de Janeiro (filhos de favelados são marginais), apesar da crítica a ele dirigida.

Carta a Manuel Bandeira, S. Paulo, 28-III-31

Manú,

bom-dia. Amanhã é domingo pé de cachimbo, e levarei sua carta, (isto é vou ainda rele-la pra ver si a posso levar tal como está, ou não podendo contarei) pra Alcantara com Lolita que também ficarão satisfeitos de saber que você já está mais fagueirinho e o acidente não terá consequencia nenhuma. Esse caso de você ter medo duma possivel doença comprida e chupando lentamente o que tem de perceptível na gente, pro lado lá da morte, é mesmo um caso serio. Deve ser danado a gente morrer com lentidão, mas em todo caso sempre me parece inda, não mais danado, mas semvergonhamente pueril, a gente morrer de repente. Eu jamais que imagino na morte, creio que você sabe disso. Aboli a morte do mecanismo da minha vida e embora já esteja com meus trinteito anos, faço projetos pra daqui a dez anos, quinze, como si pra mim a morte não tivesse de “vim”... como todos pronunciam. A idea da morte desfibra danadamente a atividade, dá logo vontade da gente deitar na cama e morrer, irrita. Aboli a noção de morte prá minha vida e tenho me dado bem regularmente com êsse pragmatismo inocente. Mas levado pela sua carta, não sei, mas acho que não me desagradava não me pôr em contacto com a morte, ver ela de perto, ter tempo pra botar os meus trabalhos do mundo em ordem que me satisfaça e diante da infalível vencedora, regularizar pra com Deus o que em mim sobrar de inutil pro mundo.

(ANDRADE, Mário de. *Cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1958, pp. 269-270.)

8. (UNESP) – Embora procure manifestar para seu amigo Manú (Manuel Bandeira) uma visão prática e uma preocupação maior com a vida, Mário de Andrade deixa escapar certa preocupação com a vida após a morte. Releia a carta e, a seguir, explique em que passagem se pode verificar essa preocupação.

RESOLUÇÃO:

No final da carta, Mário de Andrade manifesta a preocupação de “regularizar” com Deus aquilo que tiver feito “de inútil pro mundo”. Ou seja, Mário considera como “pecados”, ou como falhas pelas quais deverá prestar contas, toda a sua ação ou produção que não apresente valor ou utilidade para a vida dos outros homens. Vemos confirmado, assim, e existencialmente ampliado o conceito que ele tinha de seu trabalho de escritor, que encarava como um serviço ao País, à cidadania e em geral à humanidade.

9. (UNESP) – Envolvido, como declara mais de uma vez em suas cartas, na criação de um discurso literário próprio, culto, mas com aproveitamentos de recursos e soluções da linguagem coloquial, Mário de Andrade apresenta nos textos de suas cartas soluções de ortografia, pontuação, variações coloquiais de vocábulos e de regência que podem surpreender um leitor desavisado. Escreve, por exemplo, no último período do trecho citado, “ver ela de perto”, tal como se usa coloquialmente. Aponte a forma que teria essa passagem em discurso formal, culto.

RESOLUÇÃO:

Reescrita conforme as normas da linguagem escrita culta, “ver ela de perto” se transforma em “vê-la de perto”.



Aplicações

Texto para o teste 1.

ESCREVO-LHE ESTA CARTA...

Um ano depois, programa de alfabetização no Acre apresenta resultados acima da média e, como prova final, bilhetes comoventes

Repleto de adultos recém-alfabetizados, o Teatro Plácido de Castro, na capital do Acre, Rio Branco, quase veio abaixo com a leitura do bilhete escrito pela dona de casa Sebastiana Costa para o marido: “Manoel, eu fui para aula. Se quiser comida es quente. Foi eu que escrevi.” Atordoada com os aplausos, a franzina Sebastiana desceu do palco com a cabeça baixa e os ombros encurvados.

Casada há trinta anos e mãe de oito filhos, ela só descobriu um pouco quando a ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, comentou que o bilhete não precisava ser interpretado como um desafio, embora passasse um sentimento de libertação. Alfabetizada apenas aos dezessete anos, a ministra Marina conhece como poucos o drama daqueles que não são capazes de decifrar o letreiro de ônibus ou de rabiscar uma simples mensagem.

1. (FUVEST) – O bilhete escrito por Sebastiana Costa tem linguagem simples, mas nem por isso o que dizem suas palavras deixa de conotar um significado mais profundo,

- apontado pelo redator do texto, num comentário pessoal, em tom opinativo.
- indicado no comentário feito pela ministra do Meio Ambiente.
- esclarecido tão logo irrompem os intensos aplausos do público.
- evidenciado pela expressão corporal de Sebastiana, ao descer do palco.
- relacionado ao fato de o público ser composto por adultos recém-alfabetizados.

RESOLUÇÃO

O comentário da ministra do Meio Ambiente, que aparece no texto sob forma de discurso indireto, evidencia o significado mais profundo do bilhete, que corresponde a uma atitude de desafio e recusa de uma condição submissa (“Se quiser comida es quente”).

Resposta: B

2. (FUVEST) – O título “Escrevo-lhe esta carta...”

- contém ironia, uma vez que o bilhete citado no texto não é propriamente uma carta.
- resulta de um procedimento intertextual, pois retoma uma expressão frequente na linguagem das cartas.
- refere-se também ao texto do autor da reportagem, redigido por ele como se fosse uma carta.
- termina com reticências para deixar subentendido o sarcasmo do autor da reportagem.
- imita a variedade linguística que caracteriza o bilhete reproduzido na reportagem.

RESOLUÇÃO

O título retoma uma fórmula comum no início de cartas. Por isso, trata-se de procedimento intertextual.

Resposta: B



Aplicações

INSTRUÇÃO: Leia a letra da música de Adoniran Barbosa, para responder às questões de números 3 a 6.

VIDE VERSO MEU ENDEREÇO

Falado: Seu Gervásio, se o doutor José Aparecido aparecer por aqui, o senhor dá esse bilhete a ele, viu? Pode ler, não tem segredo nenhum. Pode ler, seu Gervásio.

Venho por meio dessas mal traçadas linhas

Comunicar-lhe que fiz um samba pra você

No qual quero expressar toda minha gratidão

E agradecer de coração tudo o que você me fez.

Com o dinheiro que um dia você me deu

Comprei uma cadeira lá na Praça da Bandeira

Ali vou me defendendo

Pegando firme, dá pra tirá mais de mil por mês.

Casei, comprei uma casinha lá no Ermelindo

Tenho três filhos lindos, dois são meus, um é de criação.

Eu tinha mais coisas pra lhe contar

Mas vou deixar pra uma outra ocasião.

Não repare a letra, a letra é de minha mulher.

Vide verso meu endereço, apareça quando quiser.

(Adoniran Barbosa, *CD Adoniran Barbosa-1975*, remasterizado EMI, 1994.)

3. (UNIFESP) – Analisando a questão da legibilidade do que se escreve, é correto afirmar que

- o poeta e os médicos muito pouco se importam com o registro de sua forma de expressão, pois o que lhes interessa é a produção livre dos textos, sem nenhum tipo de imposição social.
- o poeta vê a escrita ruim como uma maneira de expor a realidade das pessoas menos favorecidas socialmente, e os médicos entendem a escrita ilegível como uma forma de disfarçar essa realidade.
- poeta e médicos entendem que o principal é comunicar; a caligrafia é um dos aspectos do processo e, embora importante, não é o principal do ponto de vista da interlocução efetiva.
- tanto o poeta quanto os médicos veem na letra malfeita uma forma de se destacarem socialmente em relação às outras pessoas, tornando-se, portanto, singulares no meio em que vivem.
- o poeta e os médicos têm motivações diferentes para a escrita ruim, pois, para estes, ela não tem uma justificativa, a não ser pela tradição; já para aquele, ela mostra a realidade vivida pelas pessoas menos favorecidas socialmente.

RESOLUÇÃO

Os médicos, por seu nível de educação, poderiam escrever de forma legível, mas não o fazem por “respeito” a uma má tradição, ao passo que o homem humilde que se exprime no poema sequer escreve

(talvez seja analfabeto) e se socorre da mulher, cuja má letra é resultado de falta de instrução.

Resposta: E

4. (UNIFESP) – Considere as afirmações:

- O poeta afirma que o samba é uma forma de agradecimento ao doutor José Aparecido, pelo que este lhe fez. Por não haver referências a uma eventual cobrança do dinheiro, vê-se que se trata de um autêntico gesto de solidariedade.
- A insistência do poeta em falar sobre sua vida, descrevendo-a muito positivamente, é uma tentativa de sobrepor-se ao doutor José Aparecido, que lhe é socialmente superior.
- É flagrante a diferença que o poeta dá ao tratamento a Gervásio e José Aparecido: o primeiro é displicentemente chamado de *seu* Gervásio; o segundo, respeitosamente, de *doutor* José Aparecido.

Está correto apenas o que se afirma em

- I.
- II.
- III.
- I e II.
- I e III.

RESOLUÇÃO

A afirmação II não encontra qualquer respaldo no texto. A III é errada porque a forma de tratamento “seu”, variante popular de “senhor”, é bastante respeitosa.

Resposta: A

5. (UNIFESP) – Em “*Casei, comprei uma casinha lá no Ermelindo*”, o diminutivo no substantivo expressa, além de tamanho e carinho, o sentido de

- penúria.
- humilhação.
- simplicidade.
- pobreza.
- ironia.

RESOLUÇÃO

O diminutivo, além dos sentidos referentes a tamanho e carinho, indica, no contexto, despreensão e simplicidade.

Resposta: C

6. (UNIFESP) – A expressão *vide verso* significa *ver no verso*. Se optasse pela forma verbal conjugada e mantivesse a forma de tratamento que dá ao doutor José Aparecido, o poeta escreveria

- Vê no verso meu endereço, aparece quando quiser.
- Vejas no verso meu endereço, aparece quando quiser.
- Vês no verso meu endereço, apareça quando quiser.
- Vejai no verso meu endereço, aparecei quando quiser.
- Veja no verso meu endereço, apareça quando quiser.

RESOLUÇÃO

O tratamento usado pelo poeta para referir-se ao doutor José Aparecido é de terceira pessoa do singular. Como os verbos estão no imperativo afirmativo, suas formas correspondem ao presente do subjuntivo.

Resposta: E

Nome _____

Unidade _____

Turma _____ Manhã Tarde Noite 3.º ANO
MÓDULO 18

UNICAMP – 2012

Coloque-se no lugar dos **estudantes de uma escola** que passou a monitorar as páginas de seus alunos em redes sociais da internet (como o Orkut, o Facebook e o Twitter), após um evento similar aos relatados na matéria reproduzida abaixo. Em função da polêmica provocada pelo **monitoramento**, você resolve escrever um manifesto e recebe o apoio de vários colegas. Juntos, decidem lê-lo na próxima **reunião de pais e professores com a direção da escola**. Nesse manifesto, a ser redigido na modalidade oral formal, você deverá necessariamente:

- explicitar o evento que motivou a direção da escola a fazer o monitoramento;
- declarar e sustentar o que você e seus colegas defendem, convocando pais, professores e alunos a agir em conformidade com o proposto no documento.

Escolas monitoram o que aluno faz em rede social

Durante uma aula vaga em uma escola da Grande São Paulo, os alunos decidiram tirar fotos deitados em colchonetes deixados no pátio para a aula de educação física. Um deles colocou uma imagem no Facebook com uma legenda irônica, em que dizia: vejam as aulas que temos na escola. Uma professora viu a foto e avisou a diretora. Resultado: o aluno teve de apagá-la e todos levaram uma bronca.

O caso é um exemplo da luta que as escolas têm travado com os alunos por conta do uso das redes sociais. Assuntos relativos à imagem do colégio, casos de *bullying* virtual e até mensagens em que, para a escola, os alunos se expõem demais, estão tendo de ser apagados e podem acabar em punição. Em outra instituição, contam os alunos, um casal foi suspenso depois de a menina pôr no Orkut uma foto deles se beijando nas dependências da escola.

As escolas não comentaram os casos. Uma delas diz que só pediu para apagar a foto porque houve um "tom ofensivo". Como outras escolas consultadas, nega que monitore o que os alunos publicam nos sites.

Exercícios - Como professores e alunos são "amigos" nas redes sociais, a escola tem acesso imediato às publicações.

Foi o que aconteceu com um aluno do ABC paulista. Um professor soube da página que esse aluno criou com amigos no Orkut. Nela, resolviam exercícios de geografia – cujas respostas acabaram copiadas por colegas. O aluno teve de tirá-la do ar.

O caso é parecido com o de uma aluna de 15 anos do Rio de Janeiro obrigada a apagar uma comunidade criada por ela no Facebook para a troca de respostas de exercícios. Ela foi suspensa. Já o aluno do ABC paulista não sofreu punição e o assunto *ética na internet* passou a ser debatido em aula.

Transformar o problema em tema de discussão para as aulas é considerado o ideal por educadores. "A atitude da escola não pode ser polícialasca, tem que ser preventiva e negociadora no sentido de formar consciência crítica", diz Sílvia Colello, professora de pedagogia da USP.

(Adaptado de Talita Bedinelli & Fabiana Rewald,

Folha de S. Paulo, 19/06/2011.)

ESTRUTURA E PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

1. Coloque:

A – para derivação prefixal

B – para derivação sufixal

C – para derivação parassintética

D – para derivação regressiva

E – para derivação imprópria (ou conversão)

a) (**C**) empobrecer, apoderar, avistar, amaldiçoar, engordar, esfriar.

b) (**A**) dispor, anti-inflação, reler, desfazer, irreal, ingrato, percurso.

c) (**A/B**) inutilmente, desigualdade, imoralidade.

d) (**B**) unhada, alfabetização, casamento, doçaria, azulada, quietação.

e) (**E**) o amar, um não, Sr. Teixeira, o mal, o azul.

f) (**D**) ajuda, recuo, debate, toque, apelo, choro, venda.

2. Associar:

(A) para justaposição

(B) para aglutinação

(C) para abreviatura

(D) para sigla

(E) para hibridismo

a) () televisão

b) () petróleo

c) () NGB

d) () moto

e) () girassol

f) () cine

g) () fidalgo

h) () guarda-roupa

i) () IBGE

RESOLUÇÃO:

a) **E (= grego + português)**

b) **B**

c) **D (= Nomenclatura Gramatical Brasileira)**

d) **C**

e) **A**

f) **C**

g) **B**

h) **A**

i) **D (= Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)**

3. (FUVEST) – O valor semântico de des- não coincide com o do par centralização/descentralização apenas em:

a) Despregar o prego foi mais difícil do que pregá-lo.

b) “Belo, belo, que vou para o Céu...” – e se soltou, para voar: descaiu foi lá de riba, no chão muito se machucou.

c) Enquanto isso ele ficava ali em casa, em certo repouso, até a saúde de tudo se desameaçar.

d) A despoluição do Rio Tietê é um repto urgente aos políticos e à população de São Paulo.

e) O governo de Israel decidiu desbloquear metade da renda de arrecadação fiscal que Israel devia à Autoridade Nacional Palestina.

RESOLUÇÃO: Em *centralização/descentralização*, o prefixo *des-* foi utilizado para indicar *negação, ausência*, ocorrendo o mesmo nas alternativas *a* (despregá-lo), *c* (desameaçar), *d* (despoluição) e *e* (desbloquear). O verbo *descair* equivale a *cair, pender, inclinar-se lentamente*. Resposta: **B**

Texto para o teste 4.

Seu metaléxico

economio pia

desenvolvimentir

utopiada

consumidoidos

patriotários

suicidadaões

(José Paulo Paes)

4. (MACKENZIE) – A palavra *economio pia* segue o mesmo modelo de formação lexical presente em

a) *aguardente*.

b) *pé de moleque*.

c) *passatempo*.

d) *minissaia*.

e) *antidemocrático*.

RESOLUÇÃO:

A palavra *economio pia* é formada pelo processo chamado *aglutinação*, que implica alteração fonética decorrente da composição. Nas outras palavras têm-se os seguintes processos de formação: em *b*, *justaposição* (*pé de moleque*); em *c*, também *justaposição* (*passatempo*); em *d*, *prefixação* (*minissaia*) e, em *e*, também *prefixação* (*antidemocrático*).

Resposta: A

Texto para o teste 5.

A questão racial parece um desafio do presente, mas trata-se de algo que existe desde há muito tempo. Modifica-se ao acaso das situações, das formas de sociabilidade e dos jogos das forças sociais, mas reitera-se continuamente, modificada, mas persistente. Esse é o enigma com o qual se defrontam uns e outros, intolerantes e tolerantes, discriminados e preconceituosos, segregados e arrogantes, subordinados e dominantes, em todo o mundo. Mais do que tudo isso, a questão racial revela, de forma particularmente evidente, nuançada e estridente, como funciona a fábrica da sociedade, compreendendo identidade e alteridade, diversidade e desigualdade, cooperação e hierarquização, dominação e alienação.

(Octavio Ianni. *Dialética das relações sociais*.

Estudos avançados, n.º 50, 2004.)

5. (FUVEST) – As palavras do texto cujos prefixos traduzem, respectivamente, ideia de anterioridade e contiguidade são

a) “persistente” e “alteridade”.

b) “discriminados” e “hierarquização”.

c) “preconceituosos” e “cooperação”.

d) “subordinados” e “diversidade”.

e) “identidade” e “segregados”.

RESOLUÇÃO:

O prefixo *pre-* indica “anterioridade” e *co-*, “contiguidade”.

Resposta: C

Texto para a questão 6.



“Monstroristas”, “mautoristas”, “frustrados que compraram carro para respirar fumaça”, “covardes”. É assim que ciclistas engajados na defesa do uso de bicicleta como meio de transporte urbano chamam motoristas de carros, ônibus e afins. O atropelamento de ciclistas em Porto Alegre na semana passada acirrou os ânimos desse grupo, que reagiu com “bicicletadas” de protesto. O paulistano Renato Zerbinato, 34, se envolveu com o cicloativismo há dois anos, após se mudar para Brasília, cidade que define como “extremamente hostil” aos ciclistas devido às vias rápidas. Ele vê uma “guerra velada” entre ciclistas e motoristas, que, reclama, não costumam respeitar a distância de 1,5m do ciclista e o direito de bicicletas e carros dividirem a pista, previstos no Código Brasileiro de Trânsito.

(Folha de S.Paulo, 09/03/2011.)

6. (INSPER-2012) – Considere as afirmações:

- I. Por associação a outras palavras que também empregam o sufixo -ada, um leitor incauto poderia imaginar que bicicletada significa “usar a bicicleta como arma para golpear alguém”.
- II. Se optasse pelo mesmo processo de formação de *monstroristas* e *mautoristas* para relatar um atropelamento provocado por um condutor embriagado, o jornalista poderia usar o neologismo *alcooltecimento*.
- III. O substantivo *cicloativismo*, no contexto em que ocorre, sugere ideia de intervalo, período, indicando que movimentos engajados, como o mencionado na notícia, são esporádicos.

Está(ão) correta(s):

- a) I, II e III.
- b) apenas I e II.
- c) apenas I e III.
- d) apenas II e III.
- e) apenas II.

RESOLUÇÃO:

“Cicloativismo” é formada de *ciclo*, designação genérica dos veículos leves como bicicleta, e *ativismo*, portanto, atividade praticada com bicicleta, e não “intervalo” ou “período”.

Resposta: B

Texto para as questões 7 e 8.

Em nossa última conversa, dizia-me o grande amigo que não esperava viver muito tempo, por ser um “cardisplicente”.

– O quê?

– Cardisplicente. Aquele que desdenha do próprio coração.

Entre um copo e outro de cerveja, fui ao dicionário.

– “Cardisplicente” não existe, você inventou – triunfei.

– Mas se eu inventei, como é que não existe? – espantou-se o meu amigo.

Semanas depois deixou em saudades fundas companheiros, parentes e bem-amadas. Homens de bom coração não deveriam ser cardisplicentes.

7. (FUVEST) – Conforme sugere o texto, *cardisplicente* é

- a) um jogo fonético curioso, mas arbitrário.
- b) palavra técnica constante de dicionários especializados.
- c) um neologismo desprovido de indícios de significação.
- d) uma criação de palavra pelo processo de composição.
- e) termo erudito empregado para criar um efeito cômico.

RESOLUÇÃO:

Cardisplicente é formado com a união de *cardíaco* e *displicente*. A esse processo de composição dá-se o nome de *aglutinação*, já que ocorre alteração fonética na forma das palavras primitivas.

Resposta: D

8. (FUVEST) – “— Mas se eu inventei, como é que não existe?”

Segundo se deduz da fala espantada do amigo do narrador, a língua, para ele, era um código aberto,

- a) ao qual se incorporariam palavras fixadas no uso popular.
- b) a ser enriquecido pela criação de gírias.
- c) pronto para incorporar estrangeirismos.
- d) que se amplia graças à tradução de termos científicos.
- e) a ser enriquecido com contribuições pessoais.

RESOLUÇÃO:

O amigo do narrador considera o termo que criou como uma legítima contribuição para o enriquecimento léxico da língua.

Resposta: E

9. (FGV-2012) – A palavra que apresenta, em sua formação, um prefixo e um sufixo formador de adjetivo é:

- a) esperanças.
- b) sentimentos.
- c) unicamente.
- d) respeitosas.
- e) extraordinárias.

RESOLUÇÃO:

O prefixo é *extra-* e o sufixo formador de adjetivos é *-ário(a)*.

Resposta: E

Analisar a tira para responder às questões de números 10 e 11.



(www2.uol.com.br/laerte/tiras. Adaptado.)

10. (FGV) – O efeito de sentido do jogo de palavras empregado pelo gato Messias, no diálogo com o pai, resulta

- a) da troca de palavras com o mesmo tipo de estrutura.
- b) do emprego inusitado de determinados sinônimos.
- c) da função da ortografia nas relações interpessoais.
- d) do significado conotativo dos termos utilizados.
- e) do uso pouco habitual dos substantivos concretos.

RESOLUÇÃO:

As palavras “safadeza” e “natureza” são formadas pelo processo de derivação sufixal (-eza). Já “perversão” e “diversão” são substantivos com a mesma terminação.

Resposta: A

11. (FGV) – Sabe-se que, na frase, vocativo é um termo independente, pelo qual se interpela o leitor ou o ouvinte. Na tira de Laerte, é possível atribuir ao vocativo, de que se valem pai e filho, a função adicional de

- a) exprimir a reprovação pela situação inusitada instaurada por Messias.
- b) restringir drasticamente os limites do diálogo a um ambiente humorístico.
- c) identificar as personagens, revelando nome e relação de parentesco.
- d) desvelar características peculiares das personagens cômicas da tira.
- e) indicar o emprego excessivo de gírias, interjeições e exclamações.

RESOLUÇÃO:

No primeiro quadrinho, os vocativos “pai” e “Messias” identificam o parentesco entre os personagens e o nome de um deles.

Resposta: C



Aplicações

Texto para o teste 1.

CARNAVÁLIA

*Repique tocou
O surdo escutou
E o meu corasamborim
Cuíca gemeu, será que era meu, quando ela passou por mim?
[...]*

(ANTUNES, A.; BROWN, C.; MONTE, M.
Tribalistas, 2002 – fragmento.)

1. (ENEM) – No terceiro verso, o vocábulo “corasamborim”, que é a junção coração + samba + tamborim, refere-se, ao mesmo tempo, a elementos que compõem uma escola de samba e à situação emocional em que se encontra o autor da mensagem, com o coração no ritmo da percussão.

Essa palavra corresponde a um(a)

- a) estrangeirismo, uso de elementos linguísticos originados em outras línguas e representativos de outras culturas.
- b) neologismo, criação de novos itens linguísticos, pelos mecanismos que o sistema da língua disponibiliza.
- c) gíria, que compõe uma linguagem originada em determinado grupo social e que pode vir a se disseminar em uma comunidade mais ampla.
- d) regionalismo, por ser palavra característica de determinada área geográfica.
- e) termo técnico, dado que designa elemento de área específica de atividade.

RESOLUÇÃO

Criado a partir da composição por aglutinação dos vocábulos *coração*, *samba* e *tamborim*, a palavra “corasamborim” é um neologismo, isto é, uma criação vocabular usada pelo grupo Tribalistas para a letra de sua canção “Carnavália”.

Resposta: B

2. (FGV) – Sobre os processos de formação de palavras, é correto afirmar que há a formação de um

- a) substantivo por prefixação em *supérfluos*.
- b) adjetivo com sufixo com sentido de profissão em *contribuinte*.
- c) substantivo com prefixo com sentido de negação em *impostos*.
- d) substantivo por sufixação em *consumidor*.
- e) adjetivo com prefixo com sentido de distanciamento em *advento*.

RESOLUÇÃO

Consumidor, substantivo, forma-se com a adjunção do sufixo *-or* ao radical do particípio *consumido*. Erros: a) *supérfluo* é palavra primitiva em português, procedente do latim *superfluus*; b) *contribuinte* é substantivo, e seu sufixo, *-nte*, é formador de particípio presente e, portanto, de substantivos e adjetivos com o sentido de “agente” ou “ação” (*contribuinte* é o “agente da ação de contribuir”); c) o prefixo de *imposto*, *im-*, tem nesta composição o sentido de “sobre”. Trata-se de substantivação do particípio de *impor*: “pôr sobre, como uma obrigação, um dever” (*imposto* é a obrigação *posta sobre* os – *imposta* aos – contribuintes); e) *advento* é substantivo e seu prefixo, *ad-*, indica aproximação, não distanciamento.

Resposta: D

ESTRUTURA E PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Leia com atenção a tira abaixo e responda ao teste 1.



(Caco Galhardo, “Chico Bacon”, FSP, 13/9/2008)

1. (UNIMEP) – Na tirinha Chico Bacon, de Caco Galhardo, é correto afirmar que o termo “bafômetro” é

- um estrangeirismo cujo processo de formação se assemelha ao de “securitização”.
- um empréstimo de outra língua, com adaptações para o português.
- um neologismo formado por meio de um processo morfológico muito comum no português, semelhante ao que ocorre em “neoliberalismo”.
- uma gíria usada com frequência pelos falantes do português.
- um neologismo formado por meio de um processo morfológico comum no português, a composição por justaposição das palavras “bafo” e “metro”.

RESOLUÇÃO:

Resposta: E

Texto para a questão 2.

As expressões difundidas pelos politicamente corretos estão presentes, principalmente, na militância gay e no movimento negro. A Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT) editou uma cartilha para educadores e outra para comunicadores, em que sugere quais palavras devem ser usadas. Exemplo disso é a troca de “homossexualismo” por “homossexualidade”. O argumento é forte. Em 1996, a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou o homossexualismo da lista de doenças. Por isso, o sufixo “ismo” (que remete a doenças) não teria mais sentido. (Isto é, 5/9/2008)

2. (INSPER) – Em “... o sufixo ‘ismo’ (que remete a doenças)...”, mostra-se o papel desse elemento na produção de efeitos de sentido. Nas alternativas abaixo, o sufixo “ismo” tem sentido pejorativo, o que confirma o comentário do autor, **exceto** em:

- Com o bairrismo entre paulistas e cariocas, o futebol de outros estados sempre ficou de lado e, algumas vezes, tem pouco destaque, principalmente no noticiário.
- Cresce a oferta de produtos que contêm componentes que atuam sobre o metabolismo, reduzindo risco de doenças como o câncer.
- Fanatismo religioso ou convicções ideológicas rígidas são os vírus mais poderosos da cegueira social.
- O técnico apontou como um dos problemas de seu time, na etapa final, o excesso de preciosismo de alguns jogadores.
- Depois de mais de meio século de isolacionismo, o Japão mostra que a China não é o país a fazer opções estratégicas que determinarão o futuro da Ásia.

RESOLUÇÃO:

Resposta: B

Texto para as questões de 3 a 5.

1 *Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não*
 2 *vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não*
 3 *tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim*
 4 *exagerado é partilhado por todos vós. Nós somos irmãos, nós*
 5 *nos sentimos parecidos e iguais; nas cidades, nas aldeias, nos*
 6 *povoados, não porque soframos, com a dor e os desprazeres, a*
 7 *lei e a polícia, mas porque nos une, nivela e agrêmia o amor da*
 8 *rua. É este mesmo o sentimento imperturbável e indissolúvel, o*
 9 *único que, como a própria vida, resiste às idades e às épocas.*
 10 *Tudo se transforma, tudo varia – o amor, o ódio, o egoísmo.*
 11 *Hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a ironia. Os séculos*
 12 *passam, deslizam, levando as coisas fúteis e os acontecimentos*
 13 *notáveis. Só persiste e fica, legado das gerações cada vez*
 14 *maior, o amor da rua.*

(João do Rio, *A Alma Encantadora das Ruas*)

3. (FUVEST) – Em “...nas cidades, nas aldeias, nos povoados...” (linha 5); “hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a ironia” (linhas 10 e 11) e “...levando as coisas fúteis e os acontecimentos notáveis” (linha 12), ocorrem, respectivamente, os seguintes recursos expressivos:

- eufemismo, antítese e metonímia.
- hipérbole, gradação, eufemismo.
- metáfora, hipócrise e inversão.
- gradação, inversão, antítese.
- metonímia, hipócrise e metáfora.

RESOLUÇÃO:

A enumeração “cidades”, “aldeias” e “povoados” configura gradação decrescente (do maior para o menor). Há inversão ou hipócrise no trecho “hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a ironia”, pois a ordem direta do trecho seria: O riso é mais amargo hoje, a ironia mais dolorosa. Há antíteses nos pares: “riso”/“dolorosa”, “fúteis”/ “notáveis”.

Resposta: D

4. (FUVEST) – No texto, observa-se que o narrador se
- equipara ao leitor, por meio de sentimentos diversos como o amor, o ódio e o egoísmo.
 - distancia do leitor, porque o amor à rua, assim como o ódio e o egoísmo, é passageiro.
 - identifica com o leitor, por meio de um sentimento perene, que é o amor à rua.
 - aproxima do leitor, por meio de sentimentos duradouros como o amor à rua e o ódio à polícia.
 - afasta do leitor, porque, ao contrário deste, valoriza as coisas fúteis.

RESOLUÇÃO:

O narrador de 1.^a pessoa expressa seu amor pela rua e supõe que esse sentimento seja partilhado pelo leitor, afirmando tratar-se de emoção que “resiste às idades e às épocas”, sendo, portanto, “um sentimento perene”.

Resposta: C

5. (FUVEST) – Prefixos que têm o mesmo sentido ocorrem nas seguintes palavras do texto:

- íntima / agremia.
- resiste / deslizam.
- desprazeres / indissolúvel.
- imperturbável / transforma.
- revelado / persiste.

RESOLUÇÃO:

Os prefixos latinos *des-* e *in-* indicam oposição ou negação.

Resposta: C

Leia os versos do poeta Manoel de Barros.

*Ele só andava por lugares pobres
E era ainda mais pobre
Do que os lugares pobres por onde andava.
.....
O homem usava um dólmã de lã sujo de areia
e cuspe de aves.
Mas ele nem tô aí para os estercos.
Era desorgulhoso.
Para ele a pureza do cisco dava alarme.
E só pelo olfato esse homem descobria as cores do
amanhecer.*

6. (FGV) – Quanto ao processo de formação de palavras, nos versos há um neologismo, criado por meio de prefixo e de sufixo, e uma palavra formada por parassíntese. Trata-se, respectivamente, de
- tô e descobria.
 - dólmã e estercos.
 - pureza e alarme.
 - desorgulhoso e amanhecer.
 - cuspe e olfato.

RESOLUÇÃO:

Des-orgulh-oso é o neologismo formado por prefixação a partir do adjetivo *orgulhoso*, ele mesmo formado por sufixação, e *amanhecer* é parassíntese porque se forma por meio da prefixação e sufixação simultâneas de *manhã*.

Resposta: D

Quadrinho e texto para a questão 7.



(www2.uol.com.br/glauco. Adaptado.)

Foi o que bastou para que o súdito de Sua Majestade se visse arrastado por uma onda de irresistível nostalgia. Mas nada de Pampulha, Serra do Curral, Praça da Liberdade, Rua do Amendoim, essas belorizontices: a lembrança mais forte que Michael guardava da capital mineira, vinte anos depois, era de uma empadinha.

(Humberto Werneck, *O espalhador de passarinhos*.)

7. (FGV)

- Considerando os valores afetivos da linguagem, comente o sentido assumido pelas palavras *morandinho* e *empadinha*, extraídas respectivamente da tira e do texto.

RESOLUÇÃO:

Em *morandinho*, o diminutivo acrescenta ao sentido da palavra dois aspectos semânticos: (1) “atenuação” – como se, assim expresso, o incômodo acarretado à mãe fosse menor, e (2) “valorização afetiva” – sugerindo a relação emocional da mãe com seu “inquilino” forçado. Em *empadinha*, o diminutivo sugere “familiaridade” e “valorização afetiva”.

- Em português, a ideia de diminuição das proporções, manifestada pelos sufixos próprios dos diminutivos, em sua forma, caracteriza o grau dos substantivos. Aplique essa regra às palavras *morandinho* e *empadinha*, apresentando comentários pertinentes.

RESOLUÇÃO:

Em *morandinho*, o diminutivo, apesar de coloquial, é inteiramente irregular, pois se trata de uma flexão verbal, ainda que de forma nominal do verbo: o gerúndio. O sufixo diminutivo, aqui, guarda de seu sentido original a ideia de “atenuação”, além do encarecimento afetivo que implica. Em *empadinha*, o sufixo se liga regularmente a um substantivo e, além de seu sentido básico – pois *empadinha* é, necessariamente, “empada pequena” –, acrescenta-lhe a carga afetiva que justifica sua fixação na memória do inglês de que fala o cronista.

Texto para a questão 8.

CAPITULAÇÃO

*Delivery
Até pra telepizza
É um exagero.
Há quem negue?
Um povo com vergonha
Da própria língua
Já está entregue.*

(Luis Fernando Verissimo)

8. (FUVEST)

a) O título dado pelo autor está adequado, tendo em vista o conteúdo do poema? Justifique sua resposta.

RESOLUÇÃO:

O título “Capitulação” é inteiramente adequado ao conteúdo do poema, que se refere à “invasão” de anglicismos (americanismos) na língua portuguesa corrente no Brasil.

b) O exagero que o autor vê no emprego da palavra “delivery” se aplicaria também a “telepizza”? Justifique sua resposta.

RESOLUÇÃO:

“Telepizza” é um neologismo formado com um empréstimo linguístico já há muito incorporado ao português (italiano *pizza*) e o prefixo (grego) *tele-*, corrente na língua. Portanto, não se trata do mesmo fenômeno de “capitulação” que se vê em *delivery*, pois aqui se substituiu uma palavra corrente na língua (“entrega”) por um estrangeirismo da moda.

Texto para as questões de 9 a 11.

1 A ideia de que as letras se destinam, exclusivamente, à
2 motivação de fatos emocionais ou ao prazer lúdico do homem
3 domina o juízo comum a respeito. No entanto, isso é um grande
4 erro. As letras enriquecem o conhecimento com a mesma força,
5 ainda que sob ângulos diversos, com que se apresentam os
6 recursos científicos e os aperfeiçoamentos tecnológicos. Hoje, o
7 estudo das letras se coloca na mesma posição intelectual que faz
8 a justa glória dos pesquisadores e professores da área científica.

(Afrânio Coutinho)

9. (FGV) – O trecho “ainda que sob ângulos diversos” introduz uma ideia de teor

- a) concessivo.
- b) causal.
- c) conclusivo.
- d) condicional.
- e) comparativo.

RESOLUÇÃO:

Ainda que é uma locução conjuntiva concessiva, pois implica a admissão (“concessão”) de uma afirmação que, em alguma medida, contraria a afirmação principal.

Resposta: A

10. (FGV) – Constitui exemplo de parassíntese – adição simultânea de prefixo e sufixo a um dado radical – a seguinte palavra do texto:

- a) “destinam”.
- b) “enriquecem”.
- c) “científicos”.
- d) “aperfeiçoamentos”.
- e) “tecnológicos”.

RESOLUÇÃO:

Enriquecem forma-se com a adição simultânea de prefixo (*en-*) e sufixo (*-ec-*) ao radical *ric-* (*riqu-*).

Resposta: B

11. (FGV) – Considerado o contexto, na oração “com que se apresentam os recursos científicos e os aperfeiçoamentos tecnológicos” (L. 5 e 6), pode-se usar a preposição “de” em lugar de “com”, se o verbo for substituído por

- a) se revestem.
- b) se exibem.
- c) se mostram.
- d) se manifestam.
- e) se dão a conhecer.

RESOLUÇÃO:

Revestir-se rege a preposição *de*.

Resposta: A

CRASE – REGRA, OCORRÊNCIA E NÃO OCORRÊNCIA

CRASE

Para que haja *crase* (fusão de dois fonemas idênticos: a + a = à), é preciso detectarmos se o termo que a antecipa (o regente) pede preposição “a” e se o termo que a segue (o regido) é precedido ou não de artigo feminino “a”, ou de qualquer outro fonema “a” (a qual, as quais, aquele[s], aquela[s], aquilo).

Exemplo:

O bedel *dirigiu-se à secretaria da escola.*

Portanto, havendo preposição “a” junto ao **regente** e o artigo feminino “a” antes do **regido**, ocorrerá obrigatoriamente a presença da crase.

Outros exemplos:

Alguém se referiu à tristeza que havia no seu olhar.

↑
a + a

Ele pediu à filha mais velha que o ajudasse.

↑
a + a

Quando cheguei à cantina, percebi que ela estava vazia.

↑
a + a

Obviamente, se não ocorrerem a preposição “a” e o artigo feminino “a”, não haverá crase.

Exemplo:

Não entendo a indiferença de meu pai.

(Não entendo o silêncio de meu pai.)

OCORRE CRASE

(1) Nas locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas femininas.

Exemplos:

à noite, à tarde, à vontade, à vista, à direita, à toa, às claras, às escondidas, às ocultas, às vezes, às pressas, à espera de, à custa de, à procura de, à cata de, à vista de, à medida que, à proporção que etc.

(2) Nas expressões adverbiais indicando o número de horas.

Exemplos:

à uma hora, às duas horas, às vinte horas etc.

(3) Na expressão *à moda de*, mesmo que a palavra “moda” esteja oculta.

Exemplos:

– *bife à (moda) milanesa;*
– *estilo à (maneira de) Rui Barbosa.*

(4) Antes dos pronomes pessoais de tratamento: *senhora, senhora, dona e madame*. Esses pronomes admitem artigo e poderão aparecer precedidos de crase.

Exemplos:

Agradeço à senhora a oportunidade que me foi dada.

Peço à senhorita que refaça o teste...

(5) a) Antes de topônimos que admitem artigo.

Exemplo:

Fui à Bahia.

b) Antes de topônimos determinados que não admitem artigo.

Exemplo:

Fui à Roma do Papa.

(6) Antes das palavras *casa, terra* e *distância de* – quando determinadas.

Exemplos:

Voltei à casa de meus tios.

Fique à distância de 10 metros!

Fomos à terra de meus avós.

(7) Antes dos pronomes relativos.

A qual, as quais, por serem iniciados pelo fonema **a**, receberão o acento grave indicador da crase, desde que o termo regente peça preposição **a**.

Exemplos:

Gostei da peça à qual você fez referência.

Não conheço as pessoas às quais ele não perdoou nunca.

(8) Antes dos pronomes demonstrativos.

Sempre que o regente admitir preposição **a**, haverá a fusão dessa preposição com o fonema **a** dos pronomes demonstrativos:

– **aquele(s), aquela(s), aquilo**

– **a, as** (= aquela, aquelas)

Exemplos:

Ninguém se referiu àquele erro que eu cometi.

Esta camiseta é igual à que meu irmão ganhou da namorada.

CRASE FACULTATIVA

Pode ou não ocorrer crase:

a) Antes de nomes próprios de pessoas femininas.

Exemplo:

Refiro-me a (à) Maria Fernanda Cândido...

b) Antes de pronomes possessivos femininos.

Exemplo:

Dirigi-me a(à) minha tia para pedir-lhe a foto.

c) Depois da preposição *até*.

Exemplo:

Fomos até a (à) lojinha da esquina.

1. Coloque devidamente o acento grave indicador de crase, quando for necessário.

a) Assistimos a orquestra sinfônica no espaço cultural. A renda do espetáculo será usada para assistir as famílias atingidas pela enchente.

RESOLUÇÃO: à orquestra, às ou as famílias.

b) Muitos aspiram a entrar na faculdade, pois visam a uma vida melhor.

RESOLUÇÃO: sem crase.

c) A peça de teatro, só assistirei a ela se derem um convite a você também.

RESOLUÇÃO: à peça de teatro.

d) Dirigiu-se a delegacia, esperou horas e chegou a universidade muito tarde.

RESOLUÇÃO: à delegacia, à universidade.

e) Atitudes insensatas conduzem a mocidade a rebeldia.

RESOLUÇÃO: à rebeldia.

f) Fui a Maceió e a Bahia.

RESOLUÇÃO: à Bahia.

g) Procedeu-se a leitura do nome dos aprovados.

RESOLUÇÃO: à leitura.

h) Chegaram a cidade a tarde e, a noite, foram a praça da igreja matriz.

RESOLUÇÃO: à cidade, à tarde, à noite, à praça.

i) Desobedeceram a lei e adaptaram motor a gás nos carros.

RESOLUÇÃO: à lei.

j) O homem infiel a esposa exige fidelidade da amante.

RESOLUÇÃO: à esposa.

k) Paguei a dívida a dentista a vista.

RESOLUÇÃO: à dentista, à vista.

l) Era uma criança indócil aos pais e a disciplina.

RESOLUÇÃO: à disciplina.

m) Tenho aqui um convite a Vossa Senhoria: comer bife a Camões e camarão a baiana.

RESOLUÇÃO: à Camões, à baiana.

n) Entregam a mim o relatório completo as duas horas da tarde.

RESOLUÇÃO: às duas horas da tarde.

o) Informem a ela: sábado não atenderemos a encomendas entre as 12 e as 16 horas.

RESOLUÇÃO: não ocorre crase.

p) Todos devem ir a Ouro Preto de Aleijadinho e a Copacabana de Vinicius de Moraes.

RESOLUÇÃO: à Ouro Preto, à Copacabana.

q) O escritório ficava aberto das 8 as 18 horas, de segunda a sexta.

RESOLUÇÃO: das 8 às 18 horas.

r) Ficamos a espera do cumprimento das promessas do senador que se elegeu a custa de nosso empenho.

RESOLUÇÃO: à espera, à custa.

2. (FUVEST) – A frase em que todos os vocábulos destacados estão corretamente empregados é:

a) Descobriu-se, **há** instantes, a verdadeira razão **por que** a criança se recusava **à** frequentar a escola.

b) Não se sabe, de fato, **porquê** o engenheiro preferiu destruir o pátio **a** adaptá-lo **às** novas normas.

c) Disse-nos, já **a** várias semanas, que explicaria o **porque** da decisão tomada **às** pressas naquela reunião.

d) Chegava tarde, **porque** precisava percorrer **a** pé uma distância de dois **à** três quilômetros.

e) Não prestou contas **à** associação de moradores, não compareceu **à** audiência e até hoje não disse **por que**.

RESOLUÇÃO:

Erros: a) “à frequentar” – não ocorre crase antes de infinitivo; b) “porquê” – em interrogação indireta, a forma deveria ser por que; c) “a várias semanas” – a preposição está no lugar do verbo impessoal há; d) “à três quilômetros” – não se justifica a crase.

Resposta: E

3. (ESPM) – Em todas as frases abaixo, está presente o acento grave, indicador da ocorrência de **crase**. Em uma delas o acento foi usado **indevidamente** (de forma proposital em razão da questão). Assinale-a.

a) O ataque terrorista **à** sede da ONU em Bagdá demonstra insanidade do terrorismo agora globalizado.

b) O terrorismo deve ser repellido como grave ameaça à civilização e **à** comunidade dos povos.

c) **Às** vésperas do 11 de setembro, as lições da tragédia devem motivar os países para ações conjuntas.

d) Há muitos mercados emergentes **à** beira do colapso.

e) Conselho de Segurança da ONU expediu, logo após **à** ofensiva terrorista de 11 de setembro, leis mais rigorosas.

RESOLUÇÃO:

Há apenas artigo nesse caso.

Resposta: E

4. (FUVEST) – Para recorrer _____ decisão judicial, o grupo de mutuários inadimplentes _____ com as medidas processuais cabíveis na semana seguinte _____ do próximo feriado.

Os espaços dessa frase serão corretamente/adequadamente preenchidos por:

a) da / deverá estar entrando / à b) da / deverá entrar / à

c) à / deverão estar entrando / a d) com / deve entrar / depois

e) à / devem estar entrando / após

RESOLUÇÃO:

O verbo recorrer, na acepção em que foi empregado, rege a preposição de. O acento grave se justifica porque ficou elíptico o substantivo feminino semana.

Resposta: B

Nome _____

Unidade _____

Turma _____ Manhã Tarde Noite **3.º ANO**
MÓDULO 19

Proposta de redação adaptada da prova do vestibular do CEFET-MG (2.º semestre de 2012).

Mia Couto, escritor moçambicano, também é biólogo e desde 1996, ao lado de mais quatro amigos biólogos, realiza estudos sobre impacto ambiental.

Em uma entrevista dada à revista *National Geographic Brasil*, o escritor-biólogo afirmou o seguinte:

Nós nunca abordamos o ambiente como um conjunto de passarinhos e borboletas, e sim na sua relação com as pessoas. Dessa forma, tentamos escapar dessa armadilha, pois abordamos a questão ambiental não apenas em seu aspecto biológico, físico, mas também social.

Para mim, não existe ambiente que não seja humanizado e, por isso, muitas vezes, nossos inimigos são os próprios ecologistas fundamentalistas. Refiro-me a esse discurso de separação homem-natureza, de supervalorização dos biomas intactos. Por causa de um sapo ou de uma pequena ave age-se em detrimento do homem. É preciso resgatar a ecologia que interroga aquilo que são seus próprios pressupostos, não apenas do meio ambiente mas de tudo que está a sua volta, de sua relação com a economia, com a sociedade. É hora de resgatar uma ecologia que proponha novos modos de olhar o mundo, novas civilizações mais sustentáveis. Hoje, em nome da baleia, em nome do golfinho, o homem acaba por ser levado para o gueto. É preciso salvar os animais, as plantas, mas também devemos salvar as pessoas, dentro de um sistema de vida que não as empurre para a miséria.

Na seção “Fórum” da revista *National Geographic Brasil* do mês seguinte ao da publicação da entrevista, uma leitora se posicionou a respeito das ideias defendidas por Mia Couto com o seguinte comentário:

Achei superficial a entrevista com Mia Couto. Dizer que a natureza tem de se adaptar ao homem? O ser humano apenas existe em função da fauna e da flora. Nós é que dependemos dos animais e das plantas para sobreviver. O que precisa ser feito é um controle da natalidade em todo o mundo para que assim possamos achar um equilíbrio. (Myrna Machado, Recife, PE.)

Redija um texto dissertativo, manifestando sua opinião sobre a relação do homem moderno com a natureza, a partir dos posicionamentos de Mia Couto e Myrna Machado.

REGRAS ESPECIAIS DE CRASE

1. Coloque devidamente o acento indicador de crase, quando for necessário.

a) A montanha ficava a distância de 100 quilômetros do vilarejo.

RESOLUÇÃO: à distância.

b) Aquela distância, ficava difícil divisar a aldeia de pescadores.

RESOLUÇÃO: àquela.

c) Ficou a distância, esperando a saída dos que estavam a bordo do navio.

RESOLUÇÃO: não ocorre crase.

d) Dirigiram-se a cidade que ficava a quatro quilômetros de distância.

RESOLUÇÃO: à cidade.

e) Escreveram uma carta a Gisele Bündchen.

RESOLUÇÃO: facultativo (à/a).

f) Ela deve chegar a casa antes da meia-noite.

RESOLUÇÃO: não ocorre crase.

g) Dizia a todos que voltaria a terra natal, a pátria amada.

RESOLUÇÃO: à terra, à pátria.

h) Em represália a prisões, deram apoio as invasões.

RESOLUÇÃO: às invasões.

i) Houve adesão do público jovem a marca a qual me referi.

RESOLUÇÃO: à marca, à qual.

j) Ela fez um sinal sugestivo aquele rapaz.

RESOLUÇÃO: àquele.

k) Esperou até a véspera, para dizer que não iria a casa de Pedro.

RESOLUÇÃO: à/a véspera, à casa.

l) A situação em que me encontro é semelhante a que você superou.

RESOLUÇÃO: à que.

m) As vezes, o fenômeno a que aludi é visível a noite a olho nu.

RESOLUÇÃO: às vezes, à noite.

2. (CÁSPER LÍBERO) – Não dedicamos este trabalho ___ uma pessoa, mas ___ todas que nele encontrem soluções. Nossos leitores são ___ recompensa maior. _____ que se lançarem ___ releitura descobrirão muito mais ___ cada página.

Assinale a alternativa em que os acentos de crase aparecem empregados **corretamente**:

a) à, à, a, Àqueles, à, à. b) a, à, a, Àqueles, a, à.

c) a, a, a, Àqueles, à, a. d) a, a, a, Aqueles, à, a.

e) à, à, a, Aqueles, à, a.

RESOLUÇÃO:

Resposta: D

3. (PUC) – Em referência ao trecho *Se a prática leva à perfeição...*, acerca da crase (no caso, a junção da preposição **a** com o artigo feminino **a**), é linguisticamente adequado afirmar que sua ocorrência é

a) inadequada, pois, além de não haver junção de preposição com artigo, não altera o sentido do que é dito.

b) facultativa, porque, mesmo havendo a junção de preposição com artigo, não altera o sentido do que é dito.

c) necessária, pois, além de haver a junção de preposição com artigo, sugere que a prática seja resultante da perfeição.

d) necessária, pois, além de haver a junção de preposição com artigo, sugere que a perfeição seja resultante da prática.

e) facultativa, porque, indiferentemente de haver ou não junção de preposição com artigo, crase é uma questão estilística.

RESOLUÇÃO:

O verbo *levar*, no sentido de "conduzir", é transitivo indireto e rege a preposição *a*. A fusão da preposição com o artigo feminino *a*, de *a perfeição*, produz a crase, que é graficamente marcada pelo acento grave.

Resposta: D

4. (ENEM-2011-2.ª APLICAÇÃO)



(Disponível em: <http://ziraldo.blogtv.uol.com.br>.

Acesso em: 27/7/2010.)

O cartaz de Ziraldo faz parte de uma campanha contra o uso de drogas. Essa abordagem, que se diferencia das de outras campanhas, pode ser identificada

a) pela seleção do público alvo da campanha, representado, no cartaz, pelo casal de jovens.

b) pela escolha temática do cartaz, cujo texto configura uma ordem aos usuários e não usuários: diga não às drogas.

c) pela ausência intencional do acento grave, que constrói a ideia de que não é a droga que faz a cabeça do jovem.

d) pelo uso da ironia, na oposição imposta entre a seriedade do tema e a ambiência amena que envolve a cena.

e) pela criação de um texto de sátira à postura dos jovens, que não possuem autonomia para seguir seus caminhos.

RESOLUÇÃO:

Resposta: C

5. (ESPM-2012) – Assinale o item em que o **acento grave** (indicador da crase) não deveria ser empregado:

- a) Da Ásia à América, passando pela Europa, as Bolsas registraram quedas significativas.
- b) O pessimismo domina os investidores em relação à economia, em especial nos países mais desenvolvidos.
- c) Militares criticam escolha de diplomata à frente do ministério das Forças Armadas.
- d) O governo quer mudar a regulamentação para aumentar os recursos destinados à casa própria.
- e) A reportagem acompanhou as menores de rua na Vila Mariana desde às 9 horas da manhã.

RESOLUÇÃO: Depois de preposição (*desde*), emprega-se artigo: *desde as 9 horas*. Resposta: E

6. (CÁSPER LÍBERO) – Em todas as frases abaixo, extraídas do jornal *Folha de S.Paulo* (7/3/2003), está presente o acento grave, indicador da ocorrência de crase. Em uma delas o acento foi usado **indevidamente** (de forma proposital em razão da questão). Assinale-a.

- a) *China se alinha aos opositores à guerra.*
- b) *A França está alinhada à Rússia, embora evite falar em veto.*
- c) *Em resposta à oposição de três dos cinco países com poder de veto no conselho...*
- d) *Estamos dispostos à incluir sugestões construtivas no projeto de resolução, declarou Jack Straw, chanceler britânico.*
- e) *... as grandes potências que integram o Conselho de Segurança levaram as Nações Unidas à beira da paralisia e impotência...*

RESOLUÇÃO:

Resposta: D

7. (ESPM) – Em todas as frases abaixo, está presente o acento grave indicador da ocorrência de crase. Somente em uma delas o acento foi usado corretamente. Assinale-a:

- a) Após visita à países, Secretário-Geral diz que discrepância entre Bogotá e Quito seguem.
- b) Governador de NY renuncia após escândalo. Ele deixa o posto à partir da próxima segunda-feira.
- c) Combates em Bagdá já deixaram pelo menos 300 mortos de domingo à sexta-feira.
- d) Com um dos piores índices de popularidade, a administração Bush fica à espera da história.
- e) Os ataques do 11 de Setembro e a necessidade de evitar — à qual-quer custo — novas agressões justificam a Guerra do Iraque.

RESOLUÇÃO:

Resposta: D

8. (UNIFESP) – Leia o texto.

>> GRIPE A

Escolas particulares e públicas no Paraná voltam às aulas na segunda-feira

Com a decisão tomada nesta quinta-feira, às aulas de creches, ensino fundamental e médio, pré-vestibulares e universidades particulares serão retomadas na próxima semana

(*Gazeta do povo*, 13.8.2009.)

No texto, há um erro que se corrige com a substituição de

- a) *voltam* por *volta*.
- b) *voltam às aulas* por *voltam as aulas*.

c) *Com a decisão* por *Pela decisão*.

d) *às aulas de creches* por *as aulas de creches*.

e) *próxima semana* por *semana seguinte*.

RESOLUÇÃO: Nada justifica a crase do *as* em *as aulas...* serão retomadas. Portanto, o erro está no acento grave, indicativo de crase.

Resposta: D

9. (FGV-2012) – Considerando a norma-padrão quanto ao uso ou não do sinal indicativo de crase, à concordância nominal e verbal e à conjugação de verbo, assinale a alternativa que preenche correta e respectivamente as lacunas.

Vá _____ uma loja Olhares e saia de óculos _____ ... Já _____ quase 90 anos trabalhando com os menores preços. Se você _____ outra oferta igual, o produto sai de graça.

- a) à – novo – são – ver
- b) a – novos – é – ver
- c) a – novos – são – vir
- d) à – novo – são – vir
- e) a – novo – é – vir

RESOLUÇÃO: Não ocorre crase antes de artigo indefinido (*uma*), pois a crase seria a fusão da preposição *a* com o artigo definido *a*. *Óculos* é palavra plural. *São* concorda com *90 anos*. *Vir* é o futuro do subjuntivo de *ver*, pois esse tempo se forma com o radical do perfeito (*vi-*).

Resposta: C

Texto para as questões 10 e 11.

As viagens dos turistas para lá despontaram com o final do apartheid (termo referente _____ leis que impunham a segregação racial, separando brancos de negros). Em 1994, quando aconteceram _____ primeiras eleições democráticas no país, apenas 3,9 milhões de estrangeiros tinham chegado oficialmente _____ África do Sul.

(Planeta, jul. 2010. Adaptado.)

10. (FGV) – Levando-se em conta a necessidade ou não de se utilizar a crase, a alternativa que preenche corretamente as lacunas do texto é

- a) as – às – a
- b) as – as – à
- c) às – às – à
- d) às – as – à
- e) as – as – a

RESOLUÇÃO:

Ocorre crase na primeira lacuna, pois existe a junção da preposição *a*, exigida pelo adjetivo *referente*, com o artigo *as* que acompanha o substantivo *leis*. Não ocorre crase na segunda lacuna, pois há nela apenas o emprego do artigo *as*, ligado ao substantivo *eleições*, sujeito de *aconteceram*. Ocorre crase na terceira lacuna, pois há nela a junção da preposição *a*, exigida pelo verbo *chegar* (“*tinham chegado*”), com o artigo *a* que acompanha o topônimo *África do Sul*.

Resposta: D

11. (FGV) – Por se tratar de fragmento, o texto não traz o antecedente do advérbio *lá*. É possível, no entanto, identificá-lo como sendo a África do Sul, não apenas porque esse país é nomeado ao final, mas também

- a) pela referência à existência de negros no país.
- b) pela alusão ao *apartheid* ou segregação racial.
- c) pela menção à quantidade de estrangeiros.
- d) pela circunstância de ser um país democrático.
- e) pelo acentuado afluxo de turistas ao país.

RESOLUÇÃO: É possível afirmar que a referência do advérbio *lá* é *África do Sul* pelo fato de ter este sido o único país onde ocorreu o *apartheid*. Resposta: B

8. (FUVEST) – Chamar o dicionário de pai dos burros é que é burrice. Reconhecer um desconhecimento não é uma virtude? Se a burrice costuma vir sempre acompanhada da insolência, a inteligência não dispensa a força da humildade.

a) Reescreva os dois primeiros períodos, substituindo os verbos *chamar* e *reconhecer* por substantivos que não sejam da mesma família desses verbos. Faça apenas as adaptações necessárias, mantendo o sentido original.

RESOLUÇÃO:

A designação (ou qualificação) do dicionário de (como) pai dos burros é que é burrice. A confissão (ou aceitação) de um desconhecimento não é uma virtude?

No texto, chamar equivale a "designar", "qualificar"; reconhecer está empregado no sentido de "confessar", "aceitar".

b) Reescreva o último período do texto, utilizando agora as formas “não costuma” e “dispensa”. Faça apenas as alterações necessárias, mantendo o sentido original.

RESOLUÇÃO:

Se a inteligência não costuma vir sempre acompanhada da insolência, a burrice dispensa a força da humildade.

9. (UNIP) – Assinale a alternativa que completa respectiva e corretamente as lacunas.

- I. Ontem houve uma _____ extraordinária no Congresso.
II. A _____ de calçados fica no 2.º andar.
III. Não se opuseram à _____ das áreas improdutivas aos sem-terra.

- a) sessão – seção – cessão
b) sessão – cessão – seção
c) secção – sessão – seção
d) cessão – secção – sessão
e) secção – seção – seção

RESOLUÇÃO:

Resposta: A

10. (FUVEST) – Dos termos destacados nas frases abaixo, o **único que está inadequado** ao contexto ocorre em:

- a) O mundo está na **iminência** de enfrentar o recrudescimento da fome devido à escassez de alimentos.
b) Para atender a todos os interessados no concurso, foi preciso **dilatar** o prazo das inscrições.
c) Ao fazer cópias de músicas e filmes pela internet, é preciso ter cuidado para não **infringir** a lei.
d) O município que se tornou símbolo da **emigração** brasileira para os EUA tenta se adaptar ao movimento migratório inverso.
e) A cobrança de juros excessivos, com o objetivo de **aferrir** lucro exagerado, desestimula o crescimento da produção.

RESOLUÇÃO:

*A palavra adequada é **auferir** (“ter como resultado, obter, conseguir”) e não **aferrir** (“cotejar medidas com os respectivos padrões, avaliar, examinar a exatidão dos instrumentos que servem para pesar”).*

Resposta: E

11. (IME) – A **imigração** na cafeicultura começa com **péssimos resultados**.

Imigração – Estabelecimento de indivíduos em país estrangeiro.

Emigração – Saída voluntária da pátria, para se estabelecer em outro país.

São parônimos os vocábulos de pronúncia e grafia semelhantes, mas que possuem significados diferentes.

O item em que o vocábulo parônimo destacado está de acordo com o significado apresentado entre parênteses é:

- a) Alguns políticos pretendem **discriminar** o aborto. (inocentar)
b) **Cassaram** o mandato do presidente daquela empresa. (anular)
c) Resolveram **retificar** o seu visto de entrada em nosso país. (confirmar)
d) O caso foi resolvido logo em primeira **estância**. (jurisdição)
e) **Infligir** leis de trânsito pode acarretar a prisão do veículo e do condutor. (desrespeitar)

RESOLUÇÃO:

a) discriminar = diferenciar; inocentar = descriminar.

c) retificar = corrigir; confirmar = ratificar.

d) estância = fazenda; jurisdição = instância.

e) infligir = aplicar pena; desrespeitar = infringir.

Resposta: B

12. (UFPR) – Assinale a alternativa em que a expressão entre parênteses veicula significação equivalente à expressão destacada do enunciado.

- a) A **perspicácia** é uma qualidade de quem é observador, atento a tudo que está a sua volta. (curiosidade)
b) Esta situação **dissuadiu** investidores de investir na empresa, tal como foi evidenciado pelas dificuldades da empresa na obtenção de empréstimos bancários. (convenceu)
c) Discute-se a hipervalorização das artes e humanidades **em detrimento** das ciências “duras” e da engenharia, e a consequência do processo para o desenvolvimento tecnológico, científico e cultural do país. (no lugar)
d) Existem expressões que, **não obstante** terem um sentido jurídico, constituem termos da linguagem comum. (apesar de)
e) O existencialismo é, **grosso modo**, uma filosofia que põe em destaque a liberdade do homem. (de forma pouco polida)

RESOLUÇÃO:

Resposta: D

13. (CÁSPER LÍBERO) – Assinale a alternativa em que a grafia da palavra destacada está em dissonância com o sentido que ela apresenta na frase.

- a) Vinte anos me **infligiu** de cruciante agonia.
b) Ele ofereceu à namorada um buquê de flores **fragrantes**.
c) A relva baixa resguarda e entretém a vida **insipiente** das árvores.
d) A **cessão** dos direitos autorais continua sendo um problema.
e) Promoveram uma festa **beneficente** para arrecadação de fundos.

RESOLUÇÃO:

*Insipiente significa “ignorante, tolo, néscio, imprudente, insensato”. A palavra que caberia no contexto seria **incipiente**: “que inicia, que está no começo”.*

Infligir significa “aplicar, impor, causar”; fragrantes, “perfumadas”; cessão, “ato ou efeito de ceder”; beneficente, “caritativo”.

Resposta: C